



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

CONCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE BOMBOM, DISTRITO DE MÉ-ZOCHI-S. TOMÉ E PRINCIPE.

IVETE DA GRAÇA DOS SANTOS LIMA CORREIA, N. °38914

Orientação: Prof. Doutora Marília Evangelina Sota Favinha

Mestrado em Ciências da Educação

Área de especialização: Administração, Regulação e Políticas Educativas

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

CONCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE BOMBOM, DISTRITO DE MÉ-ZOCHI-S. TOMÉ E PRINCIPE.

IVETE DA GRAÇA DOS SANTOS LIMA CORREIA, N. °38914

Orientação: Prof. Doutora Marília Evangelina Sota Favinha

Mestrado em Ciências da Educação

Área de especialização: Administração, Regulação e Políticas Educativas

Évora, 2018



EQUIPA DO JURÍ:

Presidente: Professora Dr^a Maria deLurdes Moreira

Escola de Ciências Sociais/School of Social Sciences

Departamento de Pedagogia e Educação

Universidade de Évora

Arquente: Professora Sara Pereira

Escola de Ciências Sociais/School of Social Sciences

Departamento de Pedagogia e Educação

Universidade de Évora

Orientadora- Professora Doutora Marília Evangelina Sota Favinha

Escola de Ciências Sociais/School of Social Sciences

Departamento de Pedagogia e Educação/Department of Education and Pedagogy

Diretora do Mestrado em Ciências da Educação: Administração, Regulação e Políticas
Educativas

Centro de Investigação em Educação e Psicologia/Center for Research in Education and
Psychology

Universidade de Évora

Agradecimentos

Na presente dissertação contei com o apoio, direto ou indireto, de múltiplas pessoas e instituições às quais estou profundamente grata. Correndo o risco de injustamente não mencionar algum dos contributos quero deixar expresso os meus agradecimentos:

Primeiramente a DEUS e ao SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO ALTAR pelo dom da vida e da sabedoria.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Marília Favinha, pela orientação prestada, pelo seu incentivo, ajuda, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou. Aqui lhe exprimo a minha gratidão.

A todos os amigos e colegas que direta ou indiretamente, contribuíram ou auxiliaram na elaboração do presente estudo, pela paciência, atenção e força que prestaram em momentos menos fáceis.

Ao Diretor da Escola Secundaria de Bombom pela colaboração, prontidão, e disponibilidade para que, eu pudesse aplicar os questionários aos professores e professoras agradeço a vossa atenção e paciência, sem vós a recolha desses dados teria sido impossível. Por isso muito obrigado.

A professora Ana Pires, pelo apoio prestado sempre pronta e disponível para ajudar.

Ao meu marido e os meus filhos por ter caminhado ao meu lado, pela paciência, compreensão e ajuda prestada durante a elaboração da presente dissertação, especialmente por apresentar sempre um sorriso, quando sacrificava os dias, as noites, os fins de semanas e os feriados em prol da realização deste estudo.

Dedicatória

Às pessoas mais presentes em minha vida.

*À MINHA MÃE, pelo exemplo de vida estarás sempre no meu coração onde quer que
estejas*

MEU PAI, o mais amigo, o mais generoso, o mais carinhoso de todos os pais

ETERNO DESCANSO

Uma vez que a guerra nasce na mente dos homens.

É na mente dos homens

Que devem surgir os baluartes da paz

(UNESCO,2014)

Índice Geral

Agradecimentos	4
Dedicatória	5
Índice Geral.....	7
Índice de Gráficos.....	11
Índice de Tabelas	13
Lista de Abreviaturas.....	14
Resumo	15
Abstract	17
CONCEPTIONS AND REPRESENTATIONS OF TEACHERS ON VIOLENCE AT SCHOOL: THE CASE OF THE SECONDARY SCHOOL OF BOMBOM, DISTRICT OF MÉZOCHI-S. TOMÉ AND PRINCIPE	17
Introdução	19
Justificação do Tema	19
Questão de Partida e Objetivos da Investigação.....	21
Metodologia de Investigação.....	22
Organização Trabalho da Dissertação	23
Desenho da Investigação	25
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEORICO.....	26
Capítulo I.....	27

Evolução Histórica da Violência na Escola	27
1.1-A história natural da violência	27
1.2-Teoria explicativa sobre a violência na escola	28
1.3 - Conceito da violência na escola	30
1.3.1-Violência e a agressividade.....	32
1.3.2 - Violência e o conflito.	38
Capítulo II	41
Categoria da Violência	41
2.1 – A Violência.....	41
2.1.1 - Tipo de violência na escola.	42
2.1.2 - Característica do agressor e da vítima de bullying na escola.....	46
2.1.3 - Conduta e comportamento das vítimas de violência na escola.	51
Capítulo III.....	55
Fatores da Violência	55
3.1-Fatores que contribuem para a violência na escola	55
3.1.1 - Os Mídias e as novas tecnologias.....	58
3.1.2-A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico e social dos seus educandos.	58
3.2-Violência e as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.....	62
3.2.1-Indisciplina como fenómeno social.....	65
3.3 - A relação professor /aluno face a violência na escola.....	72

3.3.2-A escola e a sua função social.....	77
Capítulo IV.....	79
Sistema Educativo Santomense.....	79
4.1-Lei base do sistema educativo santomense.....	79
4.1.1-Conceito de escola.....	79
4.2-Enquadramento jurídico sobre a violência em São Tomé e Príncipe.....	82
4.2.1-Violência doméstica e violência baseada no género.....	84
4.3-Violência na escola em São Tomé e Príncipe.....	86
4.4-Função da família.....	89
4.4.1-A relação família e escola.....	91
PARTE II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	96
Capítulo V.....	97
Contextualização da Investigação.....	97
5.1- Dados socio-demográficos da população são-tomense.....	97
5.2 - Caraterização da comunidade da Vila de Bombom.....	98
5.3 - Caraterização da Escola Secundária de Bombom.....	98
Capítulo VI.....	102
Opções Metodológicas.....	102
6.1 - Natureza da investigação e instrumento utilizado.....	102
Capítulo VII.....	106
Apresentação e Interpretação dos Dados do Questionário.....	106

7.1- Inquéritos por questionários	106
7.2-Análise dos resultados dos inquéritos por questionário	107
Conclusões e Recomendações Finais.....	Erro! Marcador não definido.
Conclusões.....	138
Recomendações	140
Bibliografia e Referências Bibliográficas	Erro! Marcador não definido.
Legislação Consultada.....	150
Anexos.....	151
Anexo n.º 1 - Questionário para a elaboração de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação-Administração, Regulação e Políticas Educativas -2016/2018	151
Anexo n.º 2 - Distribuição do questionário	162
Anexo n.º 3 – Tabela de respostas	164
Apêndices.....	165
Apêndice A - : Solicitação para aprovação do questionário.....	165
Apêndice B - : Solicitação para aplicação um inquérito por questionário aos professores.....	166
Apêndice C - : Lei n.º 11/2008. Lei Sobre a Violência Domestica e Familiar - Lei n.º 12/2008. Lei Sobre o Reforço dos Mecanismos de Protecção Legal Devidas às Vítimas de Crimes de Violências Doméstica e Familiar.	167

Índice de Gráficos

<i>Gráfico 1.</i> Percentagem de professores que beneficiaram de bolsas de estudos	108
<i>Gráfico 2.</i> Nível de escolaridade dos professores da escola secundária de bombom.....	109
<i>Gráfico 3.</i> Percentagem dos professores com relação ao género (masculino e feminino)	110
<i>Gráfico 4.</i> Nível académico dos professores em percentagem por sexo	111
<i>Gráfico 5.</i> Anos de docência dos professores.....	112
<i>Gráfico 6.</i> Anos de experiência dos professores que lecionam na escola	113
<i>Gráfico 7.</i> Situação profissional dos professores	113
<i>Gráfico 8.</i> Período em que os professores trabalham.	114
<i>Gráfico 9.</i> Opinião dos professores sobre o tipo de conflito existente na escola.	115
<i>Gráfico 10.</i> Percentagem de professores que já participaram na formação de mediação de conflito.	116
<i>Gráfico 11.</i> Percentagem dos professores que responderam sobre a existência do gabinete de gestão de conflito na escola.....	117
<i>Gráfico 12.</i> Tipo de conflito que ocorre com maior frequência na escola.	118
<i>Gráfico 13.</i> Percentagem dos professores que já participaram numa formação sobre a violência na escola.....	119
<i>Gráfico 14.</i> -Percentagem de tipo de violência que se verifica mais na escola.....	120
<i>Gráfico 15.</i> Perceção dos professores sobre a violência na escola.....	122
<i>Gráfico 16.</i> Percentagem dos professores que assistiram um ato de violência na escola.....	123
<i>Gráfico 17.</i> Percentagem de tipo de violência mais registada na escola.	123
<i>Gráfico 18.</i> Razão que leva as crianças uma com as outras.	124
<i>Gráfico 19.</i> Quantos atos de violência correm por dia na escola.	126
<i>Gráfico 20.</i> Em que espaço da escola ocorre mais violência.	126
<i>Gráfico 21.</i> Opinião dos professores sobre a razão que levam os alunos a brigar uns com os outros na escola.....	127

<i>Gráfico 22.</i> Percentagem de pessoas que participam no ato de violência na escola.	128
<i>Gráfico 23.</i> Faixa etária em que ocorre mais violência na escola.	130
<i>Gráfico 24.</i> Opinião dos professores na resolução de conflito.	131
<i>Gráfico 25.</i> Opinião dos professores sobre as causas da violência na escola.	132
<i>Gráfico 26.</i> Ponto de vista dos professores sobre que medidas preventivas e repressivas seriam possíveis para por cobro a violência na escola.	135

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1</i> - Causas da violência na escola, opinião do professor em termos percentuais.	134
Tabela 2 - Tipo de violência que se regista mais durante o intervalo	164

Lista de Abreviaturas

CACVD-Centro de Aconselhamento Contra Violência Doméstica

E.N.V.B.G- Estratégia nacional Violência Baseada no Género

D.R.- Diário da República

INE-Instituto Nacional de Estatística

MICS5- Inquérito aos Indicadores Múltiplos 5

OMS-Organização Mundial da Saúde

RAP -Região Autónoma de Príncipe

R.M.P.V-Relatório Mundial de Prevenção a Violência

STP-São Tomé e Príncipe

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

VBG-Violência Baseada no Género

Resumo

Na última década a violência na escola é um fator preocupante, principalmente na sociedade santomense. A escola promove por si só um ambiente social em que os jovens vão experimentando e aprendendo a conviver com as diferenças, ou seja, a viver em sociedade em que o conflito e a violência são um fator predominante.

A presente dissertação tem como objetivo analisar quais são os fatores que dão origem à violência na Escola. Neste caso, específico, na escola Secundária de Bombom (Distrito de Mé-Zochi) de São Tomé e Príncipe. Procurámos compreender qual a perceção dos professores acerca do fenómeno da violência, e que medidas poderão ser tomadas para diminuir o fluxo da violência, proporcionando um ambiente mais saudável e acolhedor.

Recorreu-se a uma metodologia de investigação baseada numa abordagem quantitativa de natureza exploratória e descritiva, para nos permitir aprofundar conhecimentos sobre o fenómeno de violência. Atendendo á escassez de informação neste domínio e a necessidade de criação de base de dados sobre a violência na escola, os instrumentos de recolha de dados foram o inquérito por questionário, estruturado em nove seções.

Tendo em conta a própria conjuntura do país e as realidades sociais, o processo de mudança de comportamento e atitude requerem algum tempo para serem interiorizados, mas é possível a construção de uma educação baseada no convívio sem violência, de forma a contribuir para uma cultura para a cidadania, na edificação de paz prosperidade e simetria.

Os resultados desta investigação apontam para um alto índice de violência física. Verificou-se que este fenómeno é muito comum no cenário escolar.

É remota a ideia de se considerar este estudo como um produto acabado pronto a resolver os problemas extremamente complexo como o fenómeno da violência carregado de

simbolismos culturais, sociais, psicológicos. Contudo este estudo serve para o desabrochar de programas e projetos no domínio de violência na escola e de mediação de conflito escolar estendendo para outras escolas.

Palavras-chave: Violência na escola, alunos, professores, família.

Abstract

CONCEPTIONS AND REPRESENTATIONS OF TEACHERS ON VIOLENCE AT SCHOOL: THE CASE OF THE SECONDARY SCHOOL OF BOMBOM, DISTRICT OF MÉZOCHI-S. TOMÉ AND PRINCIPE

In the last decade, violence in schools is a cause for concern, especially in São Tomé and Príncipe. The school itself promotes a social environment in which young people experience and learn to live with differences, that is, to live in a society in which conflict and violence are a predominant factor.

The present dissertation aims to analyze what are the factors that give rise to violence in the School. In this specific case, at the Secondary School of Bombom (District of Mé-Zochi) of Sao Tome and Principe. We sought to understand how teachers perceive the phenomenon of violence and what measures can be taken to reduce the flow of violence, providing a healthier and more welcoming environment.

We used a research methodology based on a quantitative approach of an exploratory and descriptive nature, in order to allow us to deepen knowledge about the phenomenon of violence. In view of the scarcity of information in this field and the need to create a database on violence at school, the data collection instruments were the questionnaire survey, structured into nine sections.

Taking into account the country's own situation and social realities, the process of changing behavior and attitude requires some time to be internalized, but it is possible to build an education based on nonviolent living, in order to contribute to a culture for citizenship, in building peace, prosperity and symmetry.

The results of this investigation point to a high rate of physical violence. It has been found that this phenomenon is very common in the school setting.

It is remote the idea of considering this study as a finished product ready to solve the problems extremely complex as the phenomenon of violence loaded with cultural, social, psychological symbolism. However, this study serves to develop programs and projects in the field of violence in school and to mediation of school conflict extending to other schools.

Keywords: Violence in school, students, teachers, family.

Introdução

Justificação do Tema

Na última década a violência nas escolas tem preocupado a sociedade, nomeadamente pela forma como ela tem-se configurado. O conflito e a violência sempre existiram e sempre existirão, principalmente na escola, que é um ambiente social em que os jovens interagem diariamente, têm novas experiências e começam a aprender a conviver com as diferenças, e a viver em sociedade.

A violência na escola é o resultado de um conjunto de atos violentos exercidos entre os membros da comunidade educativa, na sua maioria entre crianças e jovens, e que pode ocorrer quer no recinto escolar, quer em outros espaços diretamente relacionados com a escola.

Segundo Sposito (citado por Abramovay & Rua, 2002) “a violência é todo o ato que implica a rutura de um nexos social pelo uso de força”. Nega-se assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito” (p.62).

De acordo com Strechtcit (citado por Abramovay & Rua, 2002) a violência é uma representação de agressividade primária não elaborada, ou seja, o autor considera a violência como o emprego deliberado da agressividade com fins de destruir, humilhar e fazer o outro sofrer, existindo sempre uma intencionalidade no ato violento.

Apesar de até á presente data não ter sido desenvolvida nenhuma investigação neste âmbito, temos consciência de que este fenómeno em São Tomé e Príncipe tem aumentado significativamente, em particularmente no meio escolar. A agressão entre os alunos tem-se tornado cada vez mais frequente na escola, causando danos físicos e que podem trazer

consequências negativas sobre os resultados escolares, nomeadamente no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e intelectual e a formação social do aluno.

Atualmente, a escola tem-se deparado com grandes dificuldades em se adequar à nova população (quanto ao número e personalidade do aluno), e está despreparada a resolução deste problema. O excesso de alunos na sala de aula é um dos fatores que mais contribui para a violência na escola, uma vez que o espaço escolar era para um número bastante reduzido, ou seja, inferior ao atual e atualmente existem turmas de 50 alunos. A superlotação traz muitos constrangimentos, e a alteração dos valores éticos e morais.

Como tal, uma investigação neste âmbito tem como finalidade produzir conhecimento que permita intervir e agir neste contexto específico. Para isso, há-que requer a um diagnóstico da situação concreta, a identificação clara do problema e a planificação criteriosa das várias etapas.

A partir de vários significados, conceitos, diálogos com os professores e uma revisão da literatura, apresentamos uma investigação que possa vir a prevenir a violência na escola com a introdução nos currículos de temas como a violência na escola.

Esta investigação poderá contribuir também para a mudança de atitudes e comportamentos dos alunos, diminuir a violência, proporcionar um ambiente saudável e acolhedor na escola e garantir assim o bem-estar social da população estudantil e dos docentes na Escola Secundária de Bombom.

Questão de Partida e Objetivos da Investigação

O presente estudo pretende compreender as percepções dos professores da Escola Secundária de Bombom no Distrito de Mé-zochi acerca da problemática da violência na escola e como gerem este problema. Esta é uma análise exploratória, uma vez que se pretendeu verificar se os currículos escolares contêm conteúdos de prevenção à violência na escola, qual o nível de conhecimentos dos professores sobre o fenómeno e se existe ou não um gabinete de gestão e mediação de conflito.

Enquanto professora, tenho observado com frequência a violência entre rapazes e raparigas muitas vezes resultado de revanchismo entre grupos e está intimamente relacionada com as regras de convivência grupal e inclusão ou permanência no grupo, momento há que tinha que mediar diversos conflitos. Todavia em entrevista com alguns professores e o diretor da escola, todos foram unânimes em afirmar o aumento de violência na escola.

Assim sendo é pertinente o desenvolvimento do estudo sobre a violência na escola, para que através de uma investigação rigorosa, se possa compreender melhor as causas e os tipos de violência.

O objetivo geral desta investigação foi de compreender como os professores se relacionam com o grau de violência na escola.

Como tal, para o estudo que se propõe, partimos da seguinte questão de investigação:
“Qual a percepção dos professores sobre o fenómeno da violência na escola?”

Tendo em consideração a problemática de investigação e a questão de partida, desenvolvemos sete objetivos de investigação, que nos permitissem responder à questão de investigação principal, que passamos a apresentar:

1. Conhecer o grau de conhecimento dos professores sobre a violência na escola;

2. Conhecer o nível de conhecimento dos professores acerca do conflito violento e não violento;
3. Analisar que tipos de violência existem na escola;
4. Entender como é que os professores lidam com o ato de violência na escola;
5. Conhecer em que momento, a que horas, em que lugar ocorre mais violência na escola;
6. Saber se existe um gabinete de gestão de conflito na escola;
7. Conhecer se os currículos escolares contêm conteúdos sobre a prevenção da violência na escola;

Metodologia de Investigação

A presente dissertação visa a obtenção de informações acerca da violência na Escola Secundária de Bombom (Distrito de Mé-Zochi) de São Tomé e Príncipe. Para a recolha de informação optou-se por técnicas quantitativas, nomeadamente através de construção de inquérito, tendo sido devidamente validado pelo método dos juízes e aplicado pelo Instituto Nacional de Estatística junto da comunidade escolar de Bombom no ano letivo 2017/2018. Quanto á amostra recorreremos a uma amostra probabilística estratificada a que incluiu 60 professores desta escola

Quanto à natureza do estudo foi exploratório e descritivo, de forma a permitir aprofundar conhecimentos sobre o fenómeno em estudo.

Organização Trabalho da Dissertação

Para tornar mais fácil a leitura, passamos a indicar a forma como o trabalho está organizado em duas partes distintas:

PARTE I: Enquadramento Teórico

PARTE II: Investigação Empírica

A Primeira parte, o Enquadramento Teórico, divide-se entre uma introdução, o conceito de violência, a relação entre a violência e a agressividade. Explorámos correntes teóricas e autores fundamentais, aos quais recorreremos para referenciar e fundamentar o estudo.

No capítulo I, fizemos uma abordagem histórica sobre a violência na escola, as várias conceções da teoria explicativa sobre a violência na escola, conceito de violência, a relação entre a violência e a agressividade, violência e o conflito.

No capítulo II, categorizamos vários tipos de violência, característica do agressor e da vítima de bullying, bem como a conduta e o comportamento das vítimas de violência na escola.

No capítulo III, explicamos os fatores que contribuem para a violência na escola apresentamos, influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico e social dos alunos, sua implicação no processo de ensino e aprendizagem, a indisciplina como fenómeno social, a relação professor aluno, a função social da escola.

No capítulo IV, falamos sobre o sistema educativo santomense, fizemos uma breve abordagem sobre a família santomense, o enquadramento jurídico santomense sobre a violência, a relação entre o fenómeno de violência familiar, violência baseada no género, o contributo da família na prevenção e combate à violência na escola.

A segunda parte: Investigação Empírica, é dedicada à investigação metodológica.

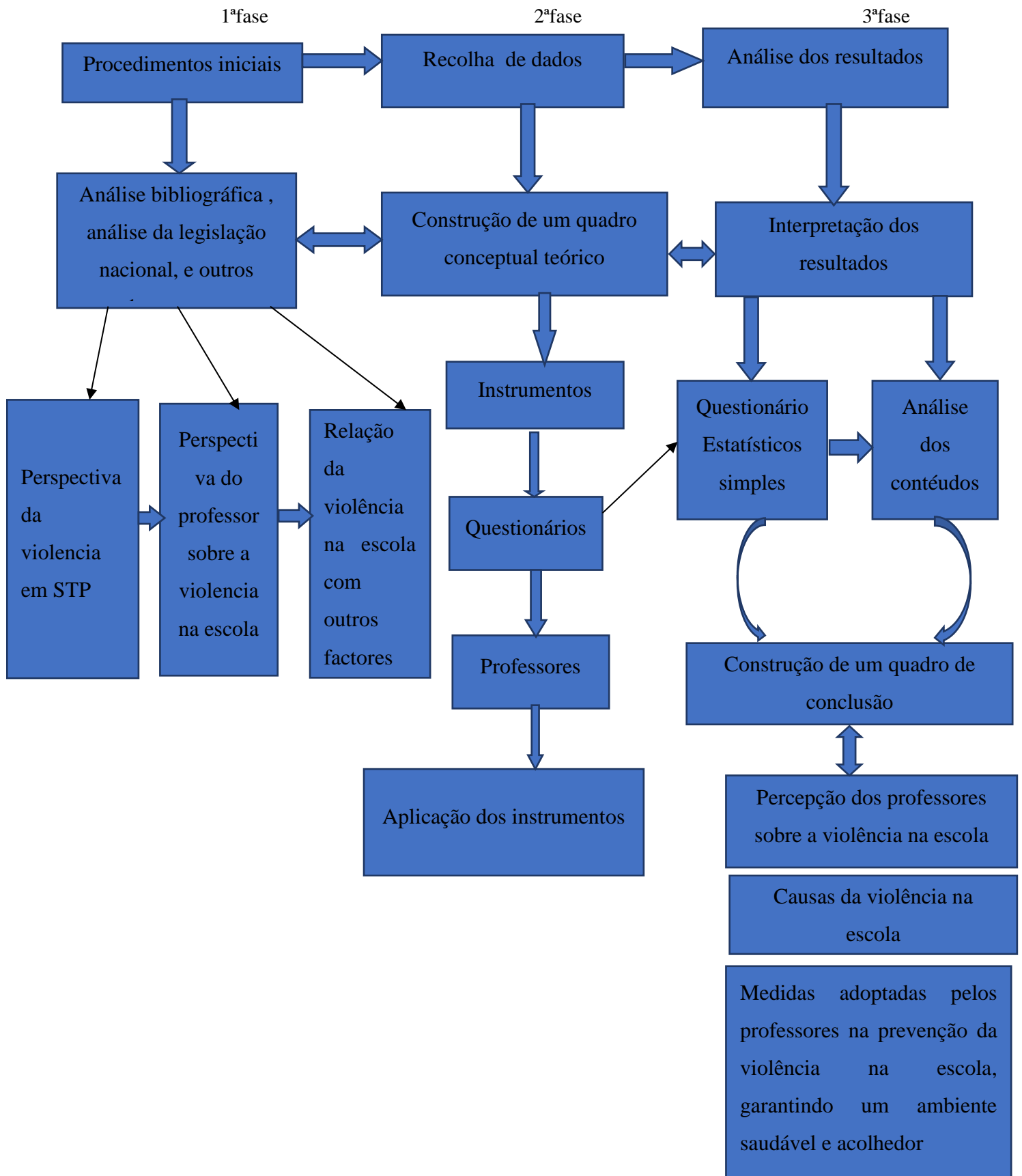
O Capítulo V; é dedicado a constextualização da investigação, apresentação dos dados socio-demográficos da população são-tomense, caracterização da comunidade da vila de Bombom, e a caracterização da escola.

O Capítulo VI; apresentamos as opções metodológicas, a natureza da investigação e os instrumentos de recolha de dados utilizados.

No Capítulo VII; apresentamos a interpretação dos dados do questionário.

E por último as conclusões, recomendações, limitações e perspetivas de continuidade do projeto, a referência bibliografia, a legislação consultada, e os apêndices.

Desenho da Investigação



PARTE I - ENQUADRAMENTO TEORICO

Capítulo I

Evolução Histórica da Violência na Escola

1.1-A história natural da violência

Em muitos e diferentes países, os delitos tendem a atingir o auge nos anos da adolescência. Muitas teorias já foram propostas para explicar por que razão os comportamentos delituosos atingem o pináculo nesta faixa etária, por exemplo esses comportamentos já foram associados aos níveis de testosterona nos jovens do sexo masculino, que aumenta durante a adolescência e nos primeiros anos da idade adulta, diminuindo a partir daí (Archer, citado por Debarbieux & Blaya, 2002).

Uma outra explicação com maior ênfase são as influências sociais, desde o nascimento das crianças vêm-se sob a influência dos seus pais, que geralmente não aprovam as transgressões (Debarbieux & Blaya, 2002).

O estudo de Farrington (2002) aponta para o facto de que “durante a adolescência os jovens se libertam gradualmente do controlo dos pais, passando a ser influenciados pelos seus pares, e que em muitos casos podem incentivar a comportamentos delituosos” (p. 27). Após os primeiros anos de transgressão, entram novamente em declínio, na medida em que a influência dos pares cede lugar a um novo conjunto de influências familiares, provenientes do casamento ou união de fatos. Em qualquer grupo, as pessoas que são relativamente mais agressivas numa determinada idade tendem a ser relativamente mais agressivas em idades mais avançadas, embora os níveis absolutos dos comportamentos agressivos e das manifestações comportamentais de violência sejam diferentes para as diferentes idades.

1.2-Teoria explicativa sobre a violência na escola

Historicamente a violência foi identificada como sinónimo de criminalidade e, por isso era objeto de reflexão das ciências jurídicas. No entanto recentemente o termo violência na escola começou a ganhar outros contornos em diversas áreas. Os seus contornos, enquanto objeto de investigação científica, passou por sucessivas alterações de acordo com as várias abordagens e pouco a pouco foi-se construindo uma visão mais ampla e multifacetada do objeto.

Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, a *violência* “é a qualidade ou caracter violento. Ação violenta: cometer violências. Ato ou efeito de violentar. Opressão, tirania: direito de constrangimento, físico ou moral exercido sobre alguém.

Se por um lado, algumas áreas do conhecimento vêm tentando desvendar determinados aspetos da violência, encobertos nas práticas sociais demonstrando uma maior consciência do problema, também em virtudes dos seus crescentes índices, por outro lado, persistem as reflexões que a vinculam unicamente à delinquência.

Assim sendo, várias teorias explicativas sobre a violência na escola vêm explicar-nos em que se baseiam tal fenómeno.

Segundo Blau e Minayo (citado por Souza, 1993), a teoria biologicista defende a ideia de que o homem tem uma agressividade instintiva própria da sua natureza, semelhante aos instintos de fome e do sexo. Enquanto a teoria psicologista, defende a tese de qualquer modificação nas relações sociais só é possível após uma mudança no psiquismo do homem.

Um segundo grupo de teorias explicativas aponta a industrialização e urbanização aceleradas como determinantes da violência. O surgimento de subculturas à margem das leis e normas sociais (as determinadas “classes perigosas”), cujas aspirações criadas estão dissociadas

das realizações, seriam o foco gerador e explicativo da criminalidade nas grandes cidades (Oliven, citado por Souza, 1993).

Uma outra corrente do pensamento sobre a violência, enfatiza o desenvolvimento dos processos e condutas violentas como estratégia de sobrevivência das camadas populares vítimas das contradições do capitalismo. Aqui a violência é vista ora como a revolta dos mais vulneráveis, ora como luta de classe onde as razões econômicas financeiras falam mais alto.

Para Minayo (citado por Souza, 1993), trata-se de uma visão que deixa de fora os aspectos socioculturais que têm raiz no nosso interior e que atingem a todos nas suas especificidades e reduzindo a violência a problemas meramente econômicas, que por si só não explicam, apesar de serem fundamentais.

Entretanto, outra teoria explica a violência reduzindo-a a delinquência, à conduta patológica dos indivíduos pela falta de autoridade do Estado, através do poder repressivo das estruturas judiciais e policiais. Nesta abordagem o Estado é colocado como árbitro neutro e fora da questão de classes que funcionam visando o bem-estar social em geral e cujo papel autoritário no desenvolvimento socioeconômico é absoluto.

As críticas dessa linha de pensamento mostram a sua tendência a omitir o papel da violência como instrumento de dominação econômica e política das classes dominantes.

Autores como Nietzsche, Marx e Hegel (cit por Tonchis, 2013) também conceptualizam a violência, como sendo a necessidade da luta humana do combate, e outros acreditam que o homem é capaz de administrar a violência, uma vez que ela não é intrínseca à sua natureza, (Tomás, 2010).

Para Freud (citado por Monteiro, 2005) o homem possui uma natureza agressiva e violenta, inerente a sua vontade. Na psicanálise e outros métodos de interpretação do comportamento humano, consideram-se que o ambiente e outros fatores são determinantes na

construção da personalidade do indivíduo. Nessa perspectiva a escola pode ser um ambiente colaborativo na formação, ou não, da personalidade violenta de um indivíduo.

Charlot (2002) defende que é preciso inicialmente distinguir a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, esta ligada à natureza e às atividades da instituição escolar tema este, que iremos abordar mais a frente.

1.3 - Conceito da violência na escola

A violência é um fenómeno social que tem estado presente na nossa sociedade ao longo dos tempos. Atualmente é considerada um elemento estrutural das sociedades industrializadas ocidentais estando sempre presente no quotidiano dos indivíduos sob a forma de uma violência estrutural e cultural que dá origem a situação de humilhação, exclusão, e até mesmo de vitimização como por exemplo: a violência intrafamiliar, delinquência, criminalidade, guerra, violência no desporto, violência nas médias etc. Assistimos uma cultura de violência que sobressai nos modos de interagir dos indivíduos, quer sejam adultos, jovens ou crianças. A violência na escola, com as suas especificidades, faz parte integrante desse fenómeno (Chaves, 2014). Pode-se dizer que a violência na escola é um conjunto de atos violentos exercidos entre os membros de uma comunidade educativa, na sua maioria entre crianças e adolescentes, e que pode ocorrer quer no recinto escolar, quer noutros espaços diretamente relacionados com a escola.

Para Campina, (2001) a” *palavra violência*” definida morfológicamente de origem latina significa tanto o abuso da força, crueldade, extorsão, o de violar o respeito que se deve a outra pessoa.

Este fenômeno está ligado à natureza e às atividades das instituições: por exemplo quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou insultam, eles entregam-se à violência que visa diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional simbólica, que os próprios jovens suportam da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (Charlot, 2002).

A violência e os comportamentos desviantes têm estado cada vez mais presentes no meio escolar, quer seja no interior da sala de aula, quer seja no pátio, ou junto dos portões das escolas. Normalmente a violência na escola é verbal caracterizando-se principalmente por ameaças, palavrões, etc. Outro tipo de violência, que tem grande expressão é aquela que surge contra o material e contra a escola, manifestando-se através de degradação do espaço escolar e das salas de aula (Tomás, 2010).

No entanto, para definir o conceito de violência é preciso compreender a multidimensionalidade deste fenômeno. O vandalismo, agressão ou perseguição psicológica, a agressão física, o assalto ou roubo, a indisciplina grave, são manifestações que o conceito de violência tenta descrever. Para além disso é necessário perceber a variação de contextos destas manifestações, as causas e os sentidos que os atores sociais atribuem às suas ações (Tomás, 2010). Para o autor existem três níveis de violência na escola nomeadamente: violência na escola manifestada pela delinquência e pelo crime que advêm do exterior, violência contra a escola que surge através dos conflitos interpessoais entre os atores sociais e violência da escola que se manifesta pela violência institucional ou simbólica. Por sua vez, a indisciplina é considerada menos grave que a violência, traduzindo-se num comportamento menos incorreto enquanto que a violência implica agressividade física ou verbal (Tomás, 2010).

A indisciplina, muitas vezes, tem a ver com infrações às regras e normas do bom funcionamento das aulas, infrações às regras e normas da relação com os pares e da relação com os professores e/ou com os funcionários. No entanto a indisciplina não se circunscreve apenas ao espaço da sala de aula, também existe noutros espaços escolares como a biblioteca, a ludoteca, a cantina, nos corredores e nos recreios, às saídas as aulas.

1.3.1-Violência e a agressividade.

De acordo perspectiva teológica a violência existe em cada ser humano. É uma realidade universal e manifesta-se ostensivamente na sociedade agressiva em que se vive. A violência está enraizada no coração humano e toda a pessoa está envolvida com ela.

Como toda a pessoa é agressiva e violenta, fica claro que a sociedade toda vive e prática a violência. Esta é uma triste, desagradável e chocante realidade”. A terra corrompida à vista de DEUS, e cheia de violência”, é o que lembra Gênesis-6.1. No entanto estudiosos na matéria dá-nos também o seu ponto de vista sobre este fenómeno.

De acordo ao Strecht (citado por Guimarães, 2015), a violência é uma representação de agressividade primária não elaborada, ou seja, o autor considera a violência como o emprego deliberado de agressividade com fins de destruir, humilhar e fazer o outro sofrer, existindo sempre uma intencionalidade no ato violento.

O ambiente escolar serve como cenário de vários processos e fenómenos grupais, dentre a violência na escola. Segundo o Lopes (citado por Bandeira, Simon & Hutz, 2012), o termo violência na escola refere-se a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos materiais ou patrimoniais e atos criminosos.

O comportamento agressivo no contexto escolar não é um problema recente, nem tão pouco um fenómeno novo. O comportamento agressivo surge da situação da interação social e pode ser definido como todo o comportamento que visa causar danos ou prejuízos a alguém.

Se acordo com Lisboa, (citado por Bandeira, Simon & Hutz, 2012), o comportamento agressivo pode ser considerado como um processo decorrente da interação que ocorre entre uma pessoa e o seu ambiente físico, social e cultural através do tempo, uma vez que emerge na interação social.

Segundo Charlot, (2002) é preciso distinguir a questão da violência, da agressão e da agressividade. A agressividade é uma disposição biopsíquica relacional: a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva à angústia e à agressividade.

A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal (*agredir* é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo). A violência remete a uma característica desse ato e enfatiza o uso da força, do poder da dominação (Souza et al, 2010).

Do ponto de vista de Trassi e Malvasi (citado por Vilhena, 2002, p.41) a violência é um fenómeno determinado por muitos factores ,possuindo aspectos históricos,sociais,económicos, psicossociais e culturais,entre outros,se manifestando de inúmeras maneiras, algumas evidentes e outras sutis.Este fenómeno social se caracteriza,fundamentalmente,pelo uso intencional das agressividade com fins destrutivos para subjugar o outro, que pode ser uma pessoa, um grupo, uma etnia.”**A violência é um sintoma de mal estar nas relações entre os seres humanos**”(Trassi & Malvasi, citado por Vilhena p.41, 2002).

Para Costa, (citado por Vilhena, 2002, p.40), a “**violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos**” e principalmente percebida por quem observa o ato de agressividade, assim como por quem recebe essa agressividade como havendo uma intencionalidade em praticar essa agressão,transformando-a numa **acção violenta**”.Para este

autor quando a acção agressiva é pura expressão de instinto ou quando não exprime um desejo de destruição, não é traduzida nem pelo sujeito, nem pelo agente, nem pelo observador como uma acção violenta. Portanto, segundo o Bettelheim, (citado por Vilhena, 2002, p.40), somente haveria violência **“quando o sujeito que sofre a acção agressiva sente no agente da acção um desejo de destruição”**

É uma ilusão crer que se possa fazer desaparecer a agressividade e como consequência, a agressão e o conflito. Aliás, seria isso desejável, levando-se em conta que a agressividade sublimada é a fonte de condutas socialmente valorizadas (no desporto, na arte, nas diversas formas de concorrência). A questão é saber quais são as formas de expressão legítimas ou aceitáveis da agressividade e do conflito. É violência, enquanto vontade de destruir de atormentar que causa problemas e que causa mais problemas ainda, numa instituição como a escola inscreve-se na ordem da linguagem e da troca simbólica e não da força física (Charlot, 2002).

Concretamente isso significa que o problema não é fazer desaparecer da escola a agressividade e o conflito, mas regulá-los pela palavra e não pela violência, ficando bem entendido que a violência será bem mais provável, na medida em que a palavra se tornar impossível. De qualquer modo fica bem claro que a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos, o que está em jogo é também a capacidade da escola e dos seus agentes suportarem e gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica (Charlot, 2002).

Sanmartin (citado por Martins, 2018) compara o homem com outro animal, que tem biologia que o induz à agressividade, a verdade é que ela é imensamente suscetível de ser hipertrofiada pela cultura, transformando-se em violência. O ser humano é agressivo por natureza, mas também chamado ao pacífico pela cultura. O autor acrescenta, dizendo o fato de

sermos agressivo por natureza não nos deve levar a dizer que também por natureza somos violentos. De facto, sem cultura não há violência.

Para o autor a violência não é produto da evolução biológica como frequentemente se tem asseverado, mas sim o resultado da evolução cultural chamada tecnoevolução porquanto a técnica tem tido um papel preponderante na configuração da cultura, neste sentido pode-se dizer que a violência é " *muito humana* " uma vez que não resulta de um processo evolutivo natural mas sim de uma evolução cultural artificial que concomitantemente tem o ser humano como sujeito agente e paciente (Sanmartin, citado por Martins, 2018).

Dando a continuidade na sua reflexão Sanmartin (citado por Martins, 2018) reforça dizendo que a agressividade é inevitável, mas a violência é perfeitamente evitável, pois para isso basta modificar os aspetos da cultura que em interação com a nossa biologia, mais a motivam. Além de mais sendo verdade que o ser humano é agressivo por natureza também é verdade que a natureza selecionou fatores que inibem a sua agressividade tal como sucede com a maioria das espécies animais. O ser humano em relação a outras espécies tem sobreposto ao "mandamento" puramente biológico não matarás de natureza eminentemente cultural. Segundo o autor o ser humano distingue-se na natureza como o animal que nem sempre cumpre o mandamento biológico natural do "**não matarás**" o teu companheiro sob pena de desapareceres tu próprio também do grupo a que pertences. No mundo natural basta que o animal vencido mostre uma conduta de submissão para que cesse, ou seja para que a agressividade se interrompa (Sanmartin, citado por Martins, 2018).

O fundamental é reconhecer que o ser humano é essencialmente cultural ou seja que ele é o animal que não cessa de se reconstruir a si mesmo mediante invenções técnicas, nomeadamente aquelas que lhe permitem consumir a sua agressividade sem nunca chegar a ver

os agredidos. Com esta ideia do autor do ponto de vista científico, o indivíduo humano é uma mistura indissolúvel de biologia e de cultura.

Donald Winnicott (citado por Andrade, Benilton, & Bezena, 2009) na sua teoria do amadurecimento dá-nos a visão de que no sentido da desnaturalização, o fenômeno da violência advém da despatologização de manifestações de agressividade. Esta teoria, junto com a relevância dada ao ambiente no processo de desenvolvimento emocional, oferece-nos a oportunidade de vislumbrar, ao mesmo tempo, o sentido negativo da violência e o papel fundamental da agressividade.

Para este autor, os termos não são sinónimos e a violência não é uma expressão da agressividade. Ao contrário, ela é o indício de problemas no exercício, vitalmente necessário, da agressividade. A violência é algo a ser tratado. A agressividade, algo a ser experimentado, é uma das fontes permanentes da vida psíquica (junto com a sexualidade) e tem duas raízes. A primeira diz respeito a uma fonte de energia inerente ao ser vivo provinda do instinto do prazer e instinto da morte (Andrade, Benilton, & Bezena, 2009). A sua teoria tomou como exemplo o bebê naturalmente que se move e explora o ambiente ao seu redor. Esses gestos espontâneos são tentativas de apropriação do mundo e só são destrutivos por acaso, uma vez que nas primeiras fases da vida psíquica ainda não há um “eu” integrado no qual se possa vislumbrar raiva, ódio ou qualquer intencionalidade destrutiva (caraterística essencial da violência).

A agressividade presente nesse movimento tem o sentido etimológico da palavra *agredere*, a saber: ir ou fazer um gesto na direção de alguém. Na ausência do impulso pessoal terá dificuldade de processar a destrutividade que é fundamental para a discriminação eu/não-eu. Ou seja, para que o bebê possa ampliar seu mundo subjetivo e compartilhar um mundo objetivamente percebido, ele deve poder tentar destruir o objeto, que tem que sobreviver a essa destruição, mantendo sua atitude.

Essa é a base da percepção de um “eu” que se relaciona a um não “eu” que resiste (portanto, o eu não é onipotente, mas não retalia (logo, o eu e o que é não-eu, a experiência desse impulso destrutivo é integradora e condição de possibilidade de uma construção posterior). Acrescentam ainda Andrade, Benilton e Bezena (2009) que um valor positivo para a agressividade não instintivo e sem raiva, pois se o objeto transmitir a segurança de quem tem a sua existência independente da proteção da criança, o sujeito não avaliará o mundo como algo a que deve se submeter, mas como um lugar criado para se viver.

Segundo Andrade, Benilton e Bezena (2009) é preciso que os profissionais da educação procurem conhecer o tipo de alunos que lidam diariamente de forma a evitar situações que possam originar comportamentos agressivos, e que os mesmos possam evitar que a escola reproduza violências. Por outro lado, adotar estratégias, metodologias que permitam conter em vez de esconder, proibir e ignorar expressões emocionais de difícil manejo, como as relacionadas à agressividade, acarreta uma dificuldade ainda maior em tempos como os nossos, nos quais a espontaneidade causa mal-estar. A falta de limites impede a criança e principalmente, o adolescente de exercitar a sua capacidade de se organizar, de ser criativo e de experimentar as suas atividades instintivas com a segurança e o acolhimento. Por outro lado, uma educação que vise apenas à adaptação do sujeito à sociedade através da transmissão de conhecimento técnico, não priorizando o discurso e a ação perpetua e reitera a violência.

Nesse sentido medidas disciplinares, como expulsões e suspensões nem sempre se justificam com base na necessidade de ordem, podendo frequentemente ser consideradas uma punição autoritária e uma repressão inibidora, e não uma colocação firme de limites. A humilhação afronta ainda mais o sentimento de dignidade pessoal que muitos alunos estão a procura de resgatar com as suas atitudes transgressoras.

1.3.2 - Violência e o conflito.

O ambiente escolar público ou privado, é palco de recorrentes situações de conflitos, interpessoais e de violências entre pares (Ficher, 2010). No entanto alguns autores advertem que a maior preocupação dos professores, quando se fala em violência, refere-se a problemas de indisciplina advindos de dificuldades que os alunos têm em obedecer às regras estabelecidas pela escola e a autoridade dos professores e da escola. Comportamentos de ordem moral, como agressões física, verbais e psicológicas entre alunos seriam menos preocupantes para os professores, do que por exemplo, conversas paralelas enquanto o professor explica a matéria e os atrasos para as aulas (Tognetta, 2010).

Segundo Chrispino (2002) conflito é toda a opinião divergente ou a maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. Apartir disso todos que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passamos pelos conflitos pessoais da adolescência e hoje na fase de maturidade, continuamos a conviver com conflito intrapessoal (ir/não ir fazer /não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar /não casar etc.) ou interpessoal. Como exemplo de conflito interpessoal a briga de vizinhos, a separação familiar, a guerra e o desentendimento entre alunos.

O autor na sua reflexão salienta que o conflito é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e das aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.

Um exemplo claro da dificuldade que temos para lidar com o conflito é a nossa incapacidade de identificar as circunstâncias que derivam do conflito ou redundam nele. Em

geral, nas escolas e na vida, só percebemos o conflito quando este produz as suas manifestações violentas.

De acordo com a ideia do autor, podemos tirar, pelo menos, duas conclusões. A primeira é que se ele se manifestou de forma violenta é porque existia antes na forma de divergência ou antagonismo, e nós não soubemos ou não fomos preparados para identifica-lo; A segunda é que toda a vez que o conflito se manifesta, nós agimos para resolvê-lo, coibindo a manifestação violenta. E neste caso, esquecemos que problemas mal resolvidos se repetem (Chispino, 2002).

A violência não se restringe a agressões, inclui qualquer ato sobre a vida das pessoas e as regras de convívio. Ela interfere nas sociedades, prejudica a qualidade das relações sociais, desgasta a qualidade de vida das pessoas e culmina em sofrimento. Tornou-se uma questão social tanto pelas consequências sociais como pelos gastos no atendimento às vítimas pelo setor da saúde com impacto negativo em anos potenciais de vida perdidos (Castro, Cunha & Souza, 2011).

Agressividade e a violência permeiam os conflitos entre os seres humanos e não seria diferente entre as crianças, o que tem motivado vários estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento infantil. O conflito é a manifestação de interesse diferente e/ ou contrário, em que um dos lados procura superar a resistência do outro visando a realização do seu interesse, quer por meio de cooptação e convencimento, quer pela anulação do interesse do outro. Todo conflito implica, portanto, oposição e luta, e vem carregado de agressividade (Castro, Cunha & Souza, 2010).

De acordo as teorias de Chispino, (2002) o conflito começa a ser visto como uma manifestação mais natural e por conseguinte, necessário às relações, de grupos sociais, organismos políticos e Estados. O conflito é inevitável e não se devem suprimir seus motivos

até porque ele possui inúmeras vantagens dificilmente percebidas por aqueles que vêm nele algo a ser evitado.

O conflito ajuda a regular as relações sociais ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro, permite o reconhecimento das diferenças, que não são ameaças, mas resultado natural de uma situação em que há recursos escassos, ajuda a definir as identidades das partes que defendem suas posições, permite perceber que o outro possui uma percepção diferente, racionaliza as estratégias de competência de cooperação, ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento.

Capítulo II

Categoria da Violência

2.1 – A Violência

A OMS (2012) define três amplas categorias da violência que são: violência autodirigida, violência interpessoal, violência coletiva.

Estas três categorias amplas são ainda subdivididas, a fim de melhor refletir sobre os tipos mais específicos de violência.

Violência autodirigida, é subdividida em comportamento suicida e auto abuso. O primeiro inclui pensamento suicidas, tentativas de suicídio também chamadas em alguns países de para suicídios ou auto injúrias deliberadas, e suicídios propriamente ditos. O autoabuso, em contraste inclui atos como a automutilação (OMS, 2012).

A violência interpessoal divide-se em duas subcategorias:

A Violência familiar e conjugal, que em geral ocorre no próprio lar, isto é, violência principalmente entre os membros da família ou entre parceiros íntimos que ocorre nos lares. A violência familiar e conjugal inclui maus tratos de menores, a violência doméstica e os maus tratos a pessoas idosas.

A Violência na comunidade é uma subcategoria de violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem, geralmente ocorre fora dos lares. Violência na comunidade inclui a violência entre jovens, estupro, agressão sexual de estranhos e a violência em ambientes institucionais como escolas, locais de trabalho prisões e asilos.

A violência coletiva é subdividida em violência estrutural e violência econômica. Ao contrário das outras categorias amplas, as subcategorias da violência coletiva sugerem possíveis

motivos para a violência cometida por grupos maiores de indivíduos ou por estados. A violência coletiva que está empenhada em promover uma determinada agenda social inclui, por exemplo, crimes de ódio cometidos por grupos organizados, atos terroristas e violência popular (R.M.P.V, 2014).

A violência política inclui a guerra e conflitos violentos relacionados, a violência estatal e atos semelhantes realizados por grupos maiores. A violência econômica inclui ataques de grupos maiores motivados por ganhos econômicos como ataques perpetrados com o objetivo de interromper a atividade econômica, negar acesso a serviços essenciais ou criar divisão econômica e fragmentação (R.M.P.V, 2014).

A violência materializa-se em diversos espaços sociais e tem sido mais frequente, nos últimos anos, no ambiente escolar. Tal fato contradiz a concepção da escola como um espaço de socialização do conhecimento, formação e sobretudo de proteção (Castro, Cunha & Souza, 2010).

2.1.1 - Tipo de violência na escola.

A violência contra a criança e o adolescente não é recente na história da humanidade, desde que se tem registros de sistemas escolares, podemos observar alguns tipos de violência, como bullying, violência física, violência psicológica, violência patrimonial; violência sexual etc.

2.1.1.1 - O Bullying

Bullying é um termo bastante popularizado que tem colocado em estado de atenção as escolas de uma forma geral. Fala-se em uma violência com longa data de ocorrência em que, segundo Silva (2005) “o bullying é um fenômeno tão antigo quanto as instituições denominadas escolas” (p.111).

No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. A preocupação contemporânea volta-se a prevenir os casos de violência entre as crianças e adolescentes na escola e intervir neles. Pensar na violência de criança para criança e de adolescente para adolescente é algo que surpreende tanto a escola quanto a família e a sociedade em geral. Aquelas situações que até então eram vistas como brincadeiras saudáveis para o desenvolvimento desses sujeitos-passaram a exigir um olhar mais sério, o que gerou dúvidas e tensões sobre como agir diante do fenómeno.

Por definição, bullying compreende todas as atitudes agressivas intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra (outros), causando dor, angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual.

O bullying é um conceito específico e bem definido que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo facto de apresentar características próprias, dentre elas talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas envolvidos (Fate citado por Tognetta, 2010). Como tal, o conceito de bullying deve ser compreendido como um comportamento ligado a agressividade física, verbal ou psicológica exercida de maneira contínua dentro do ambiente escolar.

Olewus (citado por Velez, 2010) define o bullying como um subtipo de violência na escola que se traduz num conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, levados ao cabo por um ou mais alunos contra outro. É uma forma de pressão social que acarreta muitos traumas na vida dos alunos que diariamente convivem com esta realidade. O bullying é conflito entre pares e envolve alvo, autor e testemunha, o que significa dizer que uma abordagem que visa compreender esse fenómeno deve prever o envolvimento das três partes, mesmo que isso represente todo o grupo discente de uma escola, pois a participação directa e indirecta merece atenção.

Segundo Olewus (citado por Velez, 2010) o bullying pode manifestar-se de diversas formas, podendo ser distinguidos, essencialmente três tipos ou formas:

- **Direto e físico** que inclui bater ou ameaçar, bater, pontapear, roubar ou estragar objetos extorquir dinheiro ou ameaçar, fazê-lo forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo obrigar ou ameaçar colegas a realizar tarefas contra a sua vontade.

- **Direto verbal** englobando situações como chamar nomes, gozar, fazer comentários racistas ou que salientam qualquer defeito, tarefas contra a sua vontade.

- **Indireto** incluindo situações de exclusão sistemática de alguém do grupo ou das atividades, ameaçar com frequência, a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares, espalhar boatos e ou rumores, manipular a vida social do colega ou colegas.

No entanto o Matos et al (citado por Tomás, 2010) caracterizam o bullying com os seguintes critérios:

- **Intencionalidade do comportamento**, no qual o comportamento tem como objetivo provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa.

- **Comportamento**, em que é conduzido repetidamente e ao longo do tempo, ou seja, não ocorre ocasionalmente ou isoladamente

- **Desequilíbrio de poder** em que normalmente os agressores vêem as vítimas como alvos fáceis.

- **O comportamento agressivo** que não resulta de qualquer tipo de provocação ou ameaça prévia.

2.1.1.2 - A violência física

A violência física numa definição mais sintetizada, é entendida como qualquer conduta praticada na escola que ofenda a integridade ou saúde corporal, nomeadamente, bofetadas,

puxar cabelos, empurrar, esmurrar beliscar morder, arranhar, socos pontapés, agredir com quaisquer objetos (tesoura, esferográfica, pedra, carteiras etc) (Lei n. °11/2008).

Abramovay e Rua (2002) defendem que a violência física é a fase mais visível dos fenômenos nas escolas. O confronto corporal ou armado mobiliza parte considerável das discussões, aparecendo como referência para que os informantes discurssem sobre o tema e o ampliem para incluir outros tipos de violência.

Em certas situações, a violência física aparece como forma de defesa pessoal ou como atitude para proteger o outro, mais fraco ou como fator de revolta contra o sujeito mais forte. Já em outras situações é atitude impensada diante de uma provocação. Independentemente da justificção, a violência é uma forma de negociação que exclui o diálogo, ainda que motivada por outras circunstâncias, como a defesa dos amigos.

Para Pereira (citado por Silva et al. 2005) os níveis de violência física e psicológica, constituem fatores de riscos ameaçam gravemente o desenvolvimento psicológico e o bem-estar das crianças e jovens. É preciso educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um terminam onde o direito do outro começa.

2.1.1.2 - A violência psicológica

A violência psicológica é portanto qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamento, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, insulto, chantagem, ridicularização e exploração, ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (alínea b) do art.º n.º 7, da Lei n.º 11/2008).

2.1.1.3 - A violência sexual

A violência sexual é entendida como qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça coação ou uso de força: que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação: ou que limite ou anule o exercício dos seus direitos sexuais e reprodutivos (alínea c) do art.º 7 da Lei n.º 11/2008).

2.1.1.4 - A violência patrimonial

A violência patrimonial é entendida como qualquer conduta do aluno em relação ao outro que configure retenção, subtração, destruição ou total dos objetos do colega, materiais escolares ou outras pertenças (alínea d) do art.º 7 da Lei n.º 11/2008).

2.1.2 - Característica do agressor e da vítima de bullying na escola.

A escola, é vista como uma instituição de ensino e deve zelar, e estar comprometida com a aprendizagem e o bem-estar das crianças e adolescentes. Todavia, esse ambiente que deveria ser agradável e sadio tem sido palco de atitudes frequentes que envolvem atos de violência entre os alunos, ficando evidente, dessa forma, a conduta antissocial. Por outro lado, as consequências provocadas pela violência geram, por vezes, danos e traumas irreparáveis na vida de um aluno na escola, podendo refletir desde logo, como por exemplo, baixa autoestima, estresse, depressão, queda de rendimento escolar, pensamentos de vingança para com o agressor e até mesmo suicídio.

A longo prazo, pode-se verificar os efeitos e consequências na constituição da família, na criação dos filhos e dificuldades de se relacionar com os colegas de serviço. Há determinadas formas de violência que é difícil de ser identificada, uma vez que a vítima teme delatar os seus agressores, seja pela vergonha que irá passar diante dos demais amigos de classe, por medo de sofrer represálias, seja por acreditar que os professores ou seus próprios pais não lhes darão o devido crédito. Outro aspecto interessante, é o fato de alguns professores acreditarem que tais agressões são apenas brincadeiras de crianças e adolescentes e que irão passar com o tempo, atitude essa que faz crescer mais ainda, a violência na escola e banaliza o sofrimento da vítima (Leão, 2010).

Para Leão, (2010) o termo bullying é derivado de uma palavra inglesa-Bully, que traduzida significa valentão, tirano. Esse termo, normalmente, ocorre nas relações interpessoais, em que há uma relação desigual de poder, uma vez que, de um lado da relação será caracterizado por alguém que está em condições de exercer o seu poder, através da intimidação, humilhação, atitude agressiva sobre outra pessoa ou até mesmo um grupo mais fraco.

Esse desequilíbrio de poder que há entre os protagonistas do bullying dá-se pelo fato do agressor possuir algumas características, tais como, “idade superior à da vítima, estrutura física ou emocional mais equilibrada, ter apoio dos demais amigos de classe, ser sociável entre os demais grupos da classe, tamanho superior. Tais atributos fazem com que as vítimas se sintam inferiores, não tendo condições de defenderem diante das ofensas, sejam elas verbais ou físicas.

Tognettacit. Leão, (2010) na sua reflexão sobre vítimas de violência realça que tanto as vítimas como os agressores diante, dessa situação de causadores e vítimas de violência precisam de ajuda, isso porque; por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua autoestima, e do conceito que tem de si, por outro lado, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem graves deterioração de sua escala de valores e, do seu desenvolvimento afetivo e moral.

As vítimas de qualquer tipo de violência na escola, muitas vezes sofrem caladas, carregando o trauma seja físico ou psicológico das situações de constrangimento que vivenciaram para o resto de suas vidas, gerando consequências na fase adulta como problemas de interação e relacionamento com outros sujeitos. Oportuno mencionar que o comportamento agressivo por parte do autor do fenômeno geralmente ocorre pela falta da presença da família no dia-a-dia do aluno e até mesmo pela ausência de limites (Leão, 2010).

Segundo o Fante (citado por Leão, 2010) é oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicado. Nem sempre os pais se dão conta de que certos comportamentos que os filhos manifestam são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que é percebida por ele; muito menos procuram entender e refletir se o que os filhos estão realmente aprendendo têm relação com aquilo que “eles pensam” que está sendo ensinado. Os pais então, devem elogiar constantemente as qualidades e capacidades de seus filhos, para que as autoestimas dos mesmos não sejam prejudicadas.

O Leão, (2010) na sua análise sobre a questão diz que agressores são os ditos populares, vitimizam os mais fracos, conseguindo, muitas vezes, o auxílio dos demais alunos para autoafirmarem-se, portanto, esses tais alunos que contribuem juntamente como o agressor para a prática de violência, também são considerados de agressores. Acrescenta ainda a autora que, para manter sua popularidade acabam humilhando, ridicularizando e hostilizando a vítima sem motivos evidentes, sendo considerados por tais comportamentos como valentões. A conduta do agressor, normalmente, caracteriza-se pela dominação e imposição mediante o poder e a ameaça para conseguir aquilo que almeja. Esses mesmos agressores, pertencem as famílias, por vezes, em que há ausência de carinho, diálogo presença dos pais e de limites (Leão, 2010).

Acrescenta o Silva (citado por Leão, 2010) que os agressores, geralmente envolvem-se em situações antissociais e de risco, como o roubo, drogas, álcool, tabaco, vandalismo e brigas, importante mencionar que tais autores sentem dificuldades em aceitar as normas que lhe são impostas; não aceitam ser contrariados, não toleram atrasos, tem um carácter mau, têm como característica a impulsividade, a irritabilidade baixa resistência a frustrações.

Para uma melhor compreensão o autor caracteriza os três tipos de vítima e faz a distinção entre:

- **Vítima específica ou representativa**, que é pouco sociável, sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros, possui aspeto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, algumas dificuldades de aprendizagem, ansiedade e aspeto depressivos.

- **Vítima sedutora**, em que se refere àquela que atrai e provoca reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. É de modo geral, tola imatura, de costumes irritantes e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

- **Vítima agressora**, que reproduz os maus tratos sofridos, como forma de compensação procura uma outra vítima mais frágil e comete contra esta todas as agressões sofridas na escola, ou em casa, transformando a violência em um ciclo vicioso.

- **Espetadores ou testemunhas**, também figuram como personagens de tal fenómeno, entretanto, são assim chamados por apenas assistirem à prática da violência e não manifestarem, quer seja para interferir na defesa da vítima ou para denunciar o feito. Simplesmente se mantêm inertes. Esse posicionamento, normalmente, é adotado por medo de serem a próxima vítima.

De acordo com Charlita, (citado por Leão, 2010) os espectadores aprendem a ser omissos e passivos para se defenderem. O medo em delatar o agressor ou defender a vítima, pode transformá-los na vida adulta em cidadãos egoístas, que aceitem e até mesmo legitimam as injustiças sociais.

Em consonância, o pesquisador Olwers (citado por Leão, 2010) elenca alguns comportamentos que devem ser observados para que a vítima e o agressor sejam identificados, tais como:

O comportamento da vítima na escola, que durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto. Na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro e ansioso. Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido apresenta-se comumente com aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito, apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares, apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural, falta às aulas com certa frequência (absentismo) perde sempre os seus pertences.

O comportamento da vítima em casa, que apresenta com frequência, dores de cabeça, pouco apetite, dor de estômago, tonturas, sobretudo de manhã, muda o humor de maneira inesperada, apresentando explosões de irritação, regressa da escola com as roupas rasgadas ou sujas e com o material escolar danificado, apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares, apresenta aspeto contrariado, triste, deprimido, aflito ou infeliz, apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões ou estragos na roupa, apresenta desculpas para faltar às aulas, raramente possui amigos, ou possui ao menos um amigo para compartilhar seu tempo livre, pede dinheiro extra á família ou furta apresenta gastos altos na cantina da escola.

O comportamento do agressor na escola, que faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo estranho e hostil, coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de

forma malsoante, insulta, menospreza ridiculariza, difama, faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga, incomoda, intimida, empurra, bate dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos, pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o consentimento.

O comportamento do agressor em casa, que regressa da escola com as roupas amarrotadas e com ar de superioridade apresenta atitude hostil, desafiante e agressiva com os pais e irmãos, chegando a ponto de atemorizá-los sem levar em conta a idade ou a diferença de força física.

É habilidoso para sair-se bem de situações difíceis, exterioriza ou tenta exteriorizar sua autoridade sobre alguém, porta objetos ou dinheiro sem justificar a sua origem.

2.1.3 - Conduta e comportamento das vítimas de violência na escola.

Apesar de existir uma complexidade em torno da definição de violência escolar, alguns estudos apontam para o facto de que é preciso esclarecer o conceito de violência escolar em três vertentes:

- *Violência contra a escola*, entendida como práticas intencionalmente dirigidas à instituição escolar e aquilo que ela significa, atingindo principalmente as instalações e seus profissionais.

Violência da escola, são aquelas práticas mais sutis de discriminação, preconceito, exclusão ou violência simbólica cometidas pela instituição educativa, atingindo principalmente as crianças e jovens.

Violência dentro da escola, é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada às atividades da instituição escolar. A escola, nessa terceira vertente, afirma Charlot

(2002), é apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em outro lugar, como exemplo cita alguém que invade a escola para acertar as contas (Charlot citado por Jacio, 2006).

Essa emblemática em torno da definição de violência na escola é em virtude dela nos levar a fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, porque rompe a estrutura das representações básicas do valor social, primeiro da infância que nos remete a inocência e segundo a escola, um local de refúgio pacífico, e por fim, da própria sociedade com regime democrático, (Charlot citado por Ferreira, 2006).

De acordo a definição de Bordina e Rofford, (2010), a escola é vista como uma instituição de ensino que deve zelar e estar comprometida com a aprendizagem e o bem-estar dos alunos, Porém certos comportamentos, como mentir, aldrabar e faltar as aulas, podem ser observados no curso do desenvolvimento normal de crianças e adolescentes.

Para diferenciar normalidade de psicopatologia, é importante verificar se esses comportamentos ocorrem esporadicamente e de modo isolado ou se constituem síndromes, representando um desvio de padrão de comportamento esperado para pessoas da mesma idade e sexo em determinada cultura.

Para Bordina e Rofford, (2010) o transtorno de conduta é um dos transtornos mais frequentes na infância e um dos maiores motivos de encaminhamento ao psiquiatra infantil. Mas não devemos confundir o transtorno de conduta com o distúrbio de conduta. Na base do transtorno da conduta está a tendência permanente para apresentar comportamentos que incomodam e perturbam, além do envolvimento em atividade delituosa.

Segundo Winnicott (citado por Bordina e Rofford, 2010) quando a criança sofre privação afetiva, manifesta comportamento anti-social no lar ou numa esfera mais ampla. No ponto de vista psicodinâmico, estes comportamentos demonstram esperança em obter algo bom que foi perdido, sendo a ausência de esperança a características básica da criança que sofreu

privação. O jovem experimenta um impulso de busca do objeto de alguém que possa encarregar-se de cuidar dele, esperando poder confiar num ambiente estável, capaz de suportar a tensão resultante do comportamento impulsivo.

No entanto, alguns autores referem que certos comportamentos antissocial estão associados a questões económicas, negligências e irresponsabilidade dos pais. A discórdia conjugal, conflito entre os pais, estão associadas muitas vezes a comportamentos agressivos na escola.

Acrescenta Winnicott (citado por Bordina e Rofford, 2010) que é preciso considerar a contribuição da criança para a qualidade do relacionamento entre os pais e filhos, pois a criança difícil de lidar, desobedientes e agressivas favorecem a desorganização do ambiente familiar e o desequilíbrio de um relacionamento conjugal.

No entanto outros psicólogos consideram que os processos psicológicos humanos se realizam inicialmente no social enquanto processos interpessoais e interpsicológicos, para posteriormente tornarem-se individuais, ou seja, intrapessoais ou intrapsicológicos.

Vygotsky (citado por Meira, 2005), contrapõe as duas tendências importantes na psicologia. Em primeiro lugar, as concepções que consideram que o comportamento social deriva do individual. Em segundo lugar, àquelas que advogam que o indivíduo sofre influências sociais de forma passiva e que se fundamentam em um conceito de “ambiente” no sentido estrito de um conjunto de circunstâncias ou contingências que, de acordo com as suas características, podem ou não fornecer elementos que facilitem o desenvolvimento, ou seja, o meio social coloca-se como algo dado e natural, ao qual se deve ajustar.

Ao evidenciar que o indivíduo interioriza determinadas formas de funcionamento que estão dadas pela cultura, mas que ao apropriar-se delas transforma-as em instrumentos de pensamento e ação, Vygotsky estabeleceu as bases para uma nova compreensão da relação entre

o sujeito psicológico e o contexto histórico, que resgata o sentido subjetivo e pessoal do homem, mas situando-o na trama complexa das relações sociais.

Capítulo III

Fatores da Violência

3.1-Fatores que contribuem para a violência na escola

Os diversos valores coexistem na cultura e o ser humano vai criando um modo próprio de ser, a partir de sua interação com várias influências, internas e externas, da educação direta formal, dos valores que passam pelos meios de comunicação social (internet, rádio, televisão, jornal), pelos modos de condutas sociais, interferências estas, que passam despercebidos da consciência.

Na busca de explicações para as causas deste fenómeno na escola, vários autores associam os atos de violência a fatores externos e /ou fatores internos. Os fatores externos (exógenos) referem-se a explicações de natureza socioeconómica dentre este, constam a pobreza, desestruturação familiar, influencia do meio, ambiente social, a própria conjuntura social, superlotação dos alunos nas salas de aula, falta de meios materiais e pedagógicos, bem como a falta de pontos de referência entre os próprios jovens. Estes fatores, embora podem encontrar explicações para muitos casos de violência praticada na escola, no entanto desse ponto de vista a escola é vista como vítima de situações que estão fora do seu controle.

Hayden (citado por Rodrigues, 2011) fala-nos sobre as *variáveis internas (endógenas)* realçam os fatores tais como: os sistemas de normas e regulamentos, bem como os projetos políticos do processo de ensino e aprendizagem. Esses fatores abrangem também o colapso dos acordos relativos à existência interna e também à falta de respeito por parte dos professores em relação aos alunos e vice-versa.

Estas variáveis fazem parte de um conjunto de ações, dificuldades e tensões vivenciadas na rotina da escola. As razões para as dificuldades encontradas no estabelecimento de relações razoáveis e harmônicas entre os alunos, a escola e a comunidade podem ser explicitamente encontradas nessas variáveis (Sposito, citado por Rodrigues, 2011).

O autor aponta alguns fatores para tentar explicar as causas da violência na escola nomeadamente:

- **Fatores de risco a violência**, em que os delitos violentos como os demais crimes têm a sua origem nas interações com os agressores e as vítimas em determinadas situações. Alguns atos violentos provavelmente são cometidos por pessoas portadoras de tendências violentas relativamente estáveis e duradouras, ao passo que outros são cometidos por pessoas mais normais que em situação tendem a levar a violência.

- **Fatores psicológicos**, de entre principais fatores psicológicos que levam a prevenir a violência são a hiperatividade, impulsividade, controlo comportamental deficiente e problemas de atenção. Por outro lado, o nervosismo e ansiedade, estão negativamente correlacionados com a violência.

- **Fatores familiares**, que são muito dos fatores familiares que auguram a violência futura. Vários estudos efetuados apontam que uma das principais causas, eram a supervisão parental deficiente, pais agressivos (incluindo disciplina severa e punitiva) e conflitos entre os pais. A ausência do pai era um fator quase tão decisivo quanto os anteriormente citados embora a falta de afeto da mãe não fosse significativa. Segundo alguns estudiosos na matéria apontam que pais com episódio de violência no passado tendem a ter filhos também violentos.

- **Fator sociocultural**, um outro fator que contribui para a violência na escola é o fator sociocultural.

Segundo Durkheim (citado por Pratta & Santos, 2007) “*o ser social não nasce com o homem, não apresenta na constituição humana primitiva, como também não resulta de nenhum desenvolvimento espontâneo*”

Levy Vygotsky na sua teoria diz que” o grupo cultural em que o indivíduo se desenvolve vai fornecer-lhe um universo de significados que ordena o real em categorias (conceitos), nomeado por palavras da língua desse grupo” (Vygotsky citado por Oliveira, 2009).

Efetivamente a escola é o lugar em que as diversas culturas, linguagens e representações sociais, são manifestadas, pois a escola é a instituição que recebe num só ambiente várias características de representações sociais. Partindo desta conceção, se a escola estiver inserida num bairro violento, conseqüentemente enfrentará problemas de violência e de indisciplina dos alunos devido este fator.

A postura do professor, atitude desrespeitosa pode contribuir para aumentar a violência na escola. Os comportamentos autoritários e agressivos por parte de alguns agentes responsáveis podem transmitir sentimentos negativos. Falar palavrões em sala de aula chamar aluno de “*burro*”, *ignorante*” e tratar com desprezo incita a violência na escola.

Segundo Carvalho e Ramos (citado por Desen & Polónia, 2007) as ações autoritárias dos professores prejudicam o relacionamento entre o professor e o aluno. Se professor abusa da sua autoridade docente, conseqüentemente, ele terá um retorno não desejado dos seus alunos. No entanto deveria haver um equilíbrio das duas partes: o aluno deve respeitar o professor como autoridade da sala de aula e o professor respeitar o aluno como humano em processo de aprendizagem, formação de valores e construção de novos conhecimentos.

3.1.1 - Os Mídias e as novas tecnologias.

Alguns estudiosos da actualidade nos domínios das novas tecnologias de informação e comunicação afirmam dizendo que as novas tecnologias de informação e comunicação também incitam às novas interpretações de violência, pela reapropriação que os adolescentes fazem dessas informações. É de ressaltar que os modos e os meios como as informações chegam aos domicílios podem ser absorvidos de maneira negativa e influenciar no comportamento.

3.1.2-A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico e social dos seus educandos.

A família presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais. Portanto ela tem um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais Kreppner, (citado por Dessen & Polónia, 2007).

No ambiente familiar, a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades da vida (Wagner citado por Pratta & Santos, 2007).

Essas habilidades sociais e sua forma de expressão, inicialmente desenvolvidas no âmbito familiar têm repercussões em outros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou mesmo o adulto interage, acionando aspetos salutareos ou provocando problemas e alterando a saúde mental e física dos indivíduos (Pratta & Santos, 2007).

Segundo Romanelli, (1997) a família corresponde um lugar privilegiado de afeto, no qual estão inseridos relacionamentos íntimos, expressão de emoções e de sentimentos. Portanto

pode-se dizer que é no interior da família, que o indivíduo mantém o seu primeiro relacionamento interpessoal com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte efetivo importante quando atinge a idade adulta.

Estas trocas emocionais estabelecidas ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento e aquisição de condições físicas e mentais centrais para cada etapa do desenvolvimento psicológico e social do sujeito. No entanto os membros das famílias contemporâneas têm deparado e adaptado às novas formas de coexistência oriundas das mudanças na sociedade isto é, do conflito entre os valores antigos e o estabelecimento de novas relações.

Como parte de um sistema social, englobando vários subsistemas, os papéis dos seus membros são estabelecidos em função dos estágios de desenvolvimento do indivíduo e da família vista enquanto Kreppner (citado por Dessen & Polónia, 2007). Por exemplo, ser adolescente crescendo em uma família nuclear tradicional, com irmãos não biológicos, é diferente de sê-lo em uma família recasada, coabitando com padrasto e irmãos não biológico. Sendo composta por uma complexa e dinâmica de rede de interações que envolve aspetos cognitivos, sociais e afetivos e culturais, a família não pode ser definida apenas pelos laços de consanguinidade, mas sim por um conjunto de variáveis incluindo o significado das interações entre as pessoas.

Segundo o Petzold, (citado por Dessen & Polónia, 2007), a conceção científica da família evidencia o enlaçamento das variáveis biológicas, sociais, culturais e históricas que exercem grande influência nas relações familiares, constituindo a base para as formas contemporâneas dela. Os laços de consanguinidade, as formas legais de união, os graus de intimidade nas relações, as formas de moradia, o compartilhamento de renda são algumas dessas variáveis que,

combinadas, permitem a identificação de 196 tipos de famílias, produtos de cinco subsistemas resultantes da concepção ecológica de micro, meso, exo, macro e cronossistema.

De acordo com a concepção proposta por Petzold, (citado por Dessen & Polónia, 2007) a combinação derivada do microssistema tem como base as relações diádicas, isto é, como os genitores interagem, com destaque para o grau de intimidade:

Se o estilo de vida é compartilhado ou separado, se esta relação é considerada heterossexual ou homossexual, se há alteridade no poder ou não. Já aquelas influências provenientes do mesossistema compreendem as relações com os filhos, ou seja, a sua presença ou ausência, se eles são biológicos ou adotivos e se moram com os pais ou não.

No tocante ao exossistema de grupo familiar, segundo o mesmo autor, esse engloba os contextos e as redes sociais que asseguram o sentimento de pertencer a um grupo especial ou cultural, tais como as relações mantidas por laços de consanguinidade ou casamento, vínculos de dependência ou autonomia financeira ou emocional.

E a macrossistema reflete os valores e as crenças compartilhadas por um conjunto de pessoas, por exemplo, relacionadas ao fato de a união ser civil ou não, de a relação ser estável ou temporária, de os cônjuges habitarem ou não no mesmo espaço físico.

E, por fim, o cronossistema diz respeito às transformações da família na sociedade, incluindo as suas diferentes configurações ao longo do tempo, dentre as quais a família extensa e a monoparental. O próprio conceito de família e a configuração dela têm evoluído para retratar as relações que se estabelecem na sociedade atual.

Como refere Stratton, (citado por Dessen & Polónia, 2007), não existe uma configuração familiar ideal, porque são inúmeras combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias contemporâneas: nuclear, tradicional, recasadas, monoparentais, homossexuais, dentre outras combinações.

A acrescenta ainda o Wagner (citado por Pratta & Santos, 2007), na sua teoria, de que os padrões familiares vão se transformando e reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais políticas, económicas e culturais, o que requer adaptações e acomodações às realidades enfrentadas.

E os arranjos familiares distintos que vão surgindo, por sua vez, provocam transformações nas relações familiares nos papéis desempenhados pelos seus membros, nos valores, nas funções intergeracionais, nas expectativas e nos processos de desenvolvimento dos indivíduos.

Portanto, a família, hoje, não é mais vista como um sistema privado de relações; ao contrário, as atividades individuais e coletivas estão intimamente ligadas e se influenciam mutuamente.

Todavia, a formação dos vínculos afetivos não é imutável, pelo contrário, ela vai se diferenciando e progredindo mediante as modificações do próprio desenvolvimento da pessoa, as demandas sociais e as transformações sofridas pelo grupo sociocultural (Kreppner, 2000).

De acordo a ideia deste autor, além da família adaptar-se às mudanças decorrentes do crescimento dos seus membros, ela ainda, tem a tarefa de assegurar a continuidade biológica, tradições, os modelos de vida, o bem-estar psicológico de cada um, buscando sempre nova estabilidade nas relações familiares. Ao desempenhar as suas funções, dentre as quais a socialização da criança, a família estabelece uma estrutura mínima de atividades e relações em que os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido, e outros são evidenciados (Kreppner, 2000).

3.2-Violência e as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem

A escola é um espaço de construção de saberes, de convivência e socialização (Abramovay & Ruas, 2002). Segundo Delors (citado por Guimarães, 2015) a escola é uma via capaz de conduzir a um desenvolvimento humano harmonioso, combater diversas formas de pobreza, exclusão social, intolerância e opressões.

A sala de aula é definida por Silva, Ferreira e Ataíde, (2010), como um espaço onde os professores convivem diariamente, onde o sujeito aprende e se envolve ativamente no processo de ensino e aprendizagem por meio de interações sociais que mantém com os outros e com os objetos do conhecimento. No entanto, o sucesso dessa construção vai depender basicamente da qualidade dessas relações.

Enfim, é possível afirmar que, quando o professor provoca a participação dos alunos através do diálogo ou possibilita que eles se sintam à vontade na sala de aula, a relação professor-aluno é favorecida e, conseqüentemente, a construção do conhecimento, ao permitir que falem, o professor favorece o confronto de pontos de vistas, o possível surgimento do conflito cognitivo e sua provável superação.

Segundo o Tassoni (citado por Silva, Ferreira e Ataíde, 2010), a afetividade que manifesta na relação (professor-aluno), constitui elemento inseparável do processo de ensino e aprendizagem e a própria qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, uma vez que entre o professor e o aluno há uma relação de pessoa para a pessoa e, portanto, o afeto está presente.

Alguns autores defendem claramente de que é preciso inicialmente distinguir a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, esta ligada à natureza e às atividades da instituição escolar.

Charlot (2002) define e amplia o conceito de violência em três níveis sendo:

-A violência propriamente dita, que são os ferimentos físicos, sexuais, roubos, crimes e vandalismo, incivilidade definida por humilhações; falta de respeito e assédios;

-A violência simbólica ou institucional, onde há desprazer pelo ensino, que obriga o jovem a aprender materiais e conteúdos que para ele são aversivos. Neste contexto, Charlot (2002) salienta que o conflito nasce quando o professor não ensina.

Sobre violência simbólica, Pierre Bourdieu sociólogo, francês, delimita o termo na obra *"Sobre o poder Simbólico"*, sendo esta uma forma de agressão sem que haja de facto contacto físico, ou seja, um discurso dominante que coage. Para este sociólogo francês, a violência simbólica que é uma violência "invisível", adotada por meio genuinamente simbólico de comunicação e conhecimento, que se constitui em um vínculo de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a realidade se apresenta.

Vygotsky (citado por Bordina & Rofford, 2010), na sua teoria de pensamento e linguagem, considera que os processos psicológicos superiores humanos constituem-se em atividades mediadas pela linguagem, estruturadas em sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis: Em palavras: "O pensamento e a linguagem", que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são chave para a compreensão da natureza da consciência humana. "as palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo".

Para o autor, o indivíduo é um ser social e histórico, cuja consciência é fruto das formas pelas quais se concretiza sua participação no mundo e se apropria dos conhecimentos historicamente construídos e transmitidos. E por esta via, defende a possibilidade de uma práxis

transformadora que pode ampliar a consciência do homem e iluminar a sua busca em direção à liberdade e a criatividade.

Conforme aponta Saviani (citado por Meira, 2010), os professores devem buscar nortear sua ação a partir de três objetivos fundamentais:

-A identificação das formas mais desenvolvidas em que se exprime o saber objetivo socialmente produzido;

-A transformação deste saber objetivo em saber escolar que possa ser assimilado pelo conjunto dos alunos;

-A garantia das condições necessária para que estes não apenas se apropriem do conhecimento, mas ainda possam elevar seu nível de compreensão sobre a realidade;

Afirma ainda o autor que, a tarefa docente vai muito além, já que após ter definido os conteúdos e delimitado a metodologia a ser utilizada, o professor ainda tem que enfrentar um novo desafio: o fato de que nem todos aprendem do mesmo modo, no mesmo momento, no mesmo ritmo. Além disso, alguns alunos parecem simplesmente não aprender nada.

O professor tem um papel importante na prevenção de violência na escola tendo em conta que o professor poderá proporcionar uma diversidade de modelos de pensamento e de comportamento para poder desenvolver o espírito crítico dos seus alunos (Amado & Freire, 2002). O professor terá de inverter a sua postura autoritária, expositiva e informativa que tem por consequência uma aprendizagem passiva e de mera memorização, criando-lhe condições necessária para o desenvolvimento das suas capacidades, de forma a construir um processo de pensamento autónomo e consciente que estimulem a reflexão sobre si próprio e da sua relação com o mundo, promovendo a emergência de uma consciência ético-moral.

3.2.1-Indisciplina como fenómeno social.

A indisciplina escolar não é uma problemática recente; ao contrário, é um fenómeno cujo conceito, as causas e a razão de ser variam no espaço e no tempo (Estrela, citado por Rosso & Camargo, 2012). Para Estrela (citado por Jesus & Maia), **“a indisciplina escolar” é um fenómeno essencialmente escolar tão antigo como a própria escola é tão inevitável como ela”**.

Nas últimas décadas, a indisciplina tem sido objecto de inúmeras investigações que procuraram conceituá-la e explicá-la. As pesquisas transitam entre os campos teóricos das sociologia, psicologia, pedagogia e psicanálise, os atores do amplo processo de ensino-aprendizagem; professores ou alunos o espaço escolar, doméstico ou social, (Ledo citado por Rosso & Camargo, 2012). Os resultados dessas pesquisas mostram que professores e alunos tratam a indisciplina como um fenómeno causal, de carácter individual. Além disso, nessa dinâmica de causalidades as explicações oscilam de acordo com os interesses em jogo e de uma geopolítica imaginária, isto é, disputa de poder que cerca as relações escolares imbuindo e esquadrihando a ocupação dos lugares instituídos de docentes e discentes (Aquino citado por Rosso & Camargo, 2012).

No entanto, de acordo com Santos (citado por Silva et al. 2005) há duas décadas que vem sendo realizados estudos que também demostram que as escolas estão vivendo um dos momentos, mas crítico, no que diz respeito á questão da disciplina.

Relativamente à violência, a escola ao ter como uma das suas funções formar o aluno, preparando-os para o seu papel na cidadania é peça fundamental para refletir sobre esta problemática. Por outro lado, sabe-se que muitos são os fatores que interferem no quesito da indisciplina e a violência que vem se alastrando a cada dia mais, não só no contexto social bem como no interior das escolas.

Para Pirola e Ferreira (citados por Jesus & Maia, 2010) a indisciplina escolar pode ser entendida como “um traço constituído a partir das interações que se estabelecem no espaço social da escola ,traço este que pode ser caracterizado como “maneiras de ser de uma pessoa com outras pessoas do seu meio, que trazem as marcas de certos padrões culturais”, esses traços por vezes não são inerentes aos alunos, mas esse aluno se constitui indisciplinado a partir de suas experiências concretas no grupo cultural ao qual pertence”

Segundo Guimarães (2015), a violência caracteriza por qualquer ato violento, que no sentido jurídico, provocaria, o uso de força, um constrangimento físico ou moral.

Para Waiselfisz, (citado por Silva et al. 2005) conceituar violência não é tarefa tão simples pela sua amplitude, complexidade e ambiguidade. Este considera que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são historicamente e culturalmente construídos. Por outro lado, tal conceito poderá se referir as situações marcadamente diversificados, cada uma respondendo a determinações legais, modos de produção explicações e efeitos diferentes. O autor associa o termo violência ao emprego desejado de agressividade com fins destrutivos, ou seja, desejo de destruição.

Para haver violência é preciso que numa situação de interação onde um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa. Causa danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas culturais. Como tal, pode-se considerar a violência como uma resposta que o sujeito dá no momento que é tolhido no seu “EU” em que a privação das necessidades básicas poderia ser a causa que levaria uma pessoa a se tornar violenta. Pois esta resposta proporcionada por uma frustração, é ardorosa e violenta, isto é, agressiva, impetuosa e se constitui num ato de violência. Ela não surge do nada, mas de motivos frustrantes, de abandonos primitivos perdas irreparáveis, de sonhos desfeitos.

A questão da indisciplina, tomou proporções alarmantes e que se tornou uma realidade em âmbito mundial atingindo não só uma ou outra classe social, mas permeando todas as classes sociais e culturais.

Para entender os determinantes que causam a indisciplina ou degeneram a disciplina na escola, originando a violência com colegas, professores e funcionários da escola, tem sido motivo de pesquisas correntes não somente nas áreas da sociologia e psicologia como também na pedagogia.

Nesse sentido, cabe ao professor entender a educação como um processo de construção individual, coletiva e contínua responsabilizando-se pela transformação do sujeito consciente de sua cidadania. Podemos refletir sobre a instituição educacional na qual a qualidade depende maioritariamente da maneira pela qual é dado o foco na condução das atividades que são desenvolvidas na sala de aula.

Para Dílson (citado por Silva et al. 2005), a escola não consiste somente em um lugar onde são repassadas informações ou ensinadas técnicas e estratégias, mas também constitui um lugar e momento propício para a formação de valores na criança e nos jovens. Assim sendo, é preciso reformular as práticas pedagógicas, produzindo mudanças na comunidade e processo educacional.

Atualmente muito se fala sobre as mudanças na educação, quando e onde, teóricos, pedagogos e outros têm formulado reflexões críticas e até mesmo reformulado e estendendo conceitos visando essa transformação. Portanto torna necessário refletir sobre as posturas do professor, no sentido de qual tem sido a sua contribuição neste processo, principalmente ao considerar o aluno como um ser em totalidade e não apenas como um arquivo de conhecimento.

Considerando que a indisciplina é o contrário da disciplina, muitos autores partem do conceito de disciplina, estabelecendo depois o contrário. Assim, alguns autores ao discorrerem

sobre a indisciplina partem dos pressupostos Kantianos, “a disciplina” é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem. Trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo de sua condição animal.” (Silva et al. 2005).

Jaime (citado por Vasconcelos, 2002) define a disciplina como um conjunto de mecanismos e estratégias que permitem criar um clima educacional em sala de aula, mas ressalta a ideia de que existem professores que a definem como estratégias de calma tranquilidade e controle.

No entanto para Rebelo (2002) a disciplina significa regime de ordem imposta ou livremente consentida. Significa também ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar ou escolar). Podendo ainda significar relações de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor e por fim, observância de preceitos ou normas submissão a um regulamento.

Todavia Aquino (citado por Guimarães, 2015) a disciplina é considerada como um “regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento de uma organização. A criança é demasiada pequena para ser capaz de exercer esse controle. Cabe ao adulto dirigi-lo, organiza-lhe um regime de vida tal que ela possa aprender o mais cedo possível a escolher e dirigir as suas ações. A disciplina não tem outro fim senão ensinar a criança a fazer o melhor uso desta independência.

Segundo Cloud e Townsind (citado por Silva et al. 2005) o limite é a linha demarcatória que identifica uma pessoa, ela determina onde termina e a outra começa. Se conhecermos os limites de uma pessoa, sabemos o que podemos esperar dela. Podemos exigir responsabilidade em relação aos sentimentos, atitude ou comportamento.

Para Samalin e Whitney (citado por Kolarik, Rodrigues & Matos, 2017) é responsabilidade dos pais definir limites apropriados, manter seu filho saudável e seguro e

estabelecer a ordem em sua casa, tudo isso exige muita firmeza. Para este autor, os pais podem encontrar um equilíbrio entre o limite e a flexibilidade. Em toda a família, há questões negociáveis e não negociáveis. As regras negociáveis se relacionam a segurança, questões básicas e valores fundamentais. As regras negociáveis são aquelas que se pode contornar, mesmo se o comportamento apresentado causar aborrecimentos e envolverem preferências pessoais, gostos discrepantes e conveniências. Para impor limites é necessário lembrar que tom da voz e as palavras com que se usam perante as crianças podem fazer a diferença entre uma luta de poder feroz e um espírito de reciprocidade. O ponto chave é declarar suas regras e expectativas (kolarik, Rodrigues & Matos, 2017).

O Samalin e Whistney (citado kolarik, Rodrigues & Matos, 2017) acrescenta ainda, dizendo que é trabalho dos pais impor limites. Mas, a meta dos filhos é tentar escapar deles em qualquer oportunidade. Os pais devem fornecer estrutura, eles querem liberdade. Os pais precisam garantir a sua segurança, eles são atraídos pela aventura e perigo. Os pais querem a consciência das consequências e os filhos são impulsivos e completamente imersos. Finalmente, a escolha não tem de estar entre ser muito permissivo ou muito rígido, outro caminho que se chama autoridade.

Segundo Rego (citado por kolarik, Rodrigues & Matos, 2017) a visão disciplinar na perspectiva de submissão é muito comum nas escolas onde a mesma requer dos alunos um comportamento de passividade, docilidade e silêncio.

Rego (citado por kolarik, Rodrigues & Matos, 2017) na sua reflexão, acrescenta ainda de que, outra tendência se faz presente no campo educacional é a de associar disciplina a tirania onde qualquer tentativa de paramentos de diretrizes é vista como prática autoritária. Nesta perspectiva, a questão da indisciplina de um lado é vista como práticas despóticas, de outro, estímulo de tirania, ou seja, o projeto pedagógico fica submetido à vontade da criança.

Para Rego (citado por Kolarik, Rodrigues & Matos, 2017) a visão da vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros desse grupo. A escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de ser vistas como castradoras e passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social.

Rego (citado por Kolarik, Rodrigues & Matos, 2017), ao considerar a ideia de Vygotski, afirma que no plano educativo, um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, se inquieta na sala, mas sim como aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e os sentimentos alheios. Os autores consideram que um outro aspecto capaz de influenciar significativamente o processo educativo na instituição escolar são os diferentes elementos da comunidade escolar (professores, técnicos, pais e alunos).

No decorrer dos trabalhos de investigação de Caldeira e Rego (2001), diz que é comum ver a indisciplina na sala de aula como reflexo da pobreza e da violência presente de um modo geral na sociedade e fomentada, de modo particular, nos meios de comunicação, especialmente na televisão. Afirma também que muitos atribuem a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família, outros parecem compreender que a manifestação de maior ou menor indisciplina no cotidiano escolar está relacionada aos traços da personalidade de cada aluno.

Estes traços, portanto, para este tipo de afirmação, não poderão ser modificados, pois já estão definidos desde o nascimento e fazem parte da natureza de cada indivíduo. Consequentemente, a experiência escolar não tem nenhum poder de influenciar e interferir no comportamento individual.

Para Benavente (1990) ensinar é mais que transmitir conteúdos, ou seja, é poder gerir relações com o saber, à aprendizagem implica uma tensão, uma violência para aprender.

Segundo o Benavente (1990) a escola é o lugar onde se tece com complexa relação; mas, à medida que o professor não consegue perceber essa teia ele encontra conflitos. Quando o professor experimenta a ambiguidade do seu lugar, ele consegue juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel. Isto não significa que a paz reinará na escola, mas que os alunos e professores, por forças das circunstâncias serão obrigados a se ajustar e formular regras comuns.

No entanto Amado e Freire (2002) realçam os aspetos negativos da indisciplina dizendo que a indisciplina é um problema que muito contribui para uma crescente imagem negativa da escola, afligindo pais e professores dos diversos graus de ensino. Trata-se, de fato, de um fenómeno complexo. Não só se manifesta dos mais diversos modos e graus da intensidade, como tem por detrás múltiplos fatores de ordem social, familiar, pessoal e escolar. Fatores que devem ser levados em conta em qualquer análise e em qualquer discurso sobre o tema é o reconhecimento dessa complexidade que faz a diferença entre o discurso do senso comum e o discurso do técnico e do investigador. O autor na sua reflexão considera a indisciplina na escola e na sala de aula como “fenómeno relacional e interativo”. Este fenómeno que se concretiza no cumprimento das tarefas na sala e, ainda no desrespeito de normas e valores que fundamentam o convívio entre pares e a relação com o professor enquanto pessoa e autoridade (Amado & Freire, 2002).

Acrescentando ainda que, por ser um fenómeno relacional e internacional é necessário compreender que, para lá do “incumprimento das regras” e do desrespeito de normas e valores”, estes problemas estão intimamente relacionados a:

-Desvio as regras da produção que está ligado a “perturbação” que causam ao bom funcionamento da aula;

-Conflitos interpares que abrange as dificuldades de relacionamento da aula;

-Conflitos da relação professor-aluno, e põe em causa a autoridade e o estatuto do professor, abrangendo também a violência e o vandalismo, contra o professor.

3.3 - A relação professor /aluno face a violência na escola.

Segundo Ferreira (2011), a escola como qualquer outra instituição está planificada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme; quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de actividades que enquadrinham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos directores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade.

Segundo Dyrell (1992) a escola é vista como uma instituição única com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinate dos processos. Materializado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto” “coisa” a ser transmitida. Ensinar se torna a transmitir esse conhecimento acumulado e aprender a ser transmitida.

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência nesse lugar. Ao mesmo tempo que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele,

tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre a sua própria vida Grifos citado por Groppa & Aquino, (2011).

De acordo a Marisa (citada por Meira, 2010) a educação escolar garante não apenas a aprendizagem em um sentido restrito, mas ainda é capaz de produzir desenvolvimento e ampliar as potencialidades humanas de professor e aluno, é preciso destacar que todo este processo se dá necessariamente a partir das relações que se estabelecem na sala de aula.

Existe uma clara correspondência entre a qualidade das práticas pedagógicas e dos diferentes tipos de relações interpessoais que se estabelecem quotidianamente entre professor e aluno. Isto significa que as diferentes maneiras através das quais se constrói o encontro entre professor e aluno no espaço concreto de sala de aula, trazem consequências importantes para o trabalho educativos.

O primeiro aspeto a ser considerado é que, ao desempenhar sua função docente o professor não está apenas ensinando determinados conteúdos, mas também, e fundamental, está formando indivíduos, já que mais do que apenas um processo intersubjetivo, as relações interpessoais expressam toda uma rede de valores sociais que nem sempre são inteiramente percebidos e desvelados.

A atividade educacional envolve um processo de formação que se constrói através de relações interpessoais, mas ao mesmo tempo é também um processo de preparação dos alunos para o desenvolvimento destas relações (dentro e fora da escola); que se orienta principalmente pela maneira como o professor concebe sua função e de como percebe os seus alunos Meira (2010).

Enquanto agente a quem a sociedade confere entre outros, o papel de transmissor de determinados padrões de cultura, o professor tende a tomar toda uma série de preceitos do que supostamente se deveria esperar, tanto do seu papel, quanto das atitudes e desempenho dos

alunos, não só como orientadores de sua ação, mas ainda como parâmetros de avaliação de sua classe.

Acrescenta ainda a autora que, quando professores e alunos não se envolvem de maneira firme e consciente com a construção de relações recíproca de respeito, cooperação e solidariedade reforça-se o circuito de alinação, do qual todos participamos ainda que inadvertidamente, que tende a expressar-se na sala de aula das mais diferentes formas: a dificuldade de construir junto com os alunos regras e normas coletivas que leva o autoritarismo, o abandono da autoridade do professor; o predomínio de climas defensivos, já que tanto alunos quanto professores sentem-se ameaçados; a agressividade, a indisciplina, apatia, a violência etc.

O segundo aspeto a ser considerado pela autora é que as relações interpessoais também se constituem em condições importantes que podem garantir a aprendizagem do aluno. Isto significa que um dos determinantes fundamentais dos processos educativos qualitativamente superiores é a construção do conhecimento e o desenvolvimento das potencialidades humanas de alunos e professores.

Assim, o professor pode ajudar os alunos a desenvolverem a pensar na medida em que compreende que cada um carrega uma série de possibilidades que podem ser continuamente ampliadas através das relações sociais que se estabelecem no interior do processo de construção do trabalho educativo.

3.3.1-A função da escola.

A escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes. Constitui um espaço de convivência e de aprendizagem, da

oportunidade de socialização entre os jovens na troca de cultura. A escola é uma instituição social que tem a missão de realizar os objetivos educativos da sociedade.

Segundo Libâneo, Ferreira e Toschi (2013) “*A escola é uma unidade básica e espaço de realização dos objetivos e metas do sistema educativo*”. Hoje, a escola é considerada instituição educativa que tem a missão de transmitir, de forma maciça e eficaz, de saberes e saber-fazer evolutivos e adaptados à civilização cognitiva. Por isso, fornece aos novos cidadãos, crianças e adultos, as bases culturais que lhes permitam decifrar as mudanças em curso na sociedade contemporânea (Delors, citado por Guimarães, 2015).

Segundo Bandeira, (2012) a escola proporciona a experiência de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que dentre outras terão influências estruturantes na formação do indivíduo.

Acrescenta ainda, Lisboa (citado por Hutz, 2012) que não se pode considerar a escola apenas como um espaço destinado à aprendizagem formal ao desenvolvimento cognitivo. As interações que ocorrem no contexto escolar são caracterizadas pela forte atividade social.

Como tal, é nesse ambiente que as crianças e adolescentes têm a oportunidade de expandir sua rede de interações e relações para além da família, desenvolvendo autonomia independência e aumentando sua percepção de pertencer ao contexto social.

Essas habilidades sociais, juntamente com as características de personalidade, contribuem para determinar a forma com que o indivíduo se relaciona com os seus pares e tal aprendizagem serve como um treino para o convívio em sociedade (Bandeira, 2012).

Sendo a escola uma instituição socioeducativa que recolhendo outras experiências educativas documentais e não formais tem a meta de formar cidadãos mais preparados e qualificados para o novo tempo, contribuindo para formar indivíduos capazes de pensar e aprender sempre, promover a formação global que constitua um patamar para atender à

necessidade de maior e melhor qualificação profissional, preparação tecnológica e desenvolvimento de atitudes e disposições para a vida numa sociedade tecno-comunicacional, desenvolver conhecimentos capacidades e qualidades para o exercício autónomo, consciente e crítico da cidadania, formar cidadãos éticos e solidários (Libâneo, Ferreira e Toschi, citado por Guimarães, 2015).

A escola pelo trabalho educativo abona às crianças, o mais cedo possível passaporte para a vida que leva a compreender melhor a si mesmos aos outros e assim participar da obra coletiva da vida em sociedade (Delors, citado por Guimarães, 2015).

Segundo Bezerra (2005), a violência observada no espaço escolar é, talvez mais do que em qualquer outro ambiente social, um fenômeno que exige uma abordagem sensível às suas diferentes modalidades e expressões.

Usualmente, todos os comportamentos agressivos ou anti-sociais que ocorrem neste universo são categorizados como “violência na escola”. Essa classificação, entretanto, apresenta sérios problemas: não desassocia agressividade de violência, além de desvalorizar a “violência da escola”, tanto a institucional quanto aquela que se expressa pela negligência. Além disso, por ser um espaço de convívio diário, a escola se torna um campo em que emergem efeitos de relações violentas externas a ela.

O autor acrescenta ainda que, muitas vezes, os comportamentos transgressores neste ambiente expressam as consequências da violência estrutural ou doméstica às quais os “transgressores escolares” estão submetidos.

A escola, por sua vez, tem a oportunidade e o compromisso de compreender que efetivamente se passa em cada momento de emergência desses comportamentos e, com isso, manejá-los de forma contribuir para a saúde mental de quem ainda está em formação. Todavia

construir uma maneira de atingir esses objetivos exige ferramentas teóricas capazes de tornar a complexa rede de fenômenos sob esta rubrica inteligível e abordável.

3.3.2-A escola e a sua função social.

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividade, regras valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças Mahoney (citado por Dessen & Polónia, 2007). É nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela.

O sistema escolar, além de envolver uma gama de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade Oliveira (citado por Dessen & Polónia, 2007).

Como afirma o Hedeggard (citado por Dessen & Polónia, 2007), uma das tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada é preparar tantos alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades, em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo. Coerente com essa concepção, à escola compete propiciar recursos psicológicos para a evolução intelectual, social e cultural do homem. Ao desenvolver, por meio de atividade sistemáticas, a articulação dos conhecimentos culturalmente organizados, ela possibilita a apropriação da experiência acumulada e as formas de pensar, agir e interagir no mundo, oriundo dessas experiências.

Concomitantemente, ela proporciona o emprego da linguagem simbólica, a apreensão dos conteúdos acadêmicos e compreensão dos mecanismos envolvidos no funcionamento mental, fundamental ao processo de aprendizagem.

Assim, a atualização do conhecimento cultural e sua organização constante são premissas importantes para entender o papel dela e sua relação com a pessoa em desenvolvimento. Segundo o Oliveira (2009), escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, que emprega e reelabora os conhecimentos socialmente das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, de entre outras.

Oliveira (2009) salienta ainda que na escola o indivíduo tende a funcionar de maneira preditiva, pois, em sala de aula, há momentos e atividade que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social, por exemplo, na escola, o aluno tem rotinas como hora do intervalo e do lanche, em que os objetivos educacionais se dirigem à convivência em grupo e à inserção na coletividade.

Para Palacios (citado por Borsa, 2007) a escola é junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individualização da criança, como são o desenvolvimento das relações afetivas, as habilidades de participar em situações sociais, a aquisição de destrezas relacionadas com a competências comunicativa, o desenvolvimento da identidade sexual, das condutas pró-sociais e da própria identidade pessoal.

Capítulo IV

Sistema Educativo Santomense

4.1-Lei base do sistema educativo santomense

4.1.1-Conceito de escola.

A escola define-se como uma organização social com regras e normas próprias, constituída por uma diversidade de atores sociais que formam uma comunidade educativa- alunos/as, docentes, funcionários/as, diretores/as e administrativos, pais e encarregados de educação (Friedberg, 1993).

É um espaço de socialização e de aprendizagem onde se estabelecem múltiplas relações, interações sociais, interesses e uma comunicação pessoal e dinâmica entre os diversos atores. É neste sentido, por ser uma instituição social, que a dinâmica destas relações e interações estão atravessadas pelos modos que adquirem os contextos históricos onde se desenvolvem.

No passado, a escola pública organizou-se como uma das três instituições centrais da socialização e da promoção da coesão social, juntamente com a igreja e a família. Estes três agentes de socialização criaram processos que integravam a aquisição do saber, do saber-fazer e do saber ser num todo coerente que se estruturava na cultura dominante, nos seus artefactos e na sua ideologia (Natércio, citado por Tomás, 2010).

A escola era entendida como um espaço de integração social, de promoção da convivência e aceitação da diferença, um espaço cívico onde se contraria a segregação social operada noutros espaços.

Para sustentar este ideal a Lei de base do Sistema Educativo n. °2/2003 Publicado em 3 de janeiro de 2003, nos termos do n.º2 do artigo 1.º define o "sistema educativo" como conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente intervenção orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o processo social e a democratização da sociedade.

Lei base do sistema educativo n. °2/2003. Estabelece os fundamentos princípios e objetivos do ensino na República Democrática de São Tomé e Príncipe, e garante o direito a educação a todos os cidadãos.

Desta forma os grandes objetivos da Lei base do sistema educativo procuram promover a educação na dimensão pessoal (desenvolvimento global e harmonioso da personalidade), na dimensão das aquisições intelectuais (aquisição de saberes estruturados em vários domínios) e na dimensão para a cidadania (formação de cidadãos conscientes e participativos), o respeito pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar, assegurar a formação cívica e moral dos educandos, direito a diferença, mercê do respeito pela personalidade e pelos projetos individuais de existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas. No entanto ao longo dos anos pudemos assistir autênticas mutações da escola que conduziram a uma crise de legitimidade da instituição escolar.

Segundo Canário, (citado por Tomás, 2010), compreensão dessas mutações tem a ver com o fato da escola ter passado de um contexto de certezas para um contexto de promessas, inserindo-se atualmente num contexto de incerteza. A escola de "certezas" era a escola da primeira metade do século XX que, a partir de um conjunto de valores intrínsecos e estáveis, produzia indivíduos com comportamentos e atitudes conformes um modelo adaptado aos valores da sociedade naquela altura das elites.

A passagem de uma escola elitista para uma escola de massas e a correspondente transição de uma escola de “*certeza para uma escola de promessas*”. Este tipo ideal contribuía para a difusão de três promessas no seio da comunidade educativa:

- Uma promessa de desenvolvimento,
- Uma promessa de mobilidade social,
- Uma promessa de igualdade,

No entanto, a massificação e a conseqüente democratização da educação trouxe para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, com diferentes expectativas, com diferentes sonhos, com diferentes valores, com diferentes culturas e com diferentes hábitos.

Esta multiculturalidade que caracteriza a escola de massa veio contribuir para o aparecimento de novos fenómenos sociais que outrora não existiam no espaço escolar, como por exemplo a violência na escola a exclusão social, bullying. Apesar da democratização e da garantia de acesso ao ensino, a escola não mudou na sua essência, permaneceu no universo conhecido com atores permanentes e com rotinas estabelecidas Chrispino (citado por Tomás, 2010).

A violência, neste quadro, anda muito associada a diagnóstico de insucesso, à marginalização e ao estigma como diz o François Dubet (citado por Tomás, 2010).

De acordo Chrispino (citado por Tomás, 2010) na atualidade, a escola entrou numa era de “incerteza”, principalmente a partir dos anos 80, após o surgimento da “*nova questão social*”. Neste contexto é bem patente a não existência da relação de linearidade entre a igualdade de oportunidade educativa e a igualdade de oportunidade social, uma vez que devemos constatar o efeito reprodutor e ampliador das desigualdades sociais no sistema educativo.

4.2-Enquadramento jurídico sobre a violência em São Tomé e Príncipe

Apesar da complexidade do termo e da dificuldade conceitual que a cerca há um ponto de consenso básico. Esse ponto consensual consiste em que todo e qualquer ato de agressão - física, moral ou institucional dirigido contra a integridade de um ou vários indivíduos ou grupos é considerado um ato de violência, Abramovay (citado por Rodrigues, 2011).

Nestes últimos anos tem-se registado um aumento significativo de violência com maior ênfase para a violência doméstica e que é encarado como um problema social grave e deve ser sanado, tendo em conta que afeta todo tecido social.

A violência doméstica caracteriza-se pelo tipo de violência que ocorre entre os membros da mesma família ou que partilham o mesmo espaço de habitação. A violência doméstica pode assumir diversas formas, que vão desde os maus tratos, abandono de crianças, espancamento, abuso sexual de menores, violação, incesto, ameaças, intimidação, prisão domiciliária (Lei n. °11/2008).

Esta violência que tem sobretudo o elemento feminino e infantil como vítima, tem consequências graves na vida das mulheres, crianças e das pessoas idosas, no que respeita à sua dignidade, pondo em causa a sua própria condição humana.

Muitas vezes, de vítimas se transformam em réus; poucas acreditam na possibilidade de libertarem-se da perseguição dos agressores, ou de que estes venham a ser punidos. Suportam o insustentável na convicção de que estão a proteger os filhos, mas esquecendo que os filhos vivem continuamente num clima de violência, ignorando que ao fazê-lo, estão a alimentar uma espiral de violência que levará a que alguns deles sejam, mais tarde, novos agressores (Lei n. °11/2008).

A Constituição Santomense, Lei 3/2003, no seu artigo 15º, prevê direito à igualdade entre homens e mulheres, constituindo-se, portanto, tal preceito num direito fundamental de todo e qualquer cidadão.

São Tomé e Príncipe para garantir, promover e proteger os direitos das crianças, jovens e adolescentes, assinou e ratificou a Convenção dos Direitos da Criança, em 14 de maio de 1991, a Convenção, n.º 138 da OIT sobre as piores formas de trabalho infantil, aprovada a 15 de Outubro de 2003, ratificada a 4 de Fevereiro de 2004; a Convenção n.º 183 da OIT sobre proteção da maternidade, aprovada e ratificada na mesma data, a Convenção da Eliminação Contra todas as Formas de Discriminação Contra a Mulheres, Lei n.º 3/2012, Lei de Proibição do Acesso de Menores aos Recintos Públicos e Lugares de Venda de Bebidas Alcoólicas Tabaco e Proibição do Acesso aos Dispositivos de Armazenamento e de Reprodução Magnética, o Decreto n.º 13/2018-sobre o Regulamento de Publicidade de Bebidas Alcoólicas em STP.

Ao olhar para o futuro, neste momento encontra na Assembleia Nacional o Código de Organização Tutelar de Menores, e o Código da Família para a aprovação na generalidade na especialidade de forma a proteger e garantir melhores condições de vida social familiar e educacional dos nossos menores.

Nos termos do art.º 86.º da Lei n.º 2/1977 (atual Lei da Família) rege que os pais podem repreender e corrigir adequadamente e moderadamente aos filhos sob pátrio poder. Isto quer dizer que os pais têm o direito de castigar os seus filhos desde que sejam de uma forma moderada, que não traga danos físicos, psicológicos ou emocional.

Mas, no entanto, com o novo projeto do Código da Família esta norma será eliminada tendo em conta que já não coaduna com as realidades atuais. O peso da tradição tem contribuído

extraordinariamente para tal fenómeno, pois a falta de informação por parte das vítimas acerca dos seus direitos faz com que estas aceitem de forma pacífica os abusos a que são submetidas.

Com forma de por cobro a todos esses atos de violência, responsabilizar e punir os agressores pelos seus atos foi publicado a Lei n.ºs 11/2008, e 12/2008 do D.R.n. 62 de 29 de outubro de 2008, o Centro de Aconselhamento Contra Violência Doméstica, e o Centro de Acolhimento às Vítimas.

A Lei n.º 6/2012 publicado através do D.R. n.º 95 de 6 de agosto de 2012 no seu capítulo III, dos crimes contra a integridade física não puni a violência na escola como tal, mas, no entanto puni todos os atos de violência contra as crianças, adolescentes e jovens, desde as ofensas corporais mais simples, ofensas corporais graves, maus tratos, negligência, ameaças rapto e todos outros atos contra os menores de 18 anos, a pena varia dos dois anos a oito anos de prisão.

4.2.1-Violência doméstica e violência baseada no género

Violência baseada no género em São Tomé e Príncipe constitui um fenómeno social de dimensão, amplitude e profundidade variáveis, de acordo com um conjunto de determinantes, como meio de residência, o nível de escolarização e o estatuto socioeconómico, as considerações culturais, de entre outras (E.N.V.B.G, 2014, p.19).

A violência contra a mulher é tradicionalmente definida como uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres que conduzem à dominação e à discriminação contra as mulheres pelos homens e impedem o pleno avanço das mulheres (OMS,2012).

Violência baseada no género (VBG) é todo o ato de violência perpetrado contra a mulher ou o homem, que causa ou que pode causar danos físicos, sexuais, psicológicos e

outros, incluindo as ameaças, a imposição de restrições ou privação arbitrária das liberdades fundamentais, quer na esfera pública, quer na privada (E.N.V.B.G, 2014).

Este flagelo tem sido recorrente ao longo dos tempos, atravessando diversas sociedades, estratos e categorias sociais. Constituindo desta forma, um fenómeno social de dimensão, amplitude e profundidades variáveis, de acordo com um conjunto de fatores favoráveis como; o meio de residência, o nível de escolarização, o estatuto socioeconómico, de entre outras.

Este fenómeno é estimulado por numerosas e diversas razões e não está restringido a uma cultura, uma região ou um país nem a certos grupos de mulheres dentro de uma sociedade. Ela abrange homens e mulheres, apesar de serem as mulheres e as meninas, usualmente, as principais vítimas.

A luta contra a violência baseada no género em S.T.P foi impulsionado com adoção da Estratégia Nacional para a Igualdade e Equidade de Género em 2005, com a criação em 2007 do Instituto Nacional para a Igualdade e Equidade de Género com objetivo de assegurar a promoção e execução da política, governamental em matéria de promoção da mulher e da igualdade de género, a criação do Centro de Aconselhamento Contra Violência Doméstica, a promulgação das duas Leis Contra a Violência Doméstica: a Lei 11/2008-Sobre a Violência Doméstica e Familiar e a Lei n.º12 /2008- Sobre Reforço dos Mecanismos de Proteção Legal Devidas às Vítimas de Crimes de Violência Doméstica e Familiar.

Dados do Centro de Aconselhamento Contra violência Doméstica (CACVD) apontam a existência permanente de casos de violência doméstica. Assim, de acordo com os dados estatísticos provenientes do Centro de Aconselhamento Contra a Violência Doméstica em 2010 registou-se 1047 casos, 2011 registou-se 958 casos, em 2013 registou-se 715 casos, em 2014, registou-se 590 casos, e em 2015 registou-se 712 casos, tendo como causas, os maus tratos

físicos e psicológicos, abuso e assédio sexual, violação, falta de assistência, ameaça/coação, gravidez não assumida, injúria, difamação, calúnia, violação de património e homicídio.

De acordo a entrevista realizada com a Directora do Centro de Aconselhamento Contra Violência Doméstica, os dados acima referidos apontam para um ligeiro decréscimo dos anos seguintes, e isso pode representar uma mudança de atitude e comportamento, mas por outro lado, pode ser a massiva campanha de informação e sensibilização nas comunidades, escolas, programas radiofónicos e televisivos realizados pelos sucessivos Governos.

Infelizmente, ainda na sociedade Santomense predomina uma cultura da dominação masculina, onde o homem manda na mulher, e ela deve ser submissa, e como não bastasse, algumas Ceutas e Religiões que interpretam a bíblia de uma forma deturpada com o pretexto de que” a mulher deve ser submissa ao marido”, por vezes a mulher passa a ser um objeto sem direitos nenhuns. Muita das vezes essa cultura machista é associada a problemas do alcoolismo, situações económicas e financeiras difíceis, desemprego, consumo de bebidas alcoólicas e de outras drogas, poligamia e outros fatores favoráveis a violência, originam episódios de violência contra a mulher e rapariga.

4.3-Violência na escola em São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe como parte da convenção dos direitos da criança tem realizado progressos consideráveis na adaptação da sua legislação e das suas políticas nacionais.

Segundo dos dados do recenseamento geral da população em 2012 a população é estimada em 178.739 habitantes, 44,9% são crianças, ou seja 80.426 em valor absoluto (INE, 2012). A pequena infância (crianças de 0-6 anos representa 34% da população, em idade escolar de 6-11 anos representam 36% da população, e os adolescentes de 12-17 anos 30%.

Apesar de não dispormos de dados estatísticos de violência na escola deparamos com outros tipos de violência principalmente doméstica e maus tratos que podem ser analisados e dar-nos alguma noção do comportamento dos alunos na escola relativamente a violência.

A violência doméstica contra as crianças é uma violação dos seus direitos de proteção contra qualquer forma de violência que promovem precisamente a base de proteção defesa fundamental da criança.

A violência exercida pela mãe ou pelo pai tem consequências muito negativas sobre o desenvolvimento psicológico, social e às vezes físico da criança. Em São Tomé e Príncipe apenas 9,7% dos agregados têm recurso a métodos disciplinares não violentos (INE, 2016). Em 79,6% de casos utilizam a violência psicológica (gritar, ou insultar) ou física.

Em 10% dos casos, escolhem métodos de punição física severa (INE, 2016). A pequena infância (3 a 4 anos) é mais vulnerável á violência física (75,4%) das crianças. A punição física severa é a mais frequente nas crianças de 5 á 9 anos. O nível de agressão psicológico aumenta em paralelo á idade da criança. Os 69,8% das crianças de 10 á 14 anos sofrem este tipo de violência contra 40% das crianças de 1 a 2 anos (INE, 2015).

O nível de riqueza e o nível de educação do chefe de família são duas das causas determinantes mais influentes na utilização dos métodos disciplinares não violentos. Quase nenhuma criança, que habita numa família cujo chefe possui um nível de ensino superior, é punida de maneira severa (0,9%). Contudo, mesmo nestas famílias 56,1% das crianças são punidas fisicamente (INE, 2015).

Segundo um inquérito realizado MICS5 (INE, 2105) em que foi colhida a opinião dos adultos a propósito das punições corporais, 6,2% dos respondentes consideram-no como um método disciplinar adequado. Esta percentagem é muito inferior aos das crianças que sofrem de violência física. As mulheres que realizam trabalhos disciplinar em casa, principalmente

porque o pai “é ausente”, as crianças sofrem também as consequências da violência contra as mesmas (Galeano, citado por MICS5, 2015).

Segundo o relatório Infográfico UNICEF, (inquérito aos indicadores múltiplos 2014 no que concerne a disciplina infantil 80% das crianças com idade entre 1 á 14 anos de idade foram submetidas a pelo menos uma forma de punição física ou psicológica por membros da família, 64% de crianças que sofreram agressão psicológica e 10% de crianças que sofreram punições severas. Relativamente o uso de métodos exclusivamente não violentos por quintil de riqueza, 14% de famílias mais ricas não usam a violência e 6,7% das famílias mais pobres não usam o método violento.

Outro tipo de violência existente nas Escolas Secundárias do país concretamente no Liceu, que viola o artigo 15ª da Constituição Santomense e os princípios gerais da Lei n.º2/2003 Lei de bases do sistema educativo é o de vedar o direito a uma rapariga de assistir as aulas, pelo facto de encontrar grávida através do regulamento disciplinar pelo despacho n.º18 do Gabinete do Ministro da Educação e Cultura de 2009 que nos diz o seguinte de acordo ao n.º2 do artigo 18.º: **“É vedada a assistências as ou a atividades escolares de qualquer aluna grávida a partir do terceiro (3º) mês de gravidez, passando para o curso alternativo (curso noturno)”**. Não se trata de uma violência na escola, mas sim, uma violência contra as raparigas, este regulamento viola vários princípios, Convenções e Leis a favor da proteção e promoção da Mulher Santomense, tendo em conta que não foram criadas nenhuma estrutura de apoio as mesmas caso isso aconteça.

4.4-Função da família

A família tem passado por inúmeras transformações nas últimas décadas, sendo, portanto, passível de vários tipos de arranjos na atualidade. Entretanto, as funções básicas desempenhadas pela Instituição Familiar no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico e social e transmissão dos valores éticos e morais dos seus membros permanecem e sempre permanecerão.

Segundo Alves, (citado por Pratta & Santos, 2007) a família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce influencia sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social, mais amplo com o qual mantém constante interação.

O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, e além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar Drummond e Drummond (citado por Pratta & Santos, 2007).

Pode-se dizer assim, que esta instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes. Nesta perspectiva a família tem como finalidade estabelecer formas e limites para as relações estabelecida entre as gerações mais novas e a mais velha proporcionando a adaptação dos indivíduos às exigências de conviver em sociedade.

Dessa maneira, a instituição familiar é muitas vezes designada como o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, sendo vista, portanto, como a célula inicial e principal da sociedade na maior parte do mundo, ou ainda como a unidade básica da interação social e como o núcleo central da organização humana (Alves citado por Pratta & Santos, 2007).

Assim, a estruturação familiar está intimamente vinculada com o momento histórico que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticos, religiosos e históricos.

Nesse sentido para se abordar a família hoje é preciso considerar as estruturas familiares, bem como o desempenho dos papéis parentais, modificaram-se consideravelmente nas últimas décadas (Singly, citado por Pratta & Santos, 2007).

Segundo o Romanelli (citado por Pratta & Santos, 2007) a família corresponde a um lugar privilegiado de afeto, no qual estão inseridos relacionamentos íntimos, expressão de emoções e de sentimentos. Portanto pode-se dizer que é no interior da família que o indivíduo mantém seus primeiros relacionamentos interpessoais com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo importante quando os indivíduos atingem a idade adulta.

Essa troca emocional estabelecida ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos e para a aquisição de condições físicas, mentais, centrais para cada etapa do desenvolvimento cognitivo e psicológico. A família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a motriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelo de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.

Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organizam, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social, (Costa, 2007).

Segundo Costa (2007) é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações na sociedade que por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constitui fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa.

O Kreppner (citado por Costa, 2007) acrescenta que a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. Ela tem portanto, um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações.

4.4.1-A relação família e escola.

Segundo o Rego (citado por Dessen & Polónia, 2007) a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico intelectual e social.

Para Szymanski (citado por Dessen & Polónia, 2007) a escola constitui um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividade diferenciadas ligado às tarefas formais como por exemplo pesquisa, leitura dirigida, por ex: espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividade de lazer). Neste ambiente, o atendimento

às necessidades cognitivas, psicológicas sociais e culturais da criança é realizada de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente do lar.

Segundo o Rego, (citado por Desen & Polónia, 2007) a família não é, portanto, o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento, apesar dela ser apontada como uma das variáveis responsáveis pelo fracasso escolar do aluno, a sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável.

Um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral, em colaboração com a escola, neste contexto, os recursos psicológicos, sociais, económicos e culturais dos pais são aspetos essenciais para a promoção do desenvolvimento humanos, (Christenson & Marques, citados por Dessen & Polónia, 2007).

A escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente na aquisição do saber culturalmente organizado e em suas áreas distintas de conhecimento.

Segundo Annanias, (citado por Dessen & Polónia, 2007) a escola deve resgatar, além das disciplinas científicas, as noções de ação política e busca da cidadania e da construção de um mundo mais equitativo.

Neste contexto, a escola deve visar não apenas a apreensão de conteúdo, mas ir além, buscando a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideais, crenças e valores.

Para Lopez (2005), a família não tem condições de educar sem a colaboração da escola. As ações educativas na escola e na família apresentam funções distintas quanto aos objetivos, conteúdos e métodos, bem como as expectativas e interações peculiares a cada contexto.

Lampreia, (citado por Costa, 2007) na sua reflexão sobre a relação entre a escola e família, destaca que uma atividade como a cópia, no ambiente escolar, tem objetivo programado e é avaliada como uma competência que permite a estruturação da aprendizagem, na área de ortografia. Já no âmbito familiar, a mãe considera a tal atividade apenas como mais uma tarefa doméstica de supervisão e cuidados dispensados aos filhos. Neste caso, o objetivo da cópia passa a ser obtenção de um desempenho sem erro por parte do filho, devendo ser executada com um maior grau de precisão e economia do tempo.

Acrescenta ainda Lampreia (citado por Costa, 2007) que quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. Assim, pais e professores devem ser estimulados a discutir e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua.

A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade, Tassini, (citado por Costa, 2007).

Cada vez mais cedo, a escolarização torna presente na vida das crianças e mais tarde tem finalizado. A introdução de modelos e maneiras de propiciar a interação entre a família e a escola, reconhecendo a contribuição e os limites da família na educação formal é fundamental para “diversificar os sistemas de ensino e envolver, nas parcerias educativas, as famílias e os diversos atores sociais, Antunes (citado por Costa, 2007).

Enquanto a escola estimula e desenvolve uma perspectiva mais universal e amplia os conhecimentos científicos, a família transmite valores e crenças, e como consequência, os processos de aprendizagem e desenvolvimento se estabelecem de uma maneira coordenada. Os

benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se as possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos sociais e de personalidade dos alunos.

O Ensminger e Slusarcick, (citado por Costa, 2005) destacaram cinco aspetos do processo de funcionamento da família considerados fundamentais para promover a integração entre esses dois ambientes:

- A interação verbal entre a mãe e a criança
- Um relacionamento afetivo positivo entre os pais e a criança
- As crenças e as influências dos pais sobre os filhos
- As estratégias disciplinares de controlo
- As expetativas dos pais

No entanto Bartolome, (citado por Costa, 2007), já na década de 80 propunha que a escola e a família atuassem como ambientes complementares, uma vez que tanto os pais quanto os professores têm grandes responsabilidades no desenvolvimento da criança e dos adolescentes.

O autor sugeria também que a escola, utilizando diversos mecanismos, como reunião de pais, comunicações e projeto político pedagógico, criasse um ambiente mais acolhedor e afetivo, que possibilitasse á família recapitular o valor da criança e o sentido de responsabilidade compartilhada.

Segundo Ben-Fadel (citado por Dessen & Polónia, 2007) a organização política e a participação dos pais são elementos promotores de uma nova conceção de colaboração e envolvimento escola-família e de uma mudança na conceção dos educadores e na comunicação efetiva com a comunidade. outros elementos associados que funcionam como promotores desta colaboração são:

- A formação docente

- A melhoria da imagem da escola
- A otimização do seu espaço
- Recursos humanos e materiais

Para estimular os pais, deve-se estabelecer, no projeto pedagógico da escola espaço físico e estratégias diferenciadas implementar a participação dos pais de modo a fortalecer uma nova cultura de participação.

PARTE II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Capítulo V

Contextualização da Investigação

5.1- Dados socio-demográficos da população são-tomense

Segundo o INE (2014), do ponto de vista demográfico, em 2012 residiam em São Tomé e Príncipe 187.356 pessoas, sendo 49,8% homens e 51,1% mulheres. Esta população encontrava-se distribuída geograficamente de forma heterogénea pelo país, com os distritos de Água-Grande (38,9%) e Mé-Zochi (25%) a albergar perto de 2/3 (63,9% da população total. O distrito de Caué (3,4%) e a (RAP) (4,1%) possuem menos população residente.

Os dados apontam para uma população predominantemente urbana, uma vez que, ao nível nacional 67% da população reside no meio urbano, com exceção dos distritos de MÉ-Zochi, Lobata e RAP (Região Autónoma do Príncipe), onde existe maior concentração da população a residir no meio rural.

A explicação para este fenómeno prende-se com o facto de grande parte das antigas roças estarem concentradas nesses distritos e suas sedes continuarem, ainda hoje, quase que intactas, com estruturas mais bem organizadas do que nos restantes distritos.

Do ponto de vista da estrutura etária a população, ela é relativamente jovem, visto que a população efetiva com menos de 20 anos corresponde a 52% da população total. A idade média do país é de 18,9 anos, com diferenças importantes entre os sexos porque a idade média dos homens corresponde a 18,7 anos e das mulheres a 19,2 anos.

A população de 0 a 17 anos corresponde a 48% da população total e a população dos 14 a 35 anos corresponde a 38% da população total. No que toca à distribuição espacial das crianças e adolescentes não há muita diferença entre o meio urbano (68%) o que mostra que conforme

se vai atingindo a idade legalmente considerada maior, as pessoas tendem a deslocar-se para o meio urbano, tendo em conta que o distrito de Água-Grande cresceu em termos de densidade populacional de 1,33 vezes em 2001 a 2012.

5.2 - Caraterização da comunidade da Vila de Bombom

A vila de Bombom localiza-se no distrito de Mé-Zóchi, a Oeste de São Tomé, é a jurisdição mais populosa deste Distrito. Bombom é uma pequena comunidade que se distâcia a 3 quilómetros da capital, e conta com cerca de três mil e quinhentos habitantes, sendo circundada pelas seguintes comunidades: Cova-Barro, Almas, Riba-Mato, São Fenícia, São Maria, Monta-Alegre, Cabeça-Cal, Palha, São Marçal e Água-Bobô.

A vila de Bombom não dispõe de um serviço de transporte público, no entanto são utilizados os táxis, moto táxis, autocarros particulares, para se deslocar às diferentes regiões do país, sobretudo a capital.

Em termos arquitetónicos a vila de Bombom tem vários edifícios, casas comerciais, habitações, um mercado, um posto médico, Centro de Saúde, campo de futebol, oficinas de marcenaria, sapataria, mecânica, atelier de costuras e bordados entre outras.

5.3 - Caraterização da Escola Secundária de Bombom

A escola secundária situada na vila de Bombom, Distrito de Mé-Zochi foi inaugurada em fevereiro de 1997. Com oito salas de aulas, dois laboratórios, uma sala de desenho, um anfiteatro, uma biblioteca, uma secretaria, uma sala para os professores, uma sala para o diretor,

uma para o subdiretor, uma sala para a reprografia, um ginásio e casas de banho, Relatório Pedagógico (2015).

Contudo, as salas de desenho, os laboratórios e o anfiteatro nunca chegaram a ser equipadas tendo sido transformados em salas de aula, devido a superlotação dos alunos nas salas de aula, aumentando para 12 o número de salas, funcionando em regime de tempo duplo:

- Período da manhã, das 7:00hs às 12:05m frequentavam os alunos 8ª classes;
- Período da tarde, das 12:30m às 17:35m, alunos da 7ª e 9ª classes.

No início a escola defrontava-se com grandes dificuldades pela carência de água para casas de banho, água potável para os alunos e funcionários, excesso de calor tendo em conta ausência de qualquer sistema de ventilação, situação que veio agravar ainda mais, com a superlotação do Liceu Nacional em que, foi incluída na referida escola os alunos da 9ª classe, agravando assim as condições de trabalho.

A referida escola passou por momentos bastante difíceis nomeadamente; excesso de alunos por turma 70-80 alunos, deficiente sistema de arejamento das salas de aula, a inexistência de ventoinhas, casas de banho inutilizáveis por falta de água, mais lixos, sujidades nas paredes das salas e nas carteiras, etc.

Todavia, em 5 de maio de 2007, sob a atual Direção, foi inaugurada pela Sua Excelência o Presidente da República Fradique de Menezes a placa com o nome do patrono da escola, passando a mesma chamar-se Escola Secundária Januário José da Costa, em homenagem a um grande professor que residiu em Bombom, e deu sua vida ensinando, transmitindo conhecimentos, experiência de geração em geração, o professor mestre Januário José da Costa já falecido.

A partir daí com a criação da nova estrutura administrativa, e com a intervenção e apoio do Instituto Vale Flor através do Projeto escola mais, a escola ganhou um novo rosto, melhores condições de trabalho, condições higiénicas, e espaço físico.

Neste estabelecimento de ensino estão matriculados, 1410 alunos da 7^a, 8^a, 9^a no ano letivo, 2017/2018 Relatório Pedagógico, (2017). Os alunos que frequentam esta escola são de diferentes localidades, nomeadamente: Bombom, Riba-Mato, Caminho-Novo, Almas, Praia-Melão, Pantufo, Água Arroz, Caixão Grande, Almeirim, São Marçal, Água-Bôbô, e outras localidades próximas.

Estes alunos enfrentam dificuldades diversas no que concerne a deslocação por falta de transporte coletivo ou escolar, alguns vivem em localidades longínquas, dificuldade de aprendizagens na assimilação dos conteúdos introduzidos nas aulas, más condições das salas de aula principalmente quando faz muito calor (ausência de climatização).

Atualmente a escola conta com cerca de 56 professores para um universo de 1758 alunos, estando distribuídos em 30 turmas, sendo a média por turma de 59 alunos, funcionando em 16 salas de aulas, sendo 12 na escola secundária, 2 salas em S. Fenícia e 2 salas na escola primária local.

O regime de tempo continua sendo duplo, onde no período da manhã assistem as aulas os alunos da 8^a classe e no período da tarde os alunos da 7^a e 9^a classe.

Importa referir que dado ao número de alunos, também funciona no período da manhã duas turmas da 8^a classe em Escola de São Fenícia. No período da tarde 2 turmas da 7^a classe também em São Fenícia e 2 turmas em escola primária local.

Em termos da estrutura administrativa, a escola dispõe de 1 secretária administrativa, 7 encarregadas de limpeza, 1 jardineiro e 2 guardas-noturnos.

Na escola primária são escolarizados meninos de 7 aos 15 anos de idade, oriundos da vila de Bombom e dos arredores, comunidades acima citadas. Quanto a escola secundária, acolhe alunos dos 12 aos 18 anos de idade.

A relação entre a escola e a comunidade é de salientar que existe uma aproximação tendo em conta os apoios prestados pela comunidade para garantir o melhor funcionamento e organização. A escola abriu-se a comunidade organizando, no início de cada trimestre, reuniões com pais e encarregados de educação, dando-os a conhecer do regulamento interno da escola, os desafios, programas e projetos, de forma haver uma maior aproximação e os atuais desafios da globalização, o desenvolvimento das tecnologias.

Ao fim de encontrar uma solução para resolução dos problemas atuais, inerentes a escola, foi criada Comissões de Pais juntos a escola para uma melhor intervenção dos mesmos, buscando apoios, soluções para garantir a qualidade do ensino e a aprendizagem.

No entanto, a participação dos pais e encarregados de educação nas reuniões de informação, são fracas não obstante os mesmos se deslocarem à escola, sempre que necessário ou assim entendam mediante os dias e o horário indicado pelos diretores de turma, para se inteirarem do progresso escolar dos seus educandos.

Capítulo VI

Opções Metodológicas

6.1 - Natureza da investigação e instrumento utilizado

O presente estudo é de caráter descritivo, já que pretende compreender como os professores se relacionam com o grau de violência na escola Secundária de Bombom no Distrito de Mé-zochi, conhecer a percepção dos professores sobre a problemática da violência na escola, no entanto tem também uma vertente analítica, visto pretender determinar o nível de conhecimentos dos professores sobre o conflito violento e não violento, e a sua respetiva formação nesta matéria.

Neste ponto, considerando o objetivos do estudo empírico elaborou-se a fundamentação das opções metodológicas, contextualizando ações de pesquisa.

A nível metodológico, recorreu-se à descrição centrada nos principais problemas da violência na escola, tipo de violência conflito violento e não violento, as opiniões dos professores relativamente a violência na escola.

A pesquisa descritiva visa a observação, registo análise e correlação dos fenómenos da violência sem interferir no ambiente analisado. Nas ciências sociais este tipo de pesquisa é mais usado e enquadra-se num tipo de investigação quantitativa.

A necessidade de inquirir um número significativo de professores (56) fundamentou a nossa escolha do inquérito por questionário para a recolha de dados. De acordo com Hébertcit (citado por Rodriques, 2013) “o inquérito por questionário é uma maneira indireta de recolher dados sobre a realidade “.

O inquérito por questionário é uma técnica de análise quantitativa e consiste em colocar um conjunto de inquiridos numa serie de perguntas relativas á sua caraterização social, às suas opiniões, á sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expetativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema Quivy e Campenhoudt (citado por Rodrigues, 2013).

Na perspectiva de Gil (citado por Velez, 2010), o inquérito por questionário é um instrumento definido como uma “técnica de investigação” composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. Segundo este autor, conceber um inquérito por questionário consiste, essencialmente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas.

O inquérito por questionário é um instrumento de recolha de dados mais usado no campo das Ciencias Sociais Rincón, (citado por Velez, 2010), cuja principal vantagem reside na “possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação”.

Outras vantagens igualmente importantes deste instrumento, é o fato de constituir a forma mais rápida de recolher certo tipo de informação, permitindo, desta forma ultrapassar o grande constrangimento, que é a limitação de tempo Bell, (citado por Velez, 2010).

Sublinha, o Bell, (citado por Velez, 2010) que também ainda outras vantagens, tais como o fato do questionário pode ser aplicado a um grande número de sujeitos, aumentando as possibilidades de representatividade, a garantia de anonimato, que facilita a autenticidade das respostas, e ainda, a possibilidade do inquirido escolher a hora mais adequada ao preenchimento do inquérito.

Naturalmente que este método de recolha de dados também apresenta algumas desvantagens, das quais podemos descartar o fato de não oferecer a garantia de que a maioria dos inquiridos o devolva devidamente preenchido, o que pode implicar uma significativa diminuição da representatividade da amostra existência de itens que podem ter significados diferentes para cada sujeito, o que pode determinar resultados bastante críticos em relação à objetividade; o atraso no retorno dos inquéritos e a pequena percentagem que retorna.

Segundo o Tuckman (citado por Velez, 2010), quando se utiliza um questionário é necessário estar atento às suas próprias limitações: os sujeitos devem cooperar; os sujeitos devem dizer o que é, mais do que referir o que pensam que deve ser, ou o que pensam que o investigador gostaria de saber; os sujeitos devem saber o que sentem e pensam de modo a poder referir-se a isso, no entanto, apesar das limitações enumeradas, o inquérito por **questionário**, **”se for bem construído, permite a recolha de dados fiáveis e razoavelmente válidos de forma simples, barata e atempadamente”**, acrescenta o autor.

As questões formuladas num questionário podem ser fechadas -conjunto de questões padronizadas para as quais apenas é possível dar um número restrito de respostas, ou abertas questões de resposta livre que dão oportunidade aos inquiridos de exprimirem os seus pontos de vista pelas suas próprias palavras.

Assim, o estudo que se efetuou, pretende dar resposta às questões da investigação, foi essencialmente exploratório, numa abordagem quantitativa. Como instrumento de recolha de dados a nossa opção recaiu no inquérito por questionário com perguntas abertas e fechadas.

As questões de resposta aberta permitiram ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, enquanto as questões de respostas fechadas foram aquelas nas quais o inquirido apenas selecionou a opção (de entre as apresentadas) no questionário que mais adequou à opinião do inquirido.

A análise quantitativa foi realizada através dos resultados de um inquérito por questionário, sobre a perceção dos professores da escola Secundária de Bombom do 2º ciclo sobre a violência na referida escola. A seleção desta escola e dos seus respetivos professores é devido a várias situações de violência que se tem registado na dita escola onde os professores diretores, auxiliares de limpeza vem reclamando.

Quando se aplica um questionário pretende-se medir aspetos como atitudes ou opiniões do público-alvo, e tal só é possível com a utilização de escalas.

Na elaboração do questionário utilizou-se dois tipos de escalas, nomeadamente a escala de Likert, em que foi apresentada uma série de cinco proposições, das quais o inquirido deve seleccionar uma podendo estas ser: discordo totalmente, discordo parcialmente, não concordo, concordo parcialmente concordo totalmente.

A escala VAS (VISUAL Analogue Scales) o tipo de escala que advém da escala de Likert apresentando os mesmos objetivos, mas com um formato pouco diferente. Este tipo de escala baseou-se numa linha horizontal com 10cm de comprimento apresentando nas extremidades duas proposições contrárias sim ou não.

Foi efetuado o levantamento do número de professores que compõem a comunidade escolar da Escola Secundária de Bombom. Após o contacto com o diretor e mediante autorização realizou-se encontro bilateral com os professores, e depois de terminarem a preparação metodológica (sábado) onde concentram um maior número de professores tendo em conta as suas disponibilidades de acordo ao horário e os dias de trabalho.

Em reuniões com os professores, os mesmos foram informados sobre os objetivos do estudo e a importância da sua colaboração na aplicação dos questionários, sendo ainda informados da garantia total da confidencialidade dos dados, esclarecendo que estes se destinam exclusivamente para fins académicos. A amostra do estudo incidiu sobre alguns professores

Capítulo VII

Apresentação e Interpretação dos Dados do Questionário

7.1- Inquéritos por questionários

O inquérito por questionário realizado aos professores da Escola Secundária de Bombom do Distrito de Mé-Zochi teve como objetivo principal a perceção dos mesmos sobre a violência na escola, e também pelo fato de estar todos os dias na escola, a observar alguns fatores ligados a violência, isto veio a contribuir muito para a efetivação de todo o processo.

Este instrumento de investigação é composto por um conjunto de questões fechadas relativas a fatos e também algumas questões abertas, tipo de violência na escola, a atitude dos professores perante um caso de violência na escola. O inquérito é composto trinta e uma (31) perguntas sendo seis (6) questões abertas e 25 (vinte e cinco fechadas) e que contribuem para a fácil recolha dos dados, tratamento e análise de informação quantitativa, e pretendem analisar e observar a caracterização pessoal dos inquiridos, onde lecionam, os tipos de violência existentes, a perceção da violência, a existência de um gabinete de gestão de conflito, atitude do professor perante uma situação de conflito, que solução poderá o professor encontrar para resolver casos de violência na escola.

Para análise das respostas dos inquiridos é necessário fazer uma codificação prévia a todas as opções de resposta das perguntas formuladas no inquérito. Esta codificação vai ser utilizada posteriormente na construção de uma base de dados que permite uma análise mais cuidada dos dados obtidos. Esta análise é feita através do programa estatístico quantitativo de tratamento de dados-SPSS (Statistical Package for Social Sciences).

Para aplicação do inquérito por questionário foi necessário construir uma amostra representativa do universo dos professores da Escola Secundária de Bombom. No entanto, devido ao carácter do nosso estudo, a amostra recaiu sobre alguns professores da referida escola.

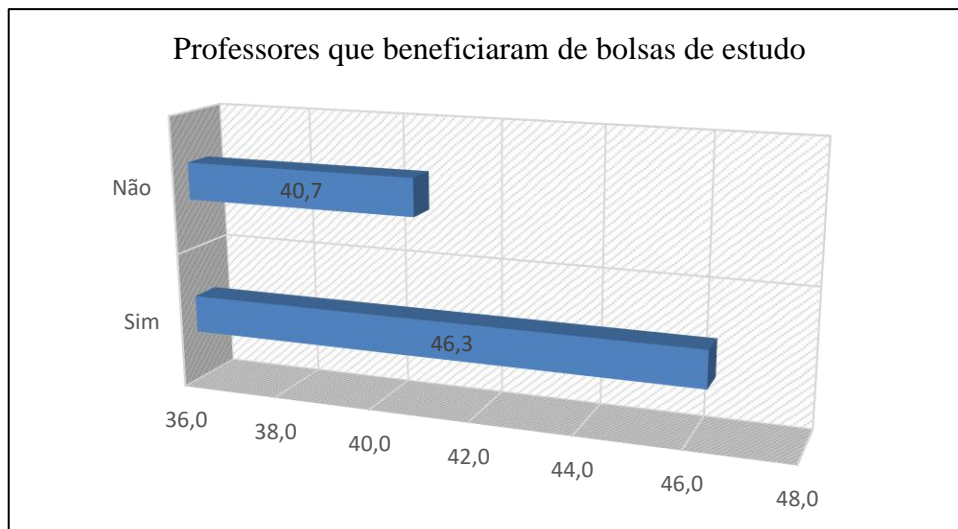
A aplicação dos inquéritos por questionário foi feita no início do mês de fevereiro / março e foi administrado de forma direta, ou seja, foram os próprios professores que o preencheram, nas suas horas vagas e depositaram na direção da escola, no fim do prazo foram recolhidas.

7.2-Análise dos resultados dos inquéritos por questionário

Foram distribuídos cinquenta e seis (56) questionários aos professores da escola nos dois períodos, no entanto foram inquiridos num total de 53 professores, sendo 32 professoras e 21 professores. Os inquéritos foram preenchidos pelos próprios professores, ou seja, auto - preenchimento. A análise foi feita a partir de uma construção de base de dados no SPSS, aqui apresentada por alguns gráficos.

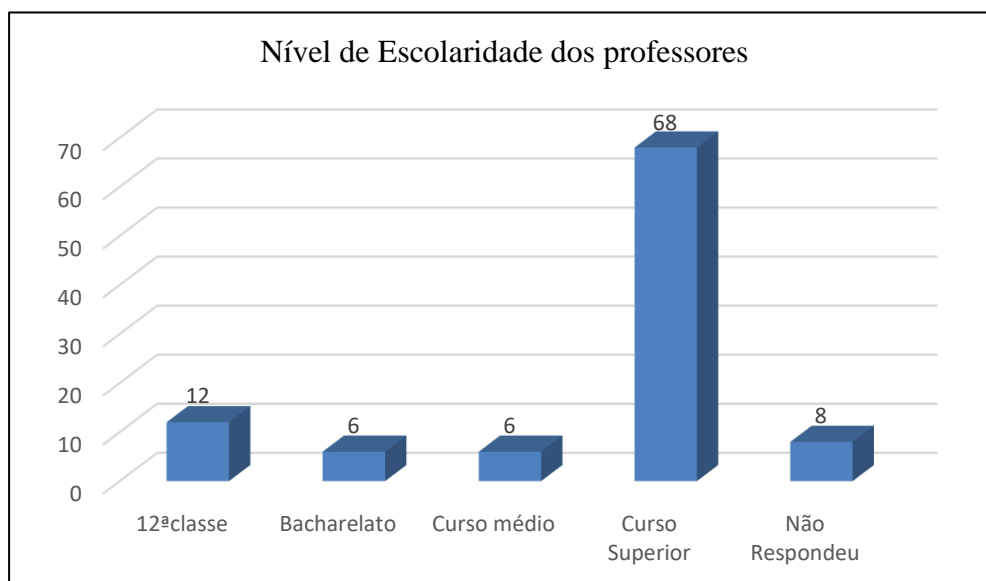
Na seção II 2.2 e 2.3, os professores tinham que responder as questões sobre o nível literário e as respetivas áreas de especialização. De acordo com a amostra os professores que responderam o inquérito estão distribuídos de seguinte modo:

Gráfico 1. Percentagem de professores que beneficiaram de bolsas de estudos



Dos 53 professores inquiridos na escola secundária de bombom, 46,3% beneficiaram de bolsas de estudo tanto interno como fora do país, enquanto 40,7% não foram beneficiados. No entanto tudo indica que com a política do governo no que concerne acesso a formação tanto no ensino superior como no ensino médio, verificamos que mais de metade dos professores foram beneficiados de uma bolsa de estudo (Gráfico 1).

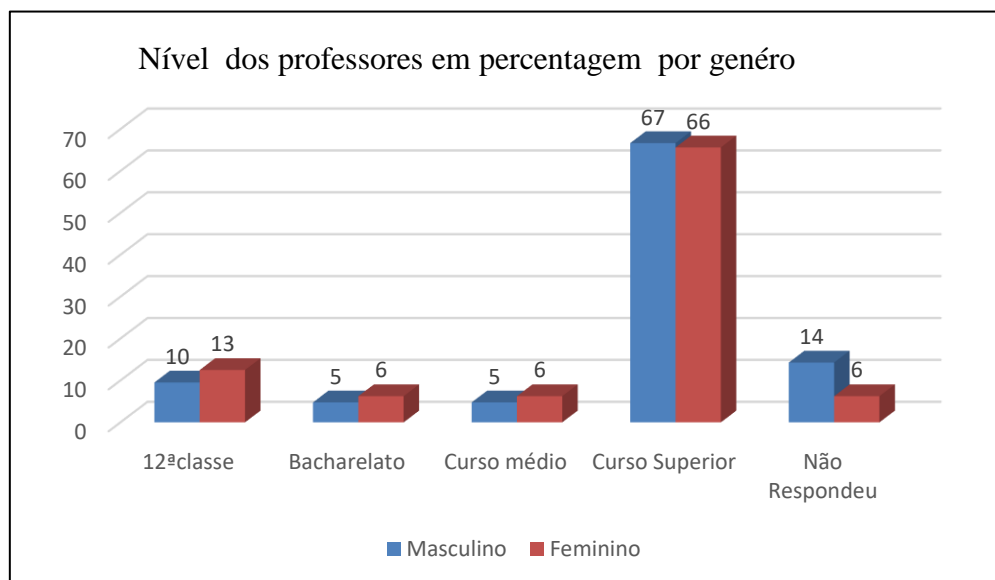
Gráfico 2. Nível de escolaridade dos professores da escola secundária de bombom



Relativamente ao nível de escolaridade dos professores 12% possuem uma habilitação de 12ª classe de escolaridade, 6% dos inquiridos têm um nível literário de bacharelato, 6% dos professores inquiridos possuem um curso médio, 8% dos inquiridos não responderam 68% dos professores inquiridos na escola Secundária de Bombom possuem um grau académico superior. (Gráfico 2).

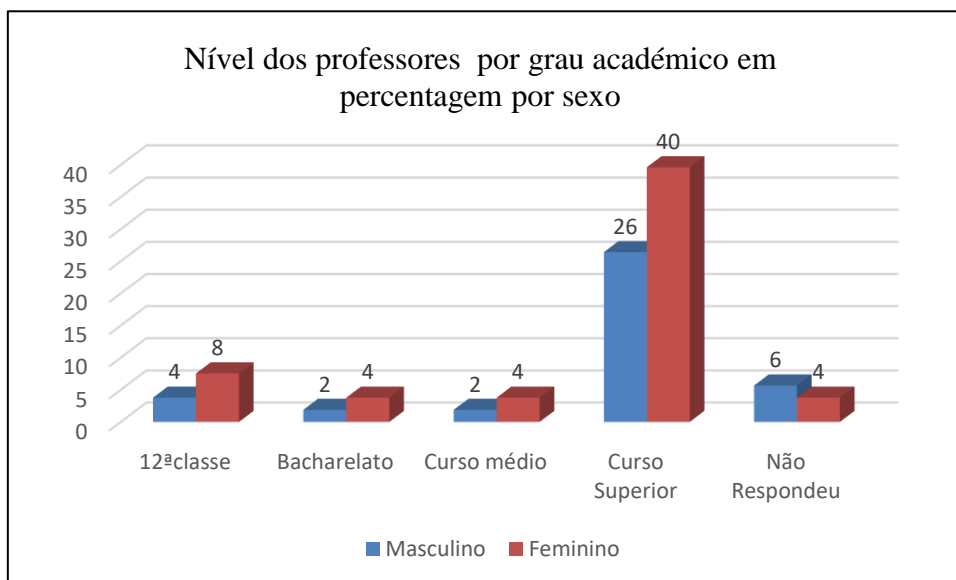
Se observamos a distribuição do gráfico n. °2 verificámos que existe um nível elevado de professores com curso superior, todavia verifica-se uma igualdade entre o curso bacharelato e curso médio.

Gráfico 3. Percentagem dos professores com relação ao género (masculino e feminino)



Ao analisarmos o nível de escolaridade entre os professores em percentagem por género, verificamos que: em relação a género masculino e género feminino, 67% são do sexo masculino e possuem curso superior, enquanto 66% dos inquiridos são do sexo feminino possuem o curso superior. No entanto foram inquiridos 53 professores sendo 32 professoras e 21 professores, sendo assim o gráfico demonstra-nos que ainda existe uma desigualdade entre o nível académico com relação ao género. (Gráfico 3)

Gráfico 4. Nível acadêmico dos professores em percentagem por sexo



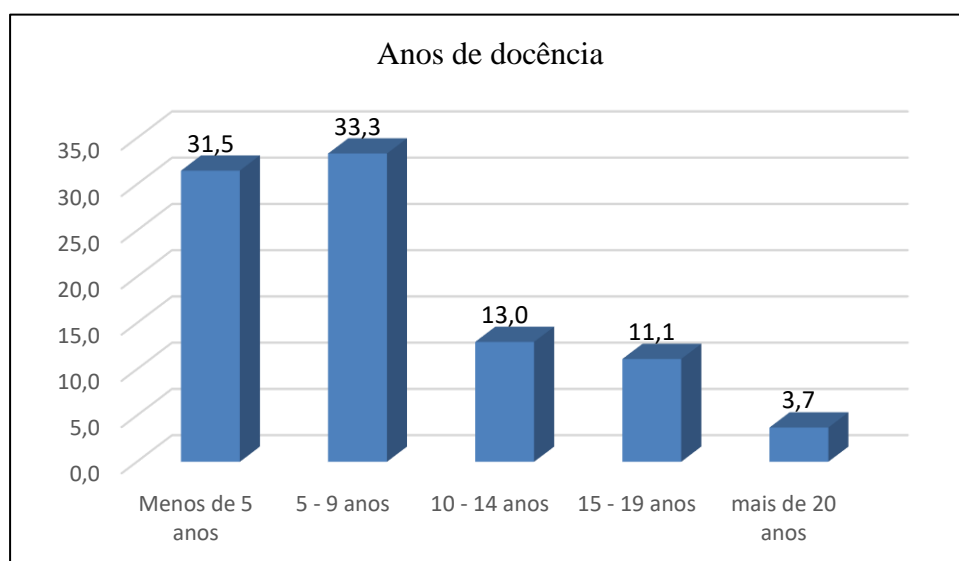
Em contrapartida ao analisarmos o nível dos professores por grau acadêmico em percentagem por sexo como mostra o gráfico n.º4, verificamos que dos 53 professores inquiridos, 26% possuem formação superior que representa 21 dos professores inquiridos de sexo masculino e 40% de professoras possuem a formação superior correspondendo 32 inquiridas.

O nível dos professores e o grau acadêmico com relação aos professores inquiridos (53) de sexo masculino e feminino (de entre os inquiridos 40% dos professores que têm curso superior são do sexo feminino, enquanto que 26% são do sexo masculino).

Na seção III de acordo ao inquérito foram catalogadas as questões 3.1,3.2,3.3,3.4,3.5, com relação a anos de experiência, situação profissional, anos de docência, e o período de trabalho atendendo que os professores que trabalham mais do que um período.

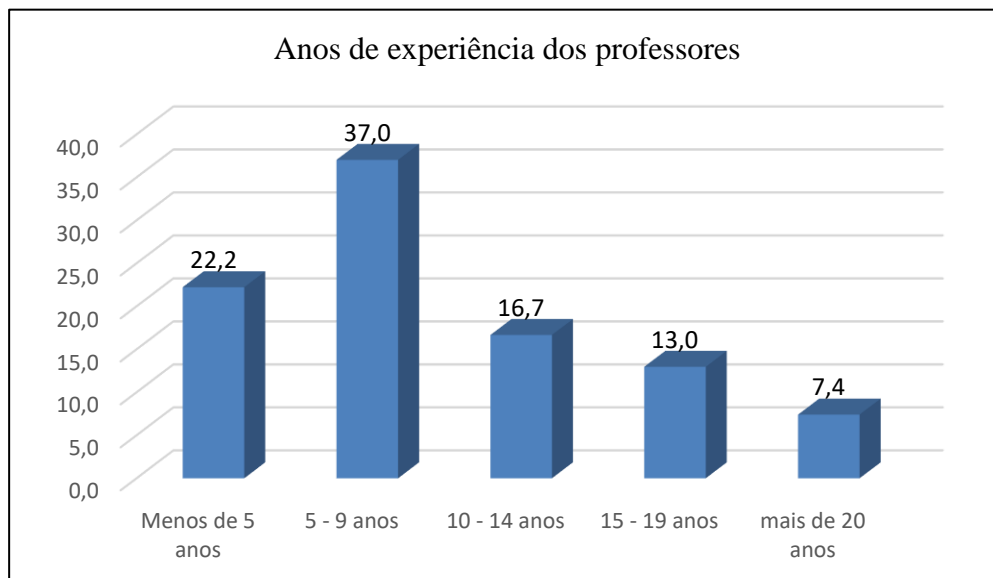
O objetivo desta seção era de avaliar e comparar o nível de conhecimento do professor sobre a problemática da violência na escola, com relação a anos de experiência, a interação dos professores com os alunos, a sua permanência no recinto escolar

Gráfico 5. Anos de docência dos professores.



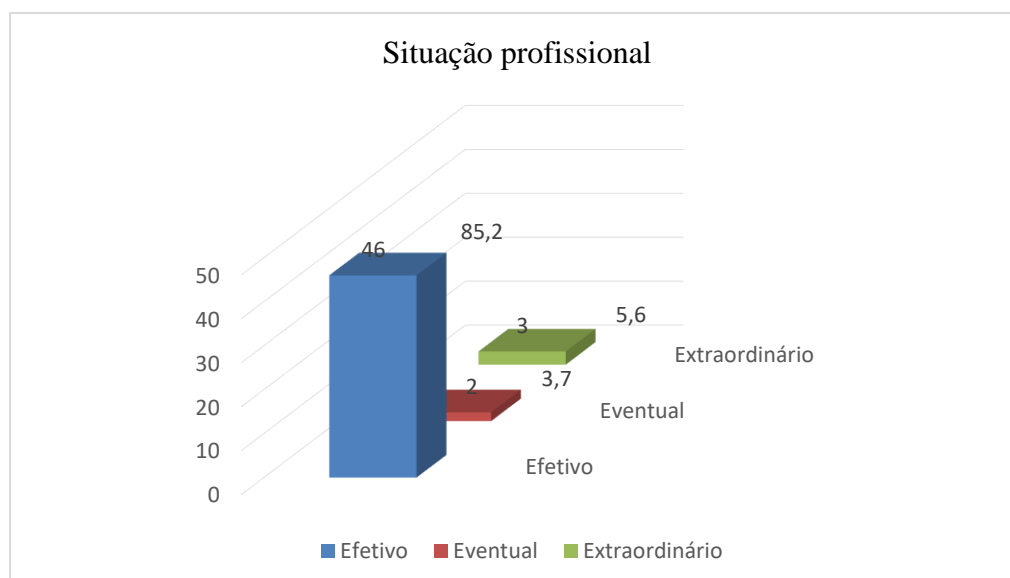
Foi analisado os anos de docência dos professores e segundo o gráfico n.º5 os professores com 5-9 anos de docência correspondem a 33,3%, enquanto que, os professores com menos de 5 anos representam 31,5%, portanto a maioria dos professores ainda são jovens.

Gráfico 6. Anos de experiência dos professores que lecionam na escola



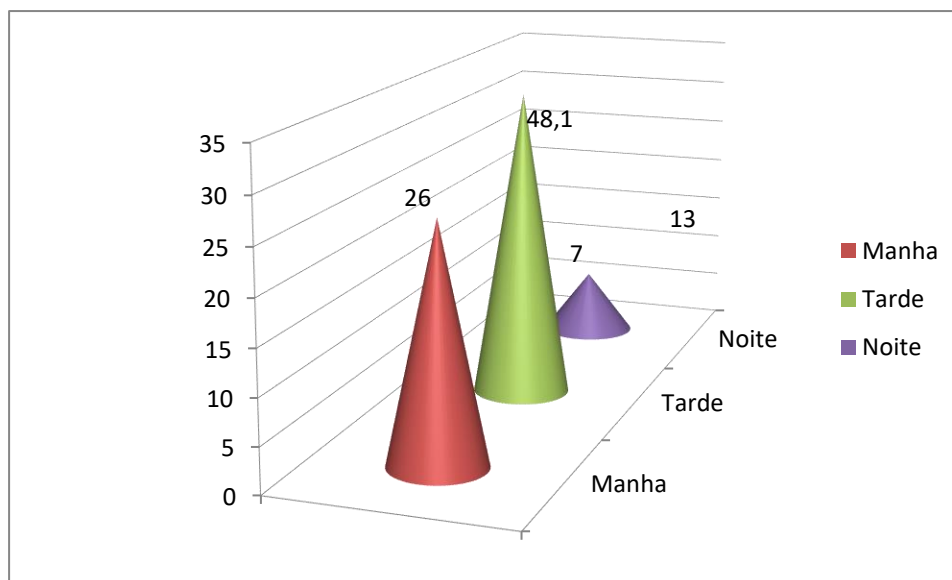
No que toca anos de experiência dos professores pudemos verificar através do gráfico n. °6 que na referida escola 37% dos professores têm 5 a 9 anos de experiência, enquanto 16,7% têm 10 a 14 anos de experiência, e 13% possuem 15 a 19 anos de experiência, todavia, apenas 7,4% têm mais que 20 anos de experiência

Gráfico 7. Situação profissional dos professores



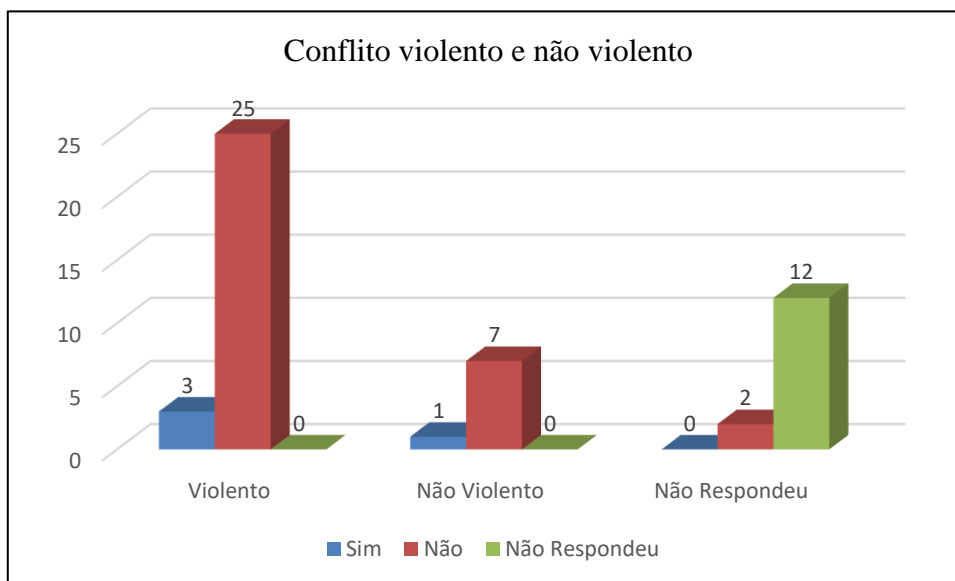
Analogamente a situação profissional, de acordo a carreira docente dos professores no sistema educativo, existem 3 modalidades nomeadamente; professores efetivos, professores extraordinários e professores eventuais. De acordo os resultados segundo o inquérito pudemos apurar que existem 85,2% de professores efetivos, 5,6% professores extraordinários e 3,7% de professores eventuais (Gráfico 7).

Gráfico 8. Período em que os professores trabalham.



De acordo ao gráfico n. º8 uma grande parte de professores trabalham no período da manhã 48,1%, enquanto 26% trabalham no período da tarde, 7% trabalham no período da tarde e de noite, outros professores acumulam dois períodos, ou seja, manhã e noite ou tarde e noite.

Gráfico 9. Opinião dos professores sobre o tipo de conflito existente na escola.

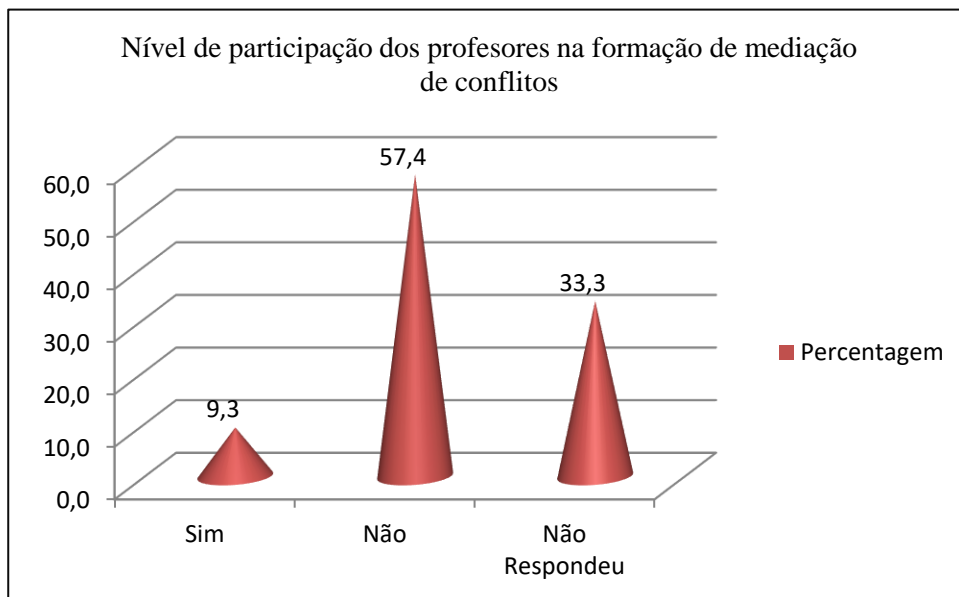


As questões seguintes do inquérito da seção IV, abarca os seguintes itens: gestão de conflito, foram sobretudo alistados os itens; grau de conhecimento dos professores sobre o conflito, é importante referir que os inquiridos podiam escolher até duas opções de respostas apresentadas para as perguntas da seção de gestão de conflito, 1,2,3,3.1,4. 4.2,4.3, análise individual destas opções teve sempre por base a totalidade das respostas dos inquiridos.

O objetivo destas questões era avaliar a perceção dos professores perante conflito violento e não violento, o tipo de conflito que ocorrem com maior frequência; entre alunos, entre docentes, entre pais, docentes e diretor da escola. Deste modo, para avaliar as perceções dos professores com o fenómeno de violência na escola foram-lhes colocadas questões que ocorrem com maior frequência. Na afirmação “O conflito é toda opinião divergente ou maneira de ver ou interpretar algum acontecimento” que tipo de conflito existe na tua escola”. Como podemos ver no gráfico n.º 9, relativamente ao conflito violento 25 professores responderam não, enquanto, 3 professores responderam sim; concernente ao conflito não violento 7

professores responderam não e 1 professor respondeu sim, todavia 12 professores não responderam.

Gráfico 10. Percentagem de professores que já participaram na formação de mediação de conflito.

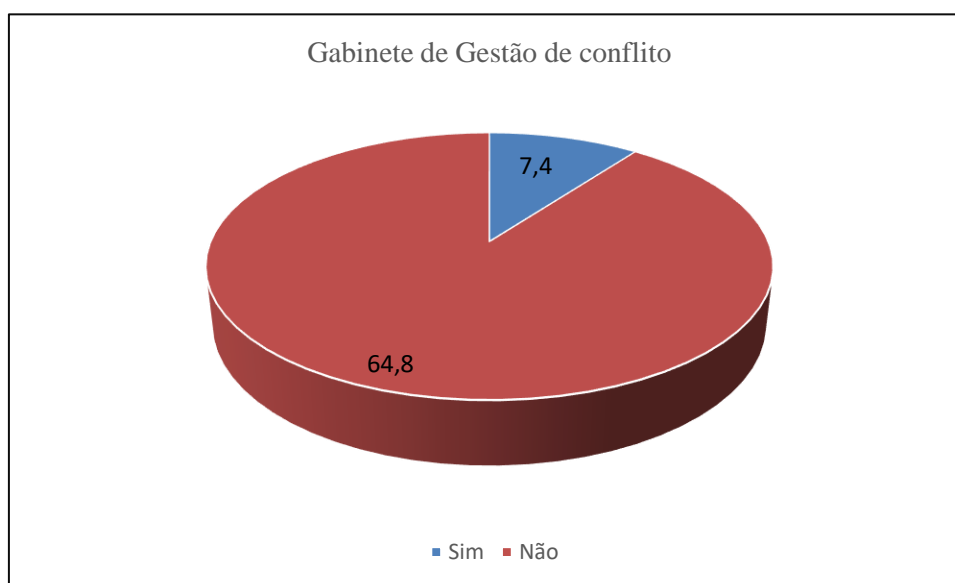


Para dissecamos o nível de conhecimento dos professores no domínio de mediação de conflito na escola foi posto a seguinte questão " Já participou em alguma formação de mediação de conflito", e como resultado verificamos que somente 9,7% dos professores responderam sim ou seja, aqueles que efetivamente tiveram alguma formação na mediação de conflito, em contrapartida 57,4% de professores responderam não, ou seja nunca tiveram uma formação na mediação de conflito na escola, e 33,3% não responderam como consta no (gráfico n.º10).

Ao fazermos uma comparação com o gráfico n.º4 concernente á nível dos professores por grau académico por sexo, verificamos que, 40% dos indivíduos do sexo feminino possuem uma formação superior e 26% de indivíduos do sexo masculino possuem formação superior. No nosso entender através desses dados, revela ausência de formação específica de curta

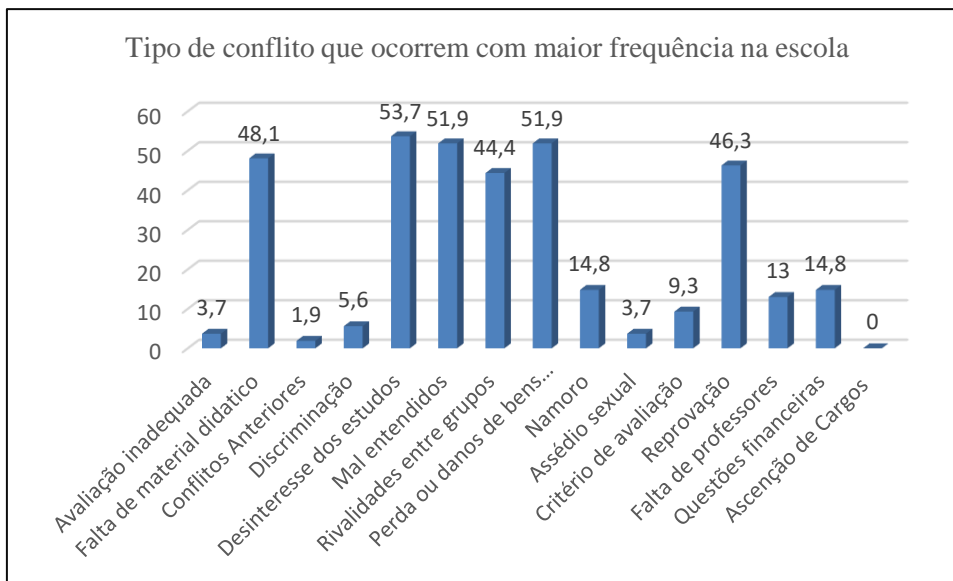
duração de acordo as necessidades e a realidade da escola, atendendo o grau de violência física 83,3% e violência psicológica 75,9% apurados segundo o inquérito.

Gráfico 11. Percentagem dos professores que responderam sobre a existência do gabinete de gestão de conflito na escola.



Na questão relacionada com o gabinete de gestão de conflito pudemos apurar que dos 53 professores inquiridos somente 7,4% afirmaram que existe um gabinete de gestão de conflito na escola, enquanto 64,8% responderam que não existe um gabinete de gestão de conflito (Gráfico 11).

Gráfico 12. Tipo de conflito que ocorre com maior frequência na escola.



O Gráfico n.º 12 mostra-nos os tipos de conflitos que ocorrem com maior frequência na escola. Um total de 53 professores inquiridos, apontaram o desinteresse de estudos com 53,7% como uma das principais causas, a falta de motivação na aprendizagem seguida de perda e danos de bens escolares e mal-entendido com 51,9% respetivamente. Entretanto outro item extremamente importante é a falta de materiais didáticos com uma percentagem de 48,1% que no nosso entender influência sobre maneira no processo do ensino e aprendizagem. A categoria de outras causas que levam os alunos a entrarem em conflitos foram apontados como avaliação inadequada, mal-entendido, rivalidades entre grupos, namoro, reprovação e questões financeiras.

Ao interpretarmos este gráfico, entendemos que os alunos não estão motivado em aprender, logo se não houver motivação não poderá haver aprendizagem, tendo em conta que aprendizagem é progressiva mudança do comportamento que está ligada, de um lado a sucessivas apresentações de uma situação e, do outro lado, repetidos esforços dos indivíduos

para enfrentá-la de maneira eficiente Connel (citado por Pilleti, 1971,pg.32), logo não havendo a motivação os alunos envolvem em conflitos desestabilizando o ambiente escolar.

A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem outros recursos. Mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver a motivação não haverá aprendizagem.

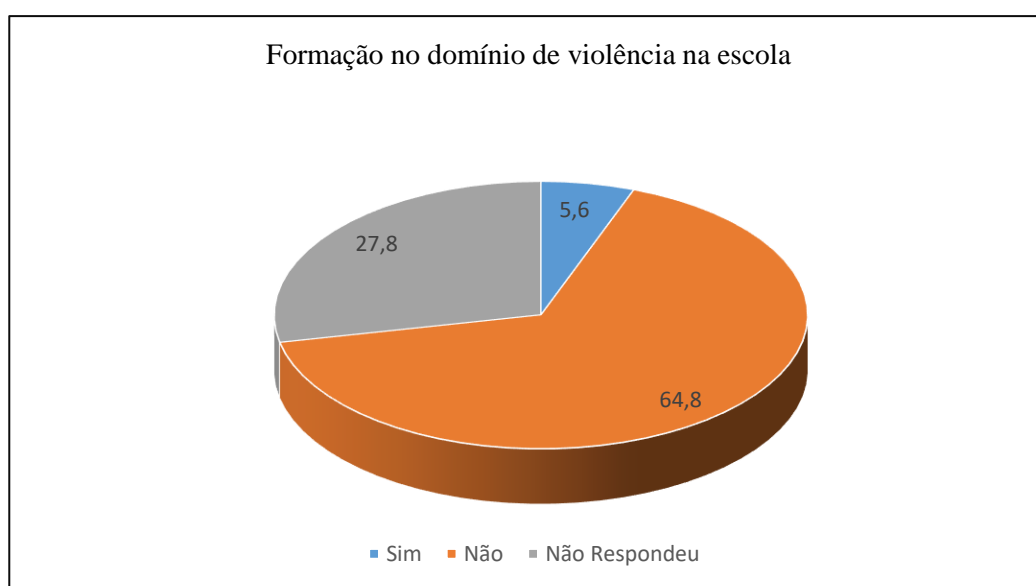


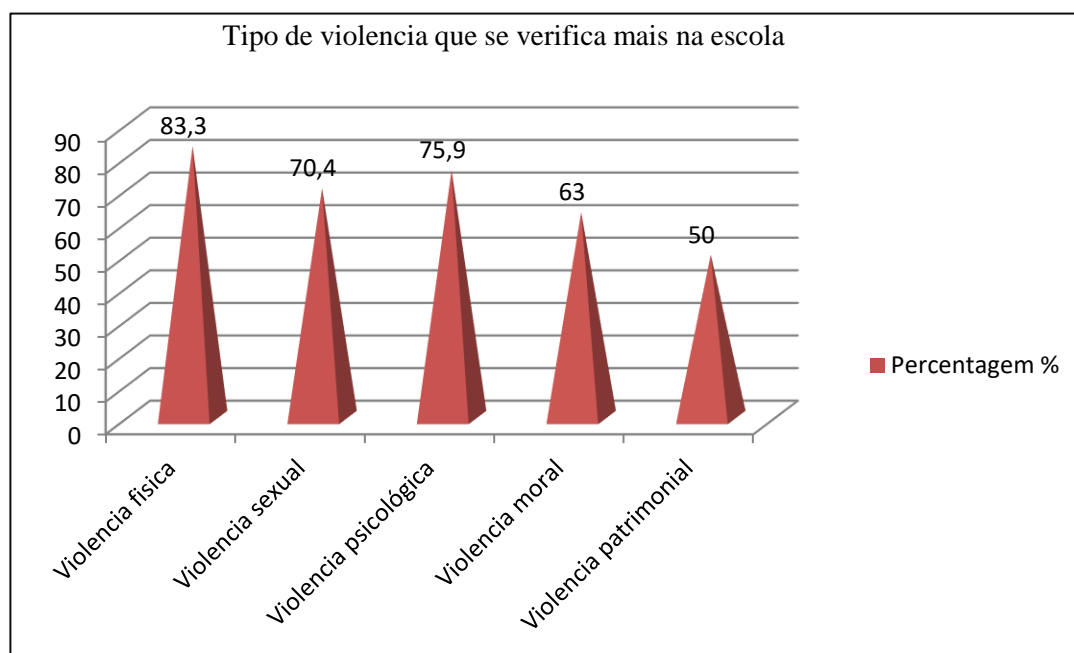
Gráfico 13. Percentagem dos professores que já participaram numa formação sobre a violência na escola.

As questões seguintes (seção V a opinião dos professores sobre a violência); perguntas 1,1.2,2,3,4,5,5.1,6,7,8) foram sobretudo relacionadas com a formação dos professores sobre a violência; tipo de violência que os mesmos conhecem, a percepção dos professores, na opinião dos professores, ou seja, a razão que levam os alunos a brigarem uns com os outros na escola, a percentagem dos professores que já assistiram um ato de violência, e em que espaço ocorre mais de violência.

Os objetivos destas questões foram essencialmente para compreender na sua essência se os professores têm algum domínio sobre as questões de violência, como reagem numa situação de conflito a reação dos professores perante um ato de violência.

Em relação a formação no domínio de violência na escola no gráfico n.º 13 pudemos visualizar de modo global que apenas também 5,6% dos professores responderam sim, ou seja, os que já participaram numa formação sobre a violência na escola, enquanto 64,8% não participaram em nenhuma formação sobre a violência na escola, 27,8% não responderam à pergunta acima referida (Gráfico 13).

Gráfico 14. -Percentagem de tipo de violência que se verifica mais na escola



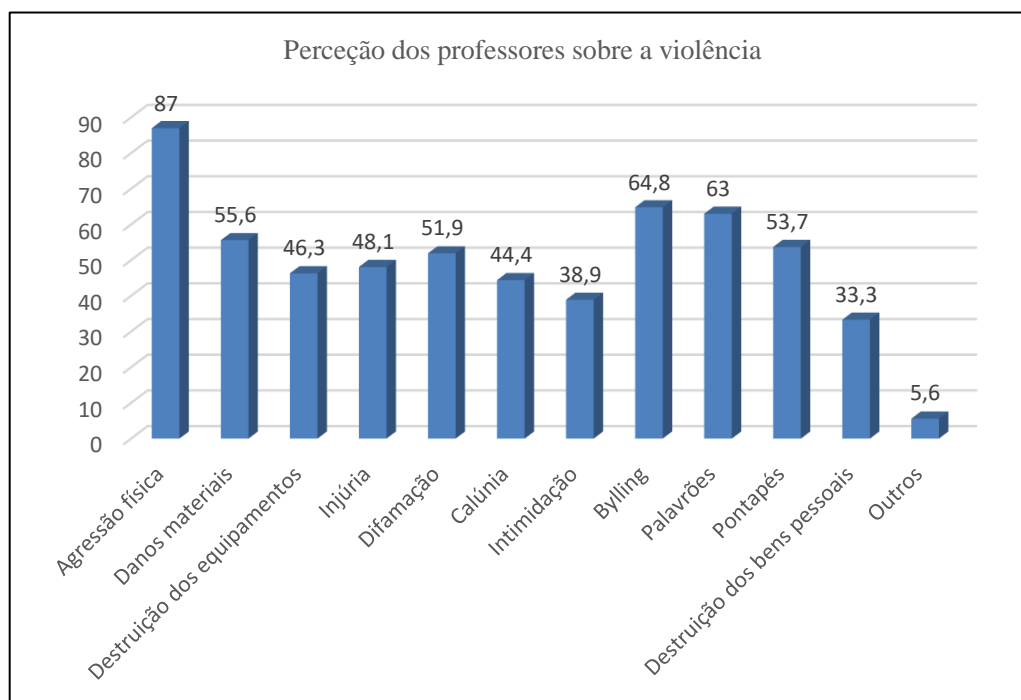
No que concerne ao tipo de violência que se verifica mais na escola, ressalta-nos logo a violência física com 83,3%, violência psicológica com 75,9%, violência sexual em terceiro lugar com 70,4%, violência moral com 63% e por último, a violência patrimonial com 50% (gráfico n.º 14).

O resultado destas questões reflete a sociedade em que vivemos, vários estudos já efetuados no país revelaram os mesmos produtos, verifica-se uma maior percentagem na violência física e psicológica, como é o caso da violência doméstica que ocorre entre os membros da família ou que partilham o mesmo espaço de habitação. A desestruturação familiar a queda dos valores éticos e morais.

Bandura, (citado por Monteiro & Santos, 2005) na sua teoria sobre a aprendizagem social defende de que a aprendizagem por observação resulta da interação e da imitação social. De acordo a estes psicólogos, muitos dos nossos comportamentos são aprendidos através da observação e da imitação de um modelo-modelação ou modelagem.

Skinner, (citado por Monteiro & Santos, 2005) alerta sobre os efeitos indesejáveis que o castigo pode provocar numa criança, e ela pode associar-se ao medo da punição não só ao comportamento responsável, mas também à pessoa que o administra; por outro lado a aplicação do castigo pode aumentar a agressividade daquele que é punido. Skinner via por isso maiores vantagens na aplicação do reforço positivo; enquanto este diz o que o sujeito deve fazer, não orientado no sentido do comportamento desejável. De acordo a teoria deste autor, no processo de aprendizagem á mais eficaz a instrução positiva do que a negativa, além disso é muitas vezes possível reformular de modo positivo muitas ameaças de castigo.

Gráfico 15. Percepção dos professores sobre a violência na escola



Em relação a percepção dos professores sobre a violência na escola é interessante fazer uma leitura destes valores apresentados pelo gráfico n.º 15. Como podemos visualizar uma grande maioria dos professores têm a percepção de que a violência na escola é um conjunto de atos violentos entre os alunos e que ocorre em recintos escolar, quer noutros diretamente relacionados com a escola.

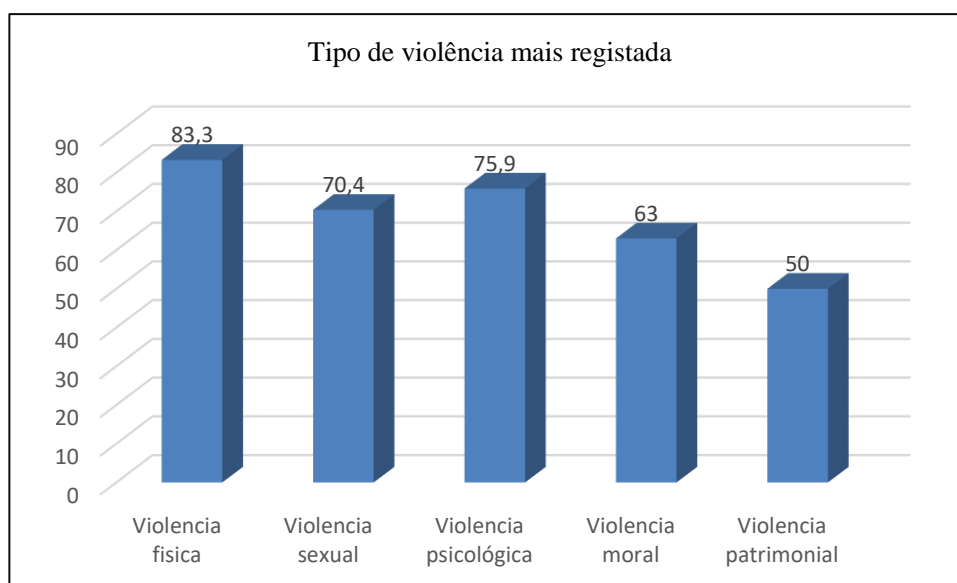
Dos 53 professores inquiridos, apontaram a agressão física em primeiro lugar com uma percentagem de 87%, em segundo lugar o bullying 64,8%, seguidamente palavrões 63%, danos materiais 55,6%, pontapés 53,7%, injúria 48,1%, calúnia 44,4%, intimidação 38,9%, destruição de bens pessoais 33,3% e outros atos de violência 5,6% (Gráfico 15).

Gráfico 16. Percentagem dos professores que assistiram um ato de violência na escola.



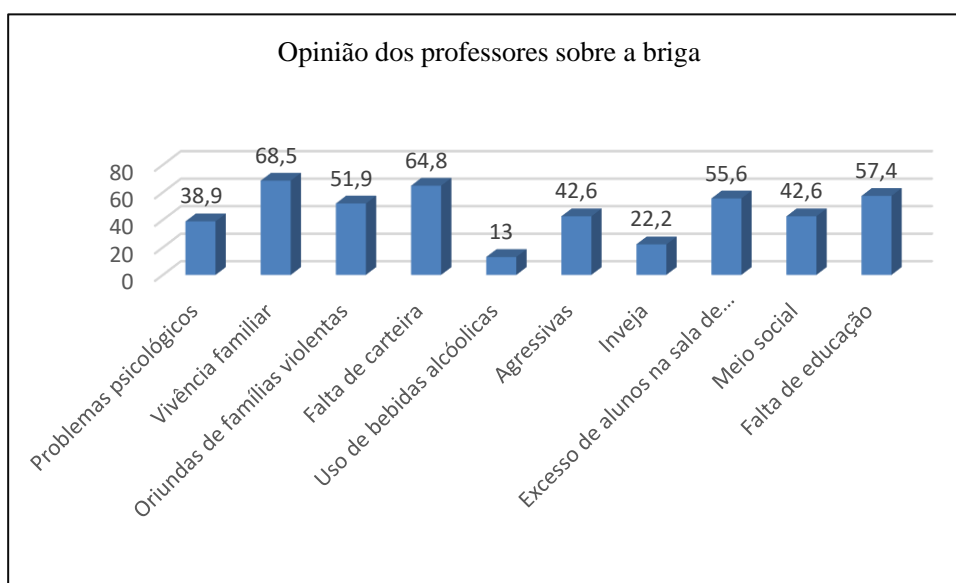
De acordo ao gráfico n.º 16, dos 53 professores inquiridos 88,9 % dos professores já assistiram um ato de violência entre os alunos na escola secundária de Bombom, enquanto 5,6% não assistiram, outros professores não se manifestaram a sua opinião sobre o ato de violência na escola.

Gráfico 17. Percentagem de tipo de violência mais registada na escola.



Quando inquiridos sobre o tipo de violência que mais registava na escola, uma grande parte dos professores apontaram a violência física 83,3% como um dos tipos mais registado, depois a violência psicológica com 75,9%, a violência sexual com 70,4%, violência, violência moral com 63 %, e a violência patrimonial com 50%. (Gráfico 17).

Gráfico 18. Razão que leva as crianças lutam umas com as outras.



Na questão da razão que levam os alunos a lutarem uns com os outros na escola ou noutros recintos ligados a escola, (gráfico n.º 18) pudemos entender que uma das razões mais apontadas pelos professores inquiridos é a vivência familiar com uma percentagem de 68,5%, seguido a falta de materiais ou seja falta de carteira como uma componente de materiais didáticos 64,8%, falta de educação ou seja ausência de normas e regras educativas 57,4% excessos de alunos nas salas de aula com 55,6% oriundas de outras famílias ou seja aqui chamamos atenção sobre a problemática da estruturação familiar, tipo de família com 51,9%, existe um dados que se encontra no mesmo patamar que é atitudes agressivas com relação ao meio social

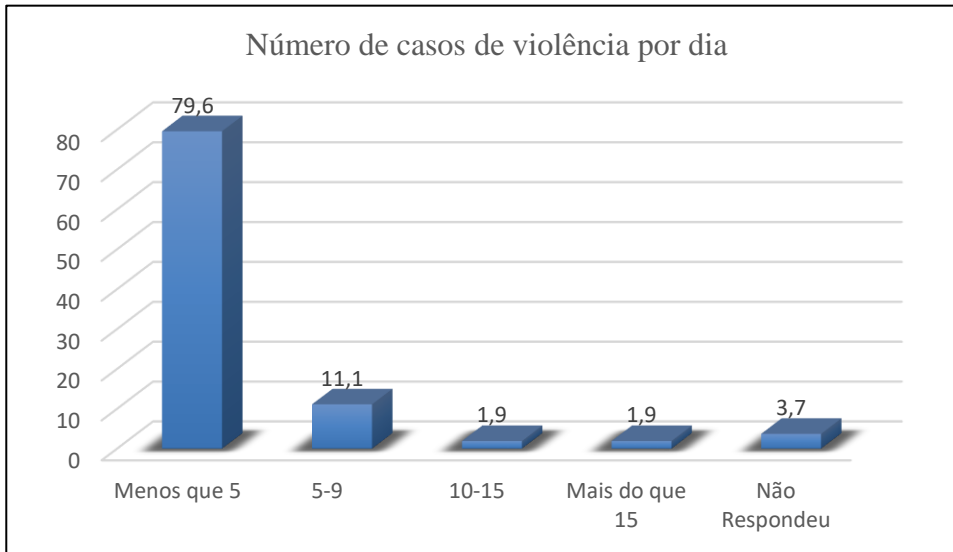
com a mesma percentagem 42,6% é uma questão a ser refletida, problemas psicológicos com 38,9%, inveja 22,2% e por último 13%.

Neste mesmo gráfico, os professores apontam a vivência familiar, falta de carteira, falta de educação excesso de alunos nas salas de aulas, como causa de violência, que no nosso entender enquadra nos problemas sociais em que o país enfrenta.

Nos últimos séculos, as funções das famílias têm sofrido transformações, nomeadamente a que se refere à educação. Antes, era a instituição responsável não só pela socialização primária como pela socialização secundária do indivíduo, na medida em que muitas vezes a criança aprendia um ofício que constituía a principal atividade da família e com ela permanecia durante a idade adulta. Hoje ao contrário ela depara com uma série de constrangimentos. Estes constrangimentos interiores que impõem a nós próprios porque consideram ser o socialmente correto.

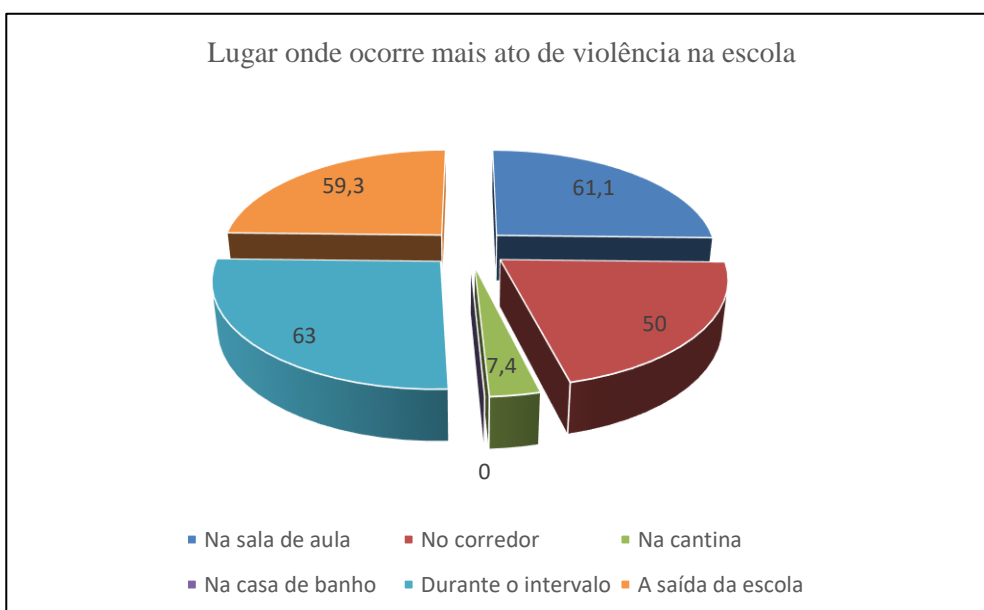
São estes condicionamentos gerado primeiramente pela sociedade e posteriormente auto imposto, é o resultado do processo da socialização, atendendo que a socialização consiste na interiorização que cada indivíduo faz, desde que nasce e ao longo de toda a sua vida, das normas e valores da sociedade em que está inserido e dos modelos de comportamento, ou seja, socializar é, portanto, inculcar no indivíduo os modos de pensar, de sentir e de agir do grupo em que está integrado. É necessária a criação de estruturas e medidas de acompanhamento para minimizar a situação apresentado.

Gráfico 19. Quantos atos de violência correm por dia na escola.



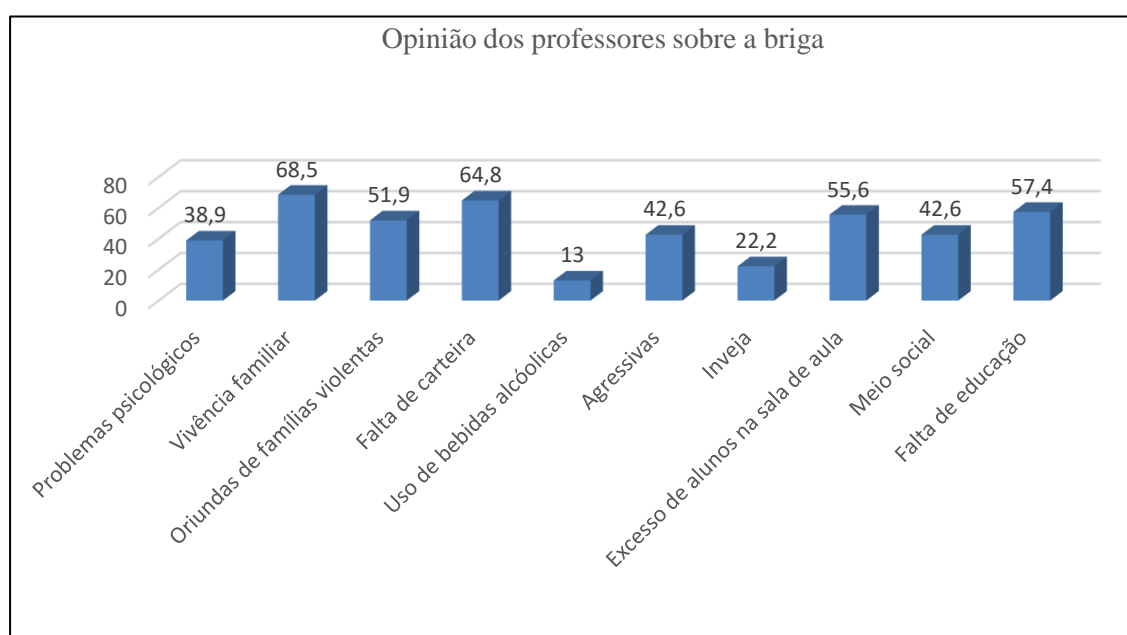
Ao analisarmos o número de casos de violência que ocorre por dia na escola secundária de Bombom, dos inquiridos, 79,6% responderam de que por dia ocorre menos que 5 casos, 11,1% dos professores responderam que ocorre 5 a 9 casos por dia, 1,9% dos professores responderam que por dia ocorre 10 a 15 casos de violência, 1,9% dos professores responderam que mais de 15 casos ocorrem por dia e 3,7% não responderam. (Gráfico 19).

Gráfico 20. Em que espaço da escola ocorre mais violência.



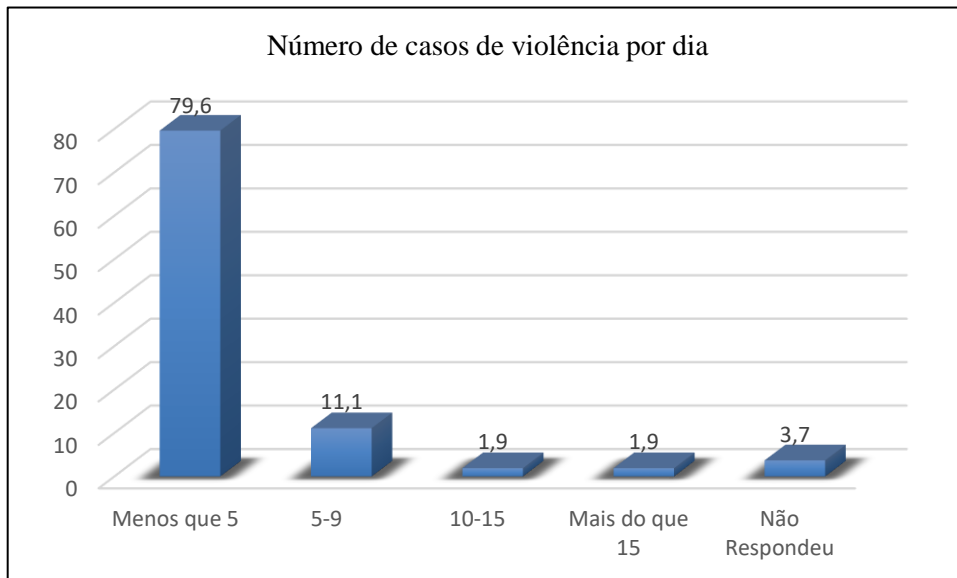
Quanto ao lugar onde ocorre mais ato de violência na escola dos inquiridos, 63% afirmaram que a violência ocorre mais durante o intervalo, no segundo lugar na sala de aula com 61,1%, seguidamente a saída da escola com 59,3%, no corredor, com uma percentagem de 50% e por último na cantina com 7,4% (Gráfico 20).

Gráfico 21. Opinião dos professores sobre a razão que levam os alunos a lutarem uns com os outros na escola.



A questão sobre a opinião dos professores sobre a razão que levam os alunos a lutarem na escola, dos 53 professores inquiridos 68,5% dos professores responderam a vivência familiar, e 64,8% dos professores responderam a falta de carteira, 57,4% falta de educação 55,6% responderam excesso de alunos na sala de aula, 51,9% oriundas de outras famílias, 42,6% agressividade e meio social, 38,9% apontaram razões psicológicas (Gráfico 21).

Gráfico 22. Percentagem de pessoas que participam no ato de violência na escola.



Durante a luta na escola há sempre quem participa na violência, perguntando os professores” quem participa numa situação de violência na escolas, dos inquiridos responderam que num ato de violência os alunos é que participam mais com uma percentagem de 88,9%, seguida de pessoas estranhas que entram nas escolas 38,9% e uma situação que nos chamou atenção é participação dos pais encarregados de educação, alunos, professores /ras com 11,1% em violência na escola, seguido amigos dos alunos com 9,3% e 7,4% de familiares que também envolvem em violência na escola (Gráfico 22).

Perante este cenário vimos que, a criança quando chega à escola, já teve contacto com a realidade social cultural que a envolve: família, vizinhos, amigos, meios de comunicação social etc.

Na família e na escola existe uma hierarquia das relações interpessoais, mas junto dos colegas, o grupo de pares ela aprende o que significa ser igual, ou par e como cooperar, conquistar autoridade ou obter o que pretende nessa situação de conflito.

Contudo, entre a família e a escola nem sempre há continuidade na transmissão dos valores e nem sempre ambas valorizam o mesmo tipo de conhecimento. Logo é necessário que a família e a escola hajam uma interação e coordenação no processo educativo e do ensino e aprendizagem

Na seção n.º VI "tipo de violência" foram tratadas questões no nosso entender sobre o tipo de violência que mais se registra durante o intervalo, a faixa etária que ocorre mais no ato de violência na escola, em que nível de escolaridade ocorre mais casos de violência, nas questões 1,2,3.

O quadro 1 (ver Anexo 3) espelha-nos efetivamente a situação da violência na escola, e vem elucidar-nos mais uma vez que a violência física prepondera todos os outros tipos de violência. O objetivo da questão era verificar de entre vários tipos de violência na escola qual dos que predominam, e segundo os inquiridos a violência física é a mais frequente no intervalo com uma percentagem de 95,4% de alunos empurram uns aos outros durante o intervalo, 53,7% pontapés, 55,6% socos; na componente violência psicológica verifica-se 72,2% dos alunos utilizam ameaças, 59,3% palavrões; em termos de danos materiais ou seja destruição dos materiais didáticos durante o intervalo averigua-se 85,2% carteiras, 70,4% de mesas, 68,5% de vidros das janelas, 66,7% de janelas; no que refere a violência sexual regista-se 48,1% de violação sexual durante o intervalo que é muito preocupante.

Gráfico 23. Faixa etária em que ocorre mais violência na escola.



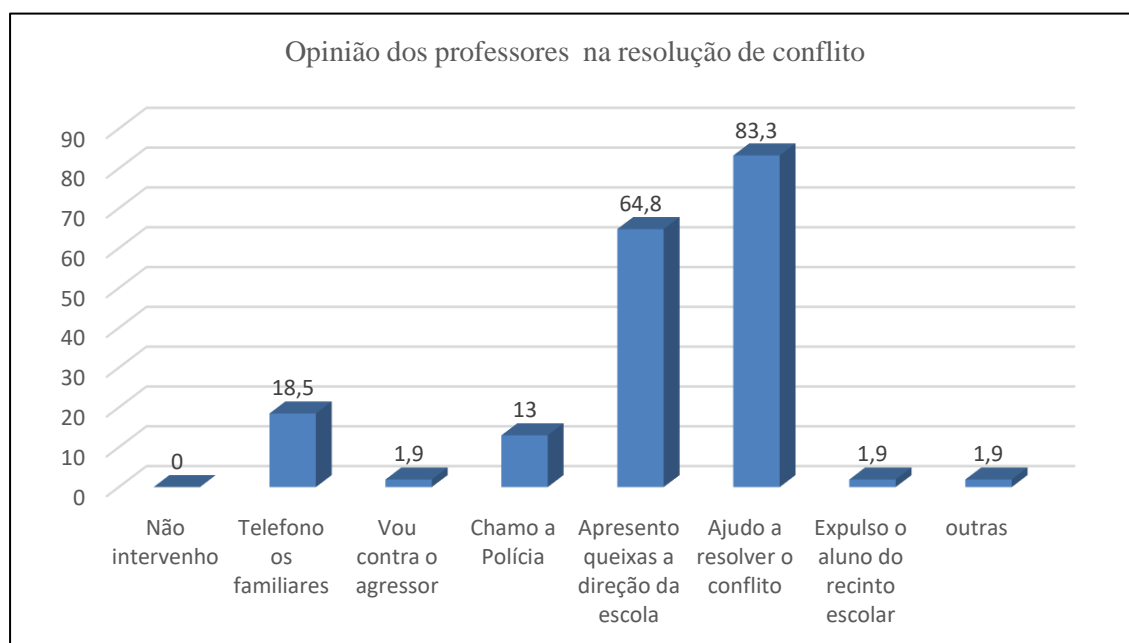
O Gráfico 23 analisado revelou que os alunos de 12-15 anos de idade é que praticam o ato de violência com uma percentagem de 59,3%. Por outro lado pudemos constatar que os alunos de idade compreendida entre os 10-12 anos e 15-17 anos têm uma percentagem de 31,5%, isto leva-nos a crer que os atos de violência intensificam na pré-puberdade início da adolescência, e permanece durante esta fase e a tendência é para diminuir assim que os alunos iniciam outra fase, onde tomam a consciência com a realidade, obtêm uma maturidade intelectual, pensamento formal, raciocínio hipotético- dedutivo e o desenvolvimento psicossocial.

Como sabemos na fase pré-puberdade ocorrem mudanças corporais, (carateres sexuais secundários) que preparam as transformações fisiológicas da puberdade. Durante a puberdade ocorrem várias transformações que são da responsabilidade dos sistemas endócrino (hormonas segregadas pelas glândulas sexuais; estrogénios e progesteronas) que causam transformações corporais, logo muitas vezes alteram o comportamento e atitude do adolescente.

A adolescência é uma fase da vida humana marcada de profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural. No entanto de acordo aos resultados acima mencionado reparamos que na segunda infância a percentagem é de 7,4% de 6-8anos e 11,1% de 8-10 anos de idade.

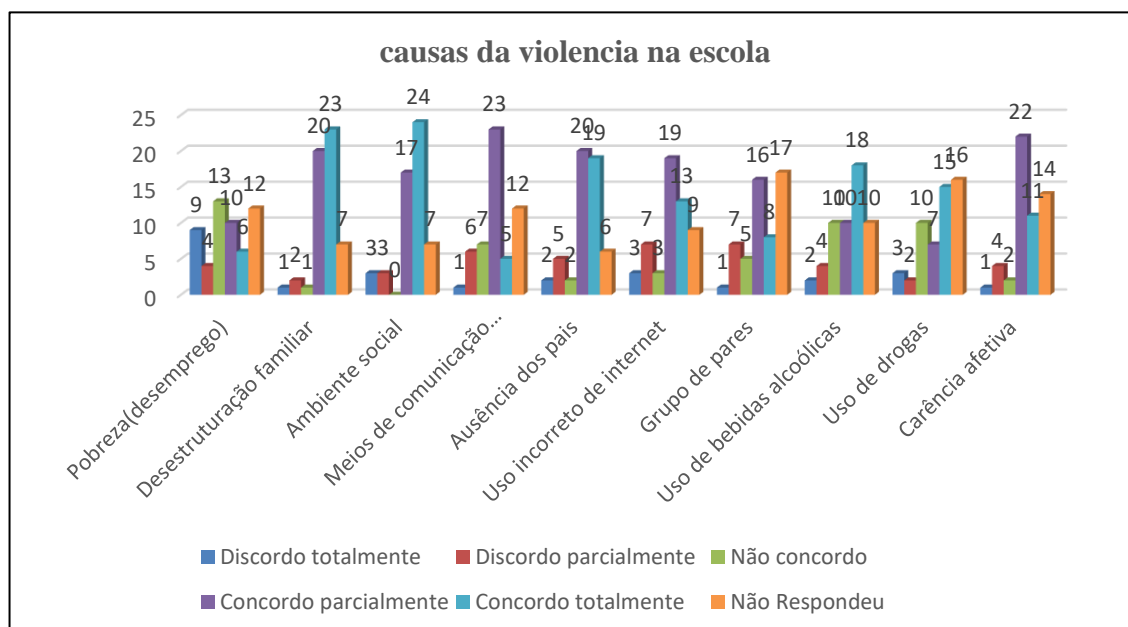
Na seção VII foram tratadas questões relacionadas com a atitude do professor perante um ato de violência, a interligação da violência com outros fatores sociais, a contribuição, ou opinião do professor na tomada de algumas medidas preventivas ou repressivas para diminuir a violência na escola.

Gráfico 24. Opinião dos professores na resolução de conflito.



Dos inquiridos 83,3% dos professores responderam que numa situação de conflito ajudam a resolver pessoalmente, enquanto 64,8% responderam que apresentam a queixa na direção da escola, 18,5% telefonam a família, 13% chamam a polícia e 1,9% dos professores inquiridos expulsa o aluno do recinto escolar, 1,9% vai contra o agressor e outras medidas não especificada pelos mesmos (Gráfico 24).

Gráfico 25. Opinião dos professores sobre as causas da violência na escola.



Na seção VIII do questionário foram expostas questão n.º1 sobre as causas da violência na escola. Analogamente as causas que estão relacionadas com a violência na escola dos inquiridos com relação a pobreza concretamente ao desemprego 9 dos professores DICORDAM TOTALMENTE; 4 DISCORDAM PARCIALMENTE; 10 CONCORDAM PARCIALMENTE; 13 NÃO CONCORDAM; 6 CONCORDAM TOTALMENTE; 12 NÃO RESPONDERAM; desestruturação familiar 1 professor DISCORDA TOTALMENTE; 2 DISCORDAM PARCIALMENTE, 23 CONCORDAM TOTALMENTE, 1 NÃO CONCORDA, 7 NÃO RESPONDERAM; ambiente social, DISCORDAM TOTALMENTE 3, DISCORDAM PARCIALMENTE 3, NÃO CONCORDA 0 CONCORDA

TOTALMENTE 24, CONCORDAM PARCIALMENTE 17 NÃO RESPONDERAM 7; com relação ao meio de comunicação social, 1 professor DISCORDA TOTALMENTE; DISCORDAM PARCIALMENTE 6; NÃO CONCORDA 7; CONCORDAM TOTALMENTE 6; CONCORDAM PARCIALMENTE 23; NÃO RESPONDERAM 12; ausência dos pais, 2 professores DISCORDAM TOTALMENTE; DISCORDAM PARCIALMENTE 5; CONCORDAM PARCIALMENTE 20; NÃO CONCORDA 2; CONCORDAM TOTALMENTE 19; NÃO RESPONDERAM 6; relativamente ao uso incorreto de internet, 3 professores DISCORDAM TOTALMENTE; DISCORDAM PARCIALMENTE 7; CONCORDAM PARCIALMENTE 19; NÃO CONCORDAM 8; CONCORDAM TOTALMENTE 13; NÃO RESPONDERAM 9; grupo de pares DISCORDAM TOTALMENTE 15; DISCORDAM PARCIALMENTE 7; NÃO CONCORDAM 5; CONCORDAM TOTALMENTE 8; NÃO RESPONDERAM 17; no que concerne ao uso de bebidas alcoólicas 2 professores DISCORDAM TOTALMENTE 2; DISCORDAM PARCIALMENTE 4; NÃO CONCORDAM 10; CONCORDAM PARCIALMENTE 10; CONCORDAM TOTALMENTE 18; NÃO RESPONDERAM 10; com relação ao uso de drogas DISCORDAM TOTALMENTE 2; DISCORDAM PARCIALMENTE 7; CONCORDAM PARCIALMENTE 10; NÃO CONCORDAM 15; CONCORDAM TOTALMENTE, 16 NÃO RESPONDERAM 2; no entanto a carência afetiva 1 professor DISCORDA TOTALMENTE; 4 DISCORDAM PARCIALMENTE; 2 NÃO CONCORDA; 22 CONCORDAM PARCIALMENTE; 11 CONCORDAM TOTALMENTE; 14 NÃO RESPONDERAM (Gráfico 25).

Tabela 1 - Causas da violência na escola, opinião do professor em termos percentuais.

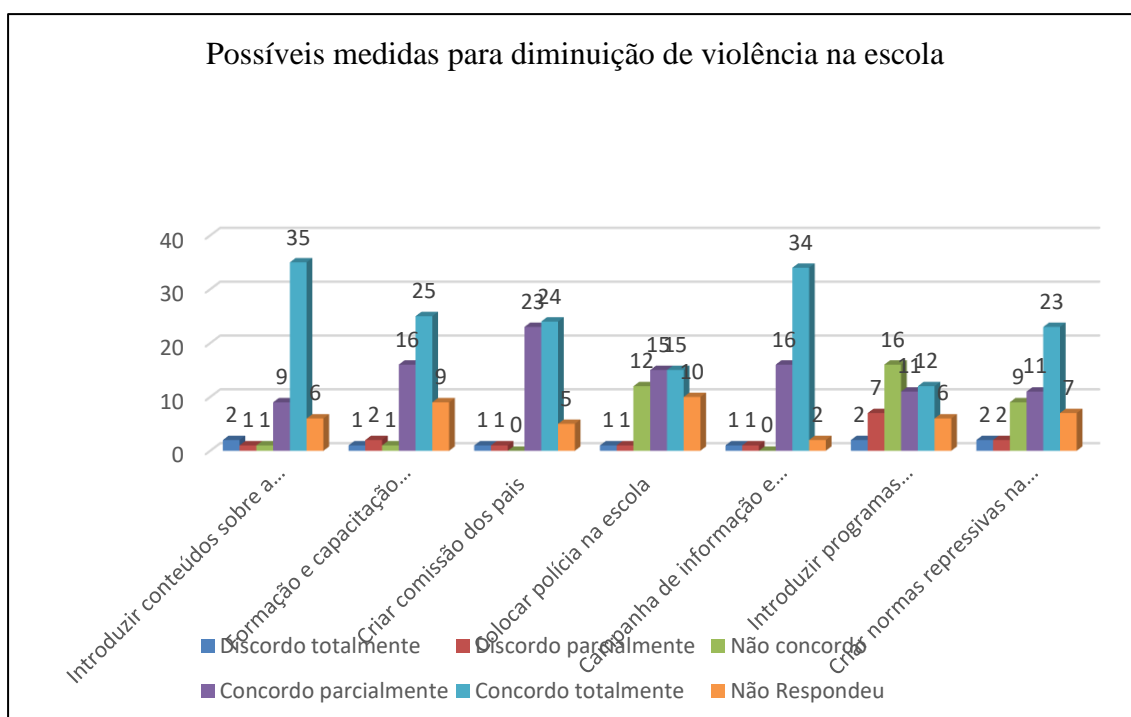
	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo parcialmente</i>	<i>Não concordo</i>	<i>Concordo parcialmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>	<i>Não Respondeu</i>
Pobreza (desemprego)	16,7	7,4	24,1	18,5	11,1	22,2
Desestruturação familiar	1,9	3,7	1,9	37	42,6	13
Ambiente social	5,6	5,6	31,5	0	44,4	13
Meios de comunicação social	1,9	11,1	13	42,6	9,3	22,2
Ausência dos pais	3,7	9,3	3,7	37	35,2	11,1
Uso incorreto de internet	5,6	13	5,6	35,2	24,1	16,7
Grupo de pares	1,9	13	9,3	29,6	14,8	31,5
Uso de bebidas alcoólicas	3,7	7,4	18,5	18,5	33,3	18,5
Uso de drogas	5,6	3,7	18,5	13	27,8	29,6
Carência afetiva	1,9	7,4	3,7	40,7	20,4	25,9

Em termos percentuais sobre a opinião dos inquiridos 24,1% dos professores NÃO CONCORDAM que “a pobreza” seja uma das causas; 42,6% dos professores CONCORDAM TOTALMENTE que seja a desestruturação familiar; 44,4% CONCORDAM TOTALMENTE que seja o ambiente social em que alunos estão inseridos; 42,6% CONCORDAM PARCIALMENTE que a influência dos meios de comunicação social contribui de forma negativa nos comportamentos e atitude; 35,2% CONCORDAM TOTALMENTE com ausência dos pais; 35,2% CONCORDAM TOTALMENTE sobre o uso incorreto da internet; 29,6% CONCORDAM PARCIALMENTE que o grupo de pares exerce influência no comportamento

dos alunos; 40,6% CONCORDAM PARCIALMENTE com carência afetiva;33,3% CONCORDAM TOTALMENTE que o uso de bebidas alcoólicas influencia no comportamento dos alunos (Tabela 1).

Na seção IX do questionário foram tratadas questões 1,2 sobre o ponto de vista dos professores sobre as possíveis medidas a implementar e que poderiam contribuir para a diminuição da violência na escola.

Gráfico 26. Ponto de vista dos professores sobre que medidas preventivas e repressivas seriam possíveis para por cobro a violência na escola.



Do ponto de vista dos professores sobre que medidas preventivas e repressivas seriam possíveis para tentar diminuir a onda de violência na escola foram analisados os seguintes dados:

Estas questões foram enquadradas na seção IX com uma série de opções, no entanto de acordo com o Gráfico 26 podemos averiguar o seguinte: dos inquiridos sobre a questão concernente «**com a introdução de conteúdos sobre a violência na escola**» através do currículo escolar, 2 dos professores DISCORDAM TOTALMENTE;1 DISCORDA PARCIALMENTE;7 CONCORDAM PARCIALMENTE;1 NÃO CONCORDA;35 CONCORDAM TOTALMENTE; 6 NÃO RESPONDERAM.

Com relação a «**formação e capacitação permanente dos professores**»; 1 professor DISCORDA TOTALMENTE;2 DISCORDAM PARCIALMENTE;1 NÃO CONCORDA; 16 CONCORDAM PARCIALMENTE; 25 CONCORDAM TOTALMENTE; 9 NÃO RESPONDERAM; no entanto no que respeita a «**criar comissão dos pais**», 1 professor DISCORDA TOTALMENTE 1; DISCORDA PARCIALMENTE1;NÃO CONCORDA 0;CONCORDA TOTALMENTE 24;CONCORDAM PARCIALMENTE 23;NÃO RESPONDERAM 5; no tocante a «**colocar polícia na escola**», 1 professor DISCORDA TOTALMENTE 1;DISCORDA PARCIALMENTE 1;NAÕ CONCORDA 12;CONCORDA TOTALMENTE15; CONCORDAM PARCIALMENTE 15; NÃO RESPONDERAM 10;em análise do item «**campanha de informação e sensibilização com as famílias**»; DISCORDA TOTALMENTE 1; DISCORDAM PARCIALMENTE 1;CONCORDA PARCIALMENTE 16;CONCORDAM TOTALMENTE 34;NÃO RESPONDERAM 2;relativamente «**a introduzir programas religiosos na escola**»;2 professor DISCORDAM TOTALMENTE 2;DISCORDAM PARCIALMENTE 7;CONCORDAM PARCIALMENTE 11;NÃO CONCORDAM 16;CONCORDAM TOTALMENTE 12;NÃO RESPONDEU 6;finalmente

com relação a «**Criação normas repressivas na escola**»; 2 professores DISCORDAM TOTALMENTE; DISCORDAM PARCIALMENTE 2; NÃO CONCORDA 9; CONCORDAM TOTALMENTE 23;CONCORDAM PARCIALMENTE 11 (Gráfico 26).

Conclusões e Recomendações. Finais

Conclusões

A violência é um problema persistente que atinge direta ou indiretamente os alunos. É algo que acontece diariamente na nossa escola, é um constrangimento físico ou moral. A violência significa usar agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato, que resulte em trauma físico ou psicológico.

Ao finalizar esta análise é importante reiterar que a redução ou diminuição da violência na escola Secundária de Bombom e conseqüentemente a melhoria de convívio entre os alunos implica a atuação em vários níveis, desde ao desempenho dos Órgãos Gestores na melhoria de condições de materiais didáticos na elaboração de políticas e programas, até à própria direção da escola, que precisa estar preparada para lidar com as novas realidades, novos tipos de alunos e a própria família deve contribuir na educação e instrução dos seus filhos.

A família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. A escola tem a sua parcela de contribuição no desenvolvimento, mais especificamente na aquisição do saber culturalmente organizado nas suas distintas áreas de conhecimento.

É preciso que a família colabore com a escola de forma haver uma interação entre ambas as instituições e trabalhem em mesma direção. A educação nesse sentido torna-se um instrumento importantíssimo para enfrentar os desafios do mundo globalizado.

No decorrer das análises dos tipos de violência e a justificação que levam os alunos a lutarem, confrontamos-nos com algumas situações que são objetos de reflexão e a própria realidade social leva-nos a isto.

Relativamente aos tipos de violência o que nos ressalta mais é a violência com que os alunos utilizam para resolver os seus problemas escolares diários: de a falta de carteira destruição dos materiais didáticos. A violência física e psicológica predomina mais o modo de estar e ser dos alunos nos intervalos, na turma, a saída da escola.

Os resultados apontam para um alto índice de violência física. Foi possível verificar que esse é um fenómeno de ocorrência muito comum no cenário escolar com grande percentagem de alunos em diferentes idades. Para estimular os pais, deve-se estabelecer, um projeto pedagógico da escola espaço físico e estratégias diferenciadas para fomentar a participação dos pais de modo a fortalecer uma nova cultura de participação.

Com a realização deste estudo que consideramos piloto tendo em conta que, nunca se realizou um estudo de género, a escola pode elaborar estratégias, programas de combate e prevenção a violência na escola, e pode encontrar uma abordagem para transformação das energias, a vivacidade dos alunos aproveitá-los no desporto, horto escolar, limpezas nas escolas, cultivando o sentimento de princípios higiénicos, salubridade para o bem-estar próprio, e alguns eventos infantis especiais de patriotismo, solidariedade, amor ao próximo.

Estamos convictos de que o processo de mudança de comportamento e atitude requer algum tempo para serem interiorizados, tendo em conta a própria conjuntura do país e as realidades sociais, mas é possível a construção de uma educação, um convívio sem violência, onde todos possam de mãos dadas em direção de uma cultura para a cidadania, na edificação de paz prosperidade e simetria.

Este estudo poderá servir de referência para análises de situações, similares noutras escolas e permitirá compreender o fenómeno da violência para tomada de medidas precoces e de mediação de conflitos violentos nas escolas.

Consideramos que este estudo não é um produto acabado, mas pronto a resolver os problemas extremamente complexo e difícil como o fenómeno da violência carregada de simbolismos culturais, sociais, psicológicos. Este projeto poderá vir a ser, o desabrochar de programas e projeto no domínio de violência na escola e de mediação de conflito escolar noutras escolas.

Esperamos que os resultados desta investigação sejam divulgados à comunidade educativa santomense, bem como á comunidade estudantil, favorecendo desta forma a possibilidade de elaboração de um plano estratégico nacional de prevenção para violência na escola.

Recomendações

A violência é um fenómeno previsível e evitável e, por isso, possível de ser superado. Porém, combater eficazmente esse problema tão complexo na sociedade santomense exige de todos nós, ações coordenadas e concebidas a partir dos mesmos objetivos e na mesma direção, todos juntos fazemos a diferenças.

É fundamental o envolvimento de Instituições Públicas, da Família, de Organizações da Sociedade Civil na implementação de políticas públicas, programas projetos e ações de prevenção que procurem enfrentar as causas da violência na sua raiz e interferir nos fatores que estimulam e favorecem a ocorrência deste flagelo.

É preciso que o Governo crie estruturas de apoio às famílias principalmente as mais vulneráveis. Promover programas e ações para que a família se sinta parte integrante da escola e participem mais nas atividades dos seus educandos.

É necessário atuar de forma intersectorial para construir um modelo de proteção integral dos indivíduos, justiça social e introduzir nas escolas a noção da cultura da paz nos currículos

escolares e criar nas escolas um gabinete de gestão de conflitos. No curso de formação de professores é urgente a introdução de conceitos de violência gestão de conflito e mediação de conflito.

A única solução para combater a violência na escola é a educação, mas esta educação deverá começar desde a tenra idade:

- Família/indivíduo

- Promover novos padrões que favoreçam a quebra do ciclo da violência familiar;
- Estimular atitudes de flexibilidade e responsabilidade nas relações afetivas e familiares;
- Desenvolver competência para resolução de não-violenta de conflitos.

- Sociedade

- Atuar na mudança de tabus e valores culturais que envolvam os papéis de género, e relações de poder na família;
- Incentivar o reconhecimento e a tolerância frente às diferenças;
- A Igreja deverá desempenhar importante papel na transmissão de valores religiosos e éticos;
- A comunicação social deverá rever os programas de forma, informar, educar e sensibilizar a população transmitindo novas práticas para a cultura da paz e da cidadania.
- Evitar programas que transmitem ideais preconceituosas ligadas ao género.

Escola

- Introduzir nos currículos escolares noções de violência, mediação de conflitos e métodos e estratégias pedagógicas na resolução de conflitos;
- Valorizar o papel ativo do professor na resolução não violenta de conflitos;

- Realizar atividades de intercâmbio interturma que favoreçam a quebra do ciclo de violência entre colegas;
- Incentivar os professores à introdução de estratégias e atitudes de respeito pelo outro, tolerância na diferença.

Bibliografia e Referências. Bibliográficas

- Abramovay, M.; Rua, M.G. (2002). *Escola e Violência*. UNESCO. Brasília
- Alegre, F. C. (s.d.). *A História das Gerações Santomense*. São Tomé: UNEA AHSTP.
- Alves, C. E. (2012). *Mediação e Gestão de Conflitos numa Escola Básica de 2º,3º ciclo*. Lisboa: Universidade de Liboa.
- Amado, J. & Freire, I., (2002). *Indisciplina e Violência na Escola – Compreender para Prevenir*, Coleção Guias Práticos. Porto: Edições Asa.
- Andrade, E. V., Benilton, & Bezena. JR. (2009). *Uma Reflexão acerca da Prevenção da Violência a Partir de um Estudo sobre a Agressividade Humana*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina.
- Aquino, J.G. (dezembro 1998). *A Violência e a Crise da Autoridade Docente*. *Cadernos Cedes*, ano XIX, 47
- Bandeira, C. d., Simon, C., & Hutz. (Janeiro/Julho de 2012). *Bullying: Prevalência, Implicações e Diferenças entre os Géneros*. *Revista Semestral de Associação de Psicologia Escolar e Educacional SP*, 16, pp. 35-56.
- Bandeira, C. M. (s.d.). *Bullying: Prevalência, Implicações e Diferenças entre os Gémeos*. *Revista Semestral de Associação de psicologia Escolar e Educacional*, pp. 33-44.
- Bezerra, J.R. (2005). *A violência como Degradação do Poder e da Agressividade*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.
- Benavente, A. (1990). *Escola, professores e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bordina, I.; Rofford, D. (2010). *Transtorno da Conduta e Comportamento Anti-social*. Brasil: Escola Paulista de Medicina.

- Borsa, J.C. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf> . Rio Grande do Sul.
- Caldeira, S.; Rego, I. (2001). Contributos da psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula. *Revista Estudos de Psicologia*, Puc Campinas, 8, 1, 76-96.
- Campina, P. H. (2016). *Violência nas Escolas*. Poço de Caldas-MG.
- Castro, L., M., Cunha, S. S., P, D., Souza, O. d. (2011). *Comportamento de Violência e Factores Associados entre estudantes de Barra de Garças* , 45-48.
- Catronga, V. C. (2015). *Aprendizagem no Quotodiano dos Indivíduos seniores*. Évora.
- Charlot, B. (2002). A Violência na Escola: Como os Sociólogos Franceses Abordam essa Questão. *Sociologias*, pp. 432-443.
- Chaves, F. M. (2014). Escola e violência sob a ótica da sociologia. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 6, 12.
- Chrispino, A. (2007). *Gestão do Conflito Escolar: da Classificação dos Conflitos ao Modelos de Mediação de Conflitos* (Vol. 15). Rio de Janeiro: Educação Rio de Janeiro.
- Chrispino, A.; Chrispino, R.S.P. (2002). *Política Educacionais de Redução da Violência; Mediação do Conflito Escolar*. São Paulo: Biruta.
- Costa, H. R. (2011). *Violência Escolar: Políticas Públicas e Programa no Município de São José dos Pinhais*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Dayrell Juarez Tarcisio; A Escola Como Espaço S´cio -Cultural, professor da Faculdade de Educação da UFMG.
- Dayrell, J.T. (jun/1992). A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa, *Educação em Revista*. 15, 21-29.
- Debarbieux, E.; Blaya, C. (2002). *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília: Orgs.

- Dessen, M. A.; Polónia, A. d. (2007). *A Família e a Escola como Contexto de Desenvolvimento Humano*. Distrito Federal Brasil 2007: Universidade de Brasília.
- Farrington, D. P. (2002). Fatores de risco para a violência juvenil. In Debarbieux, E. e Blaya, C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília, UNESCO.
- Ferreira, J. (2006). *Violência Escolar e a Percepção dos Atores Envolvidos*.
- Ferreira, S.(2011). Por uma escola inclusiva. *Revista Alentejo Educação*, nº3, pp. 8
- Ferreira, L., & Toschi. (2013). *Educação Escolar.Política ,Estrutura e Organização* (6 ed.). São Paulo: Cortez.
- Ficher, W. A. (2010). *Bullying and Dating Violence,Prevention and Intervention*. (R. Institute, Ed.) USA: New Jersey.
- Frick, L. T., Menin, M. S., Regina, L., & Tognetta, P. (janeiro junho de 2010). Um Estudo sobre as Relações entre o Conflitos Interpessoais e o Bullying entre Escolares. *Revista Reflexão e Ação*, 21, pp. 93-113.
- Friedberg, E. (1993). *O Poder e a Regra: Dinâmicas da ação organizada*. Lisboa: Instituto de Piaget.
- Jesus, G.; Maia, G. (2010). *Indisciplina Escolar: Reflexões*
- Guimarães, A.M. (1996). *A Dinamica da Violência Escolar.Conflito e Ambiguidade*.Campina . São Paulo: Autores Associados.
- Guimarães, J. (2015). *Violência Escolar: Estudo exploratório segundo a perspectiva de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Jesus, G. de; Maia, G. (2010). Indisciplina escolar: reflexões. *Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP*, 10, 1.
- Kreppner, K. (2000). *The child and the family: Interdependence in developmental pathways*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.

- Kolarik, k.; Rodrigues, F.; Matos, T. (2017). Indisciplina no cotidiano escolar. *Projeção e Docência*, 8, 1, 33.
- Laterman, I. (1999). *Violências Incivilidades e Indisciplinas no Meio Escolar*. Flonópolis.
- Leão, L. G. (Janeiro/junho de 2010). O Fenomeno Bullying no Ambiente Escolar. (F. g. velha, Ed.) *Revista FACEW*, pp. 119-135.
- Leite, L. (2010). *Formação Inicial dos Educadores de Infância e de Professores*. Braga.
- Leme, M. I. (2015). *Violência e conviniência nas Escolas :Fatores, Manifestações e Relações Sociais no Espaço*. IP-USP.
- Libâneo, J.C.Ferreira, & J.Toschi. (2013). *Educação Escolar .Política ,Estruturas e Organização*. São Paulo: Cortez Editora.
- Lopes, C. S. (2003). *Violência e Conflitos na Escola:Desafios à Prática Docente*. Paraná-Brasil: Universidade Estadual de Maringa.
- Martins, V. (junho de 2018). Aviolência e os seus Labirintos. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 715-721.
- Meira, M. E. (2005). *Desenvolvimento e Aprendizagem;Reflexões sobre suas Relações e Implicações para a Pratica Docente*.
- Monteiro, M. M., & Santos, M. R. (2005). *Psicologia* (2ªedição ed.). Porto: Porto Editora.
- Oliveira, B. C., & Souza, H. J. (s.d.). *A Violência nas Escolas e suas Causas*. Centro Universidade Unifafibe Bebedouro: UNIFAFIBE.
- Oliveira, M. B. (26-29 de outubro de 2009). Violência na Escola. *EDUCERE*, pp. 5739-5758.
- OMS. (2014). *Relatório Mundial da OMS*.
- OMS. (2014). *Relatório Mundial de Prevenção Violência*.

- Pacheco, F. C. (2006). *A Gestão de Conflitos na Escola e Mediação como Alternativa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pilleti, N. (2003). *Psicologia da Educação* (17ª edição ed.). (F. d. S. Paulo, Ed.) S. Paulo: ABDR.
- Pratta, E. M.; Santos, M. A. (2007). *Família e Adolescência; A Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico dos seus Membros* (Vol. 12). Maringá: Psicologia em Estudo-Maringá.
- Rebelo, R. (2002). *Indisciplina escolar: causas e sujeitos*. Petrópolis – RJ, Vozes.
- Romanelli, G. (1997). Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. *Cadernos de Pesquisa NEP*, 1-2, 25-34.
- Rodrigues. R.F. (2011). *Violências nas Escolas*. Matinhos-Brasil: Universidade Federal do Paraná.
- Rodrigues, A. P. (2013). *Mediação em Contexto Escolar para uma Gestão Positiva dos Conflitos - Implementação de um projeto de Mediação Escolar na Escola Básica Conde de Vila Alta*. Évora.
- Rosa Maria José Araujo, *Violência no Ambiente Escolar: Refletindo sobre as Consequências para o processo Ensino Aprendizagem*
- Rosso Edvander; *A Indisciplina Escolar nas Representações Sociais de Professores Paranaenses*, *Psic. da Ed.*, São Paulo, 34, 1º semestre de 2012, pp-127-157
- Silva, A. M. (1996). *A violência na Escola : Percepção dos Alunos e Professores*. São Paulo: Universidade Federal de Pernambuco.
- Silva, D. B., Rita, R., Silva, B., Moura, L. D., Vandelize F.; Guedes. Z. (2005). *Indisciplina e Violência na Escola*. Brasília-Unicemb: Faculdade de Ciência de Educação.
- Silva, D. K.; Lopez, M. I. (2005). *A Indisciplina : Um desafio para a Equipe Gestora*. Anápolis: Faculdade Católica de Anápolis.

- Soares, A. S. (setembro/2012). A Autoridade do professor e a Função da Escola Educação e a Realidade. 37, pp. 841-861.
- Sousa, R. d. (setembro/2005). Bullying and Sexual Harassment Among Brazilian High School Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 20, 1018-1038.
- Souza, E. (janeiro/1993). *Violência Velada e Revelada: Estudo Epidemiológico da Mortalidade por Causas Externas em Duque de Caxias*. pp. 48-64.
- Souza, M. R. (2008). *Violência nas Escolas: Causa e Consequência*.
- Souza, L.J; Abreu, C.A.; Valdês, M.T.; Oliveira, E.N.; Ferreira, R.C.; Catrib, A.M. (Jan/Março 2010). *Violência na escola pública: relatos de professores*. 23(1), 34-42RBPS, Fortaleza.
- Telles L. E. ; Machado, D.A.; Silveira, M.B. ; (Abril/2003). *Manifestações*, pp. 9-21.
- Tomás, C. A. (2010). *Mediação para Uma Gestão Positiva dos Conflitos*. Coimbra.
- Tonchis, L. C. (2013). *Filosofia da Cultura da Violência na Escola e Suas Consequências*. .Acedido eletronicamente em <http://advivo.com.br/blog/luiz-claudio-tonchis/violencia-na-escola-e-suas-consequencias>
- Trevisol, M. T. (s.d.). *Bullying na Escola :A Compreensão do Aluno no Papel de Testemunha*. Santa Catarina-Brasil: Concórdia-SC-Brasil.
- Trevisol, D. d., & Sequeira. (Maio/2003). *Relação Professor Aluno, Revisão Crítica*. pp. 97-101.
- UNICEF. (2015). *Análise da Situação da Criança em São Tomé e Príncipe*. S.Tomé: UNICEF.
- Vasconcelos, M.D (2002). Pierre Bourdieu: A herança sociológica. *Educação e Sociedade*. *Educ. Soc.* [online], 2 (78), 77-87.
- Vasconcelos, M.D. (2002). *A Herança Sociológica*. *Educação e Sociedade*.

- Velez, M. F. (2010). *Indisciplina e Violência na Escola: Factores de Risco*. Lisboa: Universidade de Lisboa Instituto de Educação na Universidade de Lisboa.
- Vilhena, J. (2002). *Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antisocial e sua inscrição na cultura contemporânea*.
- Rosso, A.; Camargo, B. (jul/dez 2011). As representações sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais paranaenses. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, SP, 13, 1, 269-289.
- Silva, V., Ferreira, R. & Ataíde, S. P. (setembro/dezembro de 2010). A Afetividade na Relação Professor-Aluno e suas Implicações na Aprendizagem, em Contexto Universitário. *Educar em Revista*, pp. 219-235.
- Vilhena Junia, Agressividade e Violência: Reflexões Acerca do Comportamento anti-social e sua Inscrição na Cultura Contemporânea, 2002

Legislação Consultada

Lei n.º 1/2003 -Constituição da República Democrática de São Tomé e Príncipe

Lei n.º 2/2003-Lei de Bases do Sistema Educativo, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura com o apoio da UNICEF, outubro 2010

Lei n.º 11/2008-Sobre a Violência Doméstica e Familiar, DR n.º.62 de 29 /10/2008

Lei n.º 12/2008-Sobre o Reforço dos Mecanismos de Proteção Legal Devidas às Vítimas de Crimes de Violência Doméstica e Familiar DR n.º.62 de 29 /10/2008

Código Penal da República Democrática de São Tomé e Príncipe -Aprovado pela Lei n.º 6 /2012, DR n.º 5 de 6 de agosto de 2012

Lei n.º 2/1977-Lei da Família, Publicado no DR n.º 55, de 28 de dezembro de 1977,5º suplemento.

Estatuto de Carreira Docente da República Democrática de São Tomé e Príncipe- Lei n.º 5, setembro 2011; Ministério da Educação, Cultura e Formação; 1º edição, Execução gráfica; Europress -editores e Distribuição Lda.

Anexos

Anexo n.º 1 - Questionário para a elaboração de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação-Administração, Regulação e Políticas Educativas -2016/2018

RER-INE N.º 01/18 09/04/18
IQ, VÁLIDO ATÉ 31/12/2018



INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Este questionário tem por objetivo compreender como os professores se relacionam com o grau de violência na escola, para que através dos dados obtidos desta investigação, possamos encontrar mecanismos para melhorar a intervenção dos professores, proporcionando um ambiente acolhedor e saudável entre os alunos e professores, garantindo assim um ambiente saudável e o bem-estar social.

Não há respostas certas nem erradas, o importante é responder com sinceridade, colocando uma (X) na opção que melhor expressa a sua opinião, ou responder dando a sua opinião ou o seu ponto de vista sobre a violência na escola.

Obrigado pela sua colaboração.

Ano: 2017/2018

Questionário n.º -----

Nome da escola-----

Secção I

-Localização geográfica

1-Distrito-----

2-Localidade-----

Seção II

Dados pessoais de identificação

Sexo	Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>
Idade	<input type="checkbox"/>	Anos

2.2	Nível Básico <input type="checkbox"/>	Nível Secundário <input type="checkbox"/>	Nível profissional <input type="checkbox"/>	Curso profissional <input type="checkbox"/>	Curso Médio <input type="checkbox"/>
	Bacharelato <input type="checkbox"/>	Curso superior <input type="checkbox"/>	Pós Graduação <input type="checkbox"/>	Mestrado <input type="checkbox"/>	Outra <input type="checkbox"/>

2.3-Em que área se especializou

Área A	Ciências exatas: <input type="checkbox"/>	Biologia <input type="checkbox"/>	Economia <input type="checkbox"/>
Área B	Arquitetura e Urbanismo <input type="checkbox"/>	Outras <input type="checkbox"/>	
Área C	Ciências Humanas <input type="checkbox"/>	Geografia <input type="checkbox"/>	História <input type="checkbox"/>
	Letras e mais <input type="checkbox"/>		

2.4-Já beneficiou de alguma bolsa de estudo? sim, Onde estudou-----

Não Se não “pular para secção seguinte

2.6-Distrito/ localde residência

Seção III

Situação profissional

3.1-Anos de experiência enquanto professor: coloca opções X				
Menos de 5 Anos <input type="checkbox"/>	5-9 Anos <input type="checkbox"/>	10-14 Anos <input type="checkbox"/>	15-19 Anos <input type="checkbox"/>	Mais de 20 Anos <input type="checkbox"/>

3.2-Qual é a sua situação profissional: coloca opções X			
Efetivo <input type="checkbox"/>	Em regime de contrato <input type="checkbox"/>	Eventual <input type="checkbox"/>	Extraordinário <input type="checkbox"/>

3.3-Anos de docência na escola: coloca opções X				
Menos que 5anos <input type="checkbox"/>	5-9anos <input type="checkbox"/>	10-14 anos <input type="checkbox"/>	15-19 anos <input type="checkbox"/>	Mais de 20 anos <input type="checkbox"/>

3.4-Período que trabalha: coloca opções X		
Manhã <input type="checkbox"/>	Tarde <input type="checkbox"/>	Noite <input type="checkbox"/>

3.5-Em quantos turnos leciona	N.º de turnos <input type="checkbox"/>	
3.6-Leciona noutras escolas?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Se sim quais?.....

Seção-IV

Gestão de conflito

O conflito é toda opinião divergente ou maneira de ver ou interpretar algum acontecimento:

1-Na sua escola existe um Gabinete de gestão de conflito escolar?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
2.Se não porque?.....		

3-Que tipo de conflito existe na sua escola?	
Violento <input type="checkbox"/>	Não violento <input type="checkbox"/>
3.1-Mencione os tipos de conflitos violentos registados na sua escola:	

4-Que tipos de conflitos que ocorrem com maior frequência na sua escola:

4.1-Entre alunos e docentes:				
Avaliação inadequada <input type="checkbox"/>	Falta de material didactico <input type="checkbox"/>	Conflitos anteriores <input type="checkbox"/>	Dicriminação <input type="checkbox"/>	Desinteresse dos estudos <input type="checkbox"/>
4.2-Entre os alunos:				
Mal entendidos <input type="checkbox"/>	Rivalidades entre grupos <input type="checkbox"/>	Perda ou danos de bens escolares <input type="checkbox"/>	Namoro <input type="checkbox"/>	Assédio sexual <input type="checkbox"/>
4.3-Entre pais ,docentes e director da escola				
Critério de avaliação <input type="checkbox"/>	Reprovação <input type="checkbox"/>	Falta dos professores <input type="checkbox"/>	Questões financeiras <input type="checkbox"/>	Ascensão de cargos <input type="checkbox"/>

5-Já participou em alguma formação de mediação de conflito?	Sim <input type="checkbox"/> Não, <input type="checkbox"/> (Se “não pular)
Se sim quais os temas.....	

Secção V

Opinião do professor sobre a violência

1-Já teve alguma formação no domínio de violência na escola?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
1.2-Se sim, quais foram os temas		

2-Que tipo de violência conhece?			Violência física <input type="checkbox"/>	
Violência sexual <input type="checkbox"/>	Violência psicológica <input type="checkbox"/>	Violência moral <input type="checkbox"/>	Violência patrimonial <input type="checkbox"/>	Outras <input type="checkbox"/>

3-Para si a violência na escola é:			
Agressão física <input type="checkbox"/>	Danos materiais <input type="checkbox"/>	Destruição dos equipamentos <input type="checkbox"/>	Injúria <input type="checkbox"/>
Difamação <input type="checkbox"/>	Calúnia <input type="checkbox"/>	Intimidação <input type="checkbox"/>	Bylling <input type="checkbox"/>
Palavrões <input type="checkbox"/>	Pontapés <input type="checkbox"/>	Destruição dos bens pessoais <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

4-Na sua opinião por que razões as crianças brigam, umas com as outras				
Problemas psicológicos <input type="checkbox"/>	Vivência familiar <input type="checkbox"/>	Oriundas de famílias violentas <input type="checkbox"/>	Falta de carteira <input type="checkbox"/>	Uso de bebidas alcólicas <input type="checkbox"/>
Agressivas <input type="checkbox"/>	Inveja <input type="checkbox"/>	Excesso de alunos na sala de aula <input type="checkbox"/>	Meio social <input type="checkbox"/>	Falta de educação <input type="checkbox"/>

5-Já assistiu uma situação de violência na escola:	
Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>

5.1-Se responder sim à questão anterior, quem participou nessa situação de violência			
Pais /encarregados de educação <input type="checkbox"/>	Alunos e professores/ra <input type="checkbox"/>	Alunos <input type="checkbox"/>	Amigos <input type="checkbox"/>
Auxiliares da escola <input type="checkbox"/>	Pessoas estranhas a escola <input type="checkbox"/>	Famíliares <input type="checkbox"/>	Outras <input type="checkbox"/>

6-Em que espaço da escola ocorre mais violência:			
Na sala de aula <input type="checkbox"/>	No corredor <input type="checkbox"/>	Na cantina <input type="checkbox"/>	
Na casa de banho <input type="checkbox"/>	Durante o intervalo <input type="checkbox"/>	A saída da escola <input type="checkbox"/>	Outras <input type="checkbox"/>

7-Quantos atos de violência tem conhecimento que ocorra por dia na sua escola:			
Menos que 5 <input type="checkbox"/>	5 a 9 <input type="checkbox"/>	10 a 15 <input type="checkbox"/>	Mais que 15 <input type="checkbox"/>

8-Que tipo de danos ocorre no ato de violência:				
Física <input type="checkbox"/>	Psicológica <input type="checkbox"/>	Materiais <input type="checkbox"/>	Patrimonial <input type="checkbox"/>	Outras <input type="checkbox"/>

Secção VI

Tipo de violência

1-Durante o intervalo que tipo de violência se regista mais?	
Física:	
Pontapés <input type="checkbox"/>	Bofetadas <input type="checkbox"/> Soco <input type="checkbox"/> Empurrões <input type="checkbox"/> Belisção <input type="checkbox"/> Outras <input type="checkbox"/>
Psicológica:	
Palavrões <input type="checkbox"/>	Insultos <input type="checkbox"/> Ameaças <input type="checkbox"/> Difamação <input type="checkbox"/> Outras <input type="checkbox"/>
Violência patrimonial:	
Danos materiais <input type="checkbox"/>	Destruição dos objectos pessoais <input type="checkbox"/> Outras <input type="checkbox"/>
Danos materiais:	
Carteiras <input type="checkbox"/> janelas <input type="checkbox"/> Vidros <input type="checkbox"/> Portas <input type="checkbox"/> Paredes <input type="checkbox"/> Mesas <input type="checkbox"/>	Secretarias <input type="checkbox"/> Computadores <input type="checkbox"/> Telemóveis <input type="checkbox"/> Loiças Sanitárias <input type="checkbox"/>
Plantas <input type="checkbox"/>	Outras <input type="checkbox"/>
Violência Sexual:	
Assédio Sexual <input type="checkbox"/>	Abuso Sexual <input type="checkbox"/> Violação Sexual <input type="checkbox"/> Outras <input type="checkbox"/>

2-Em que faixa etária ocorre mais violência na escola? coloca opções X				
6ª 8 anos	8ª 10 anos	10ª 12 anos	12 a 15 anos	15 a 17 anos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3-Em que nível de escolaridade ocorre a violência na escola: coloca opções X		
6ª a 7ª classe	7ª a 8ª classe	8ª a 9ª classe
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Seção VII

Atitude do professor

Por favor marca com x na opção que melhor expressa a sua opinião

1-Qual é a sua atitude perante um ato de violência?

Não intervenho	
Telefono os familiares	
Vou contra o agressor	
Chamo a Polícia	
Apresento queixas a direção da escola	
Ajudo a resolver o conflito	
Expulso o aluno do recinto escolar	
Outras	

Secção VIII

Conceção do professor

1-Na sua opinião a violência na escola está relacionado com:

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Pobreza (desemprego)					
Desestruturação familiar					
Ambiente social					
Meios de comunicação social					
Ausência dos pais					
Uso incorreto de internet					
Grupo de pares					
Uso de bebidas alcoólicas					
Uso de drogas					
Carência afetiva					

Seção IX

Opinião do professor sobre o fenómeno de violência na escola

1-Do seu ponto de vista as medidas preventivas e repressivas abaixo indicadas seriam possíveis para diminuir a violência na escola?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Introduzir conteúdos sobre a violência na escola através do currículo escolar					
Formação e capacitação permanente dos professores					

Criar comissão dos pais					
Colocar polícia na escola					
Campanha de informação e sensibilização com as famílias					
Introduzir programas religiosos na escola					
Criar normas repressivas na escola					

2-Caso seja diretor da turma implementaria essas medidas para acabar com a violência na escola?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Incentivar os alunos a participarem nas atividades escolares					
Articulação de família/escola					
Criar um gabinete de atendimento e aconselhamento					
Ajudar os alunos mais desfavorecidos com					

(materiais escolares outros)					
Intensificar atividades desportivas					
Bloquear acesso a internet					
Castigos corporais					
Medidas Administrativas					

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo n.º 2 - Distribuição do questionário

Ordens	Características das respostas	Tipo de itens	Nº de itens	Observação Intensidade das respostas
Secção I	Localização geográfica	Respostas abertas	1,2	Marcar com um X
Secção II	Dados pessoais de identificação	Respostas abertas e fechadas	2.2,2.3,2.4,2.5	Marcar com um X
Secção III	Situação profissional	Respostas abertas e fechadas	3.1,3.2,3.3,3.4,3.5,3.6	Marcar com um X
Secção IV	Opinião do professor sobre a violência	Respostas abertas e fechadas	1,2,3,3.1,4,4.1,4.2,4.3,5	Marcar com um X
Secção V	Tipo de violência	Respostas fechadas	1,1.2,2,3,4,5,5.1,6,7,8	Marcar com um X
Secção VI	Atitude do professor	Respostas fechadas	1,2,3	Marcar com um X
Secção VII	Conceção do professor	Respostas fechadas	1	Discordo totalmente discordo parcialmente, não concordo Concordo parcialmente Concordo totalmente, não, talvez provavelmente, concerteza, sim
Secção VIII	Conceção do professor	Respostas fechadas	1,2	discordo totalmente discordo parcialmente, não concordo

				concordo parcialmente
				concordo totalmente
Seção IX	Opinião do professor sobre o fenómeno da violência doméstica	Respostas fechadas	1,2	discordo totalmente discordo parcialmente, não concordo concordo parcialmente concordo totalmente

Anexo n.º 3 – Tabela de respostas

Tabela 2 - Tipo de violência que se regista mais durante o intervalo

Tipo de violência		Frequência	Percentagem
Física	Pontapés	29	53,7
	Bofetadas	28	51,9
	Soco	30	55,6
	Empurrões	51	95,4
	Beliscão	21	38,9
Psicológica	Palavrões	32	59,3
	Insultos	28	51,9
	Ameaças	39	72,2
	Difamação	22	40,7
Violência Patrimonial	Danos Materiais	30	55,6
	Destruição dos objetos pessoais	29	53,7
Materiais	Carteiras	46	85,2
	Vidros	37	68,5
	Portas	37	68,5
	Janelas	36	66,7
	Mesas	38	70,4
	Secretárias	6	11,1
	Computadores	3	5,6
	Telemóveis	12	22,2
	Loiças Sanitárias	1	1,9
	Plantas	2	3,7
Violência Sexual	Assédio Sexual	26	48,1
	Abuso Sexual	2	3,7
	Violência Sexual	2	3,7

Apêndices

Apêndice A - : Solicitação para aprovação do questionário

Exma. Senhora Diretora do Instituto

Nacional de Estatística de São Tomé

Assunto: Solicitação para aprovação do questionário de um inquérito no âmbito de trabalho de investigação para tese de mestrado.

Eu, Ivete da Graça dos Santos Lima Correia, mestranda da Universidade de Évora em São Tomé e Príncipe, encontro neste momento a desenvolver na Universidade de Évora sob orientação da professora auxiliar do Departamento de Pedagogia e Educação na Universidade de Évora de Portugal Dr^a Marília Sota Favinha, um trabalho de investigação no âmbito do mestrado em Ciências da Educação: Administração Regulação e Políticas Educativas. A primeira fase desta investigação, engloba aplicação de um questionário aos docentes da 7^a, 8^a, 9^a classe através do qual pretendemos compreender como os professores relacionam com o grau de violência na escola, e as suas perceções, representações de forma que , com o resultado do estudo possamos encontrar um mecanismo para melhorar a intervenção dos professores na escola, proporcionando um ambiente acolhedor e saudável entre os alunos e professores, garantindo assim, um espaço saudável e o bem estar dos mesmos.

Para que esta investigação seja realizada com sucesso, solicito a V. Ex^a a aprovação do referido questionário no âmbito da dissertação cuja o tema” **A Violência na escola; perceção e representação dos professores da escola secundária de Bombom-Distrito de Mé-Zochi**” e de acordo ao preceituado da Lei n.º 5/98, garantindo que todas as informações facultadas serão absolutamente confidenciais e destinadas apenas ao referido fim.

Agradeço a sua colaboração e desde já manifesto total disponibilidade para dar a conhecer os resultados desta investigação, caso exista interesse da vossa parte.

Grata pela atenção e disponibilidade, subscrevo-me com consideração.

S. Tomé ,6 de dezembro de 2017.

Ass: Ivete Santos Lima Correia

Apêndice B - : Solicitação para aplicação um inquérito por questionário aos professores

Exmo. Senhor Diretor, do da Escola
Secundária De Bombom Januário José da Costa de
São Tomé

Assunto: Solicitação para aplicação um inquérito por questionário aos professores

Sou Ivete da Graça dos Santos Lima Correia, mestranda da Universidade de Évora em São Tomé e Príncipe, encontro neste momento a desenvolver na Universidade de Évora sob orientação da professora auxiliar do Departamento de Pedagogia e Educação na Universidade de Évora de Portugal Dr^aMarília Sota Favinha, um trabalho de investigação no âmbito do mestrado em Ciências da Educação: Administração Regulação e Políticas Educativas. A primeira fase desta investigação, engloba aplicação de um questionário aos docentes da 7^a,8^a, 9^a classe através do qual pretendemos compreender como os professores relacionam com o grau de violência na escola, e as suas perceções, representações de forma que, com o resultado do estudo possamos encontrar um mecanismo para melhorar a intervenção dos professores na escola, proporcionando um ambiente acolhedor e saudável entre os alunos e professores, garantindo assim, um espaço saudável e o bem-estar dos mesmos. Para que esta investigação seja realizada com sucesso, solicito a V. Ex^a a autorização para entregar os questionários aos professores da sua escola, garantindo que todas as informações facultadas serão absolutamente confidenciais e destinadas apenas ao referido fim.

Agradeço a sua colaboração e desde já manifesto total disponibilidade para dar a conhecer os resultados desta investigação, caso exista interesse da vossa parte.

Grata pela atenção e disponibilidade, subscrevo-me com consideração.

S. Tomé, 6 de dezembro de 2017.

Ass: Ivete Santos Lima Correia

Apêndice C - : Lei n.º 11/2008 Lei Sobre a Violência Doméstica e Familiar, Lei n.º 12/2008, Lei Sobre o Reforço dos Mecanismos de Protecção Legal Devidas às Vítimas de Crimes de Violências Doméstica e Familiar.



Adobe Acrobat
Document